

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO

OLMARO PAULO MASS

**RACIONALIDADE DIALÉTICA ENTRE
MITO E ESCLARECIMENTO:
UMA LEITURA DA *DIALÉTICA DO
ESCLARECIMENTO*, DE
T. W. ADORNO E M. HORKHEIMER**

Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza
Orientador

Porto Alegre
2011

OLMARO PAULO MASS

**RACIONALIDADE DIALÉTICA ENTRE MITO E ESCLARECIMENTO:
UMA LEITURA DA *DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO*,
DE T. W. ADORNO E M. HORKHEIMER**

Dissertação apresentada à banca examinadora como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza

Porto Alegre

2011

AGRADECIMENTOS

Ao amigo e mestre Ricardo Timm de Souza,
pelo incentivo e orientação do trabalho.

Aos meus familiares,
pai Lindolfo e mãe Melita Mass, pelo apoio.

Aos professores, à secretaria e coordenação do
Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS.

Aos professores do Instituto de Filosofia,
em especial, ao José André da Costa e Roque Zimmermann.

Ao colega Irio Conti e ao amigo Evandro Pontel
pela acolhida durante minhas viagens de estudo para Porto Alegre.

Aos Missionários da Sagrada Família.

Dedico esse trabalho àqueles que ao longo dos anos me incentivaram e colaboraram na minha formação intelectual e humana.

RESUMO

Este estudo investiga a crítica realizada por Theodor Adorno e Max Horkheimer ao conceito de racionalidade moderna, na *Dialética do Esclarecimento*, que tem seu ápice nas promessas essencialmente iluministas. Ao abordarem de maneira sucinta e ímpar a origem do logos ocidental, perceberam que a genealogia do conhecimento, o seu núcleo central, está na necessidade dramática e incontrolável do ser humano se autoafirmar perante as forças da natureza que impõem medo. Por isso, o conceito de esclarecimento não pode ser compreendido somente à luz do século XVIII e de suas derivações otimistas. Para os autores, no mito já havia um conhecimento intuitivo e explicativo, de algum modo inseparável do pensamento esclarecedor. Este visava dar explicações e justificativas sobre os acontecimentos da relação do ser humano com a natureza. Portanto, a cada resistência na tentativa de dominação da natureza, o ser humano vai aumentando seu potencial, sua força e seu poder sobre ela. Assim, o ponto de partida da *Dialética do Esclarecimento* é uma crítica à sociedade iluminista e à racionalidade moderna que se tornou instrumental. Para Adorno e Horkheimer devemos perceber os limites da modernidade, da razão e da ciência, os aspectos mais sutis e agressivos que já estavam presentes na relação recíproca – *dialética* – entre mito e esclarecimento. Embora o tema abordado ‘racionalidade dialética entre mito e esclarecimento’ constitua o percurso desta dissertação, é importante recolocarmos a questão que os autores fazem: por que a humanidade está se afundando em uma nova espécie de barbárie? Frente a este questionamento eles investigam e aprofundam de forma crítica o conhecimento estratégico e instrumental que se tornou mecanismo de poder e repressão. Com a tese de que o mito é esclarecimento e o esclarecimento se transformou em mitologia, mostram, ainda, que a racionalidade moderna, sob as ‘luzes’ da razão, tem seu germe de regressão por toda a parte. A pesquisa se desenvolve em três momentos: o primeiro capítulo compreende o contexto e as fontes das principais questões filosóficas da obra *Dialética do Esclarecimento*; o segundo expõe Ulisses como o protótipo do homem moderno a partir do excuro I; por fim, no último capítulo aborda-se a racionalidade dialética entre o mito e o esclarecimento.

Palavras-chave: Theodor Adorno. Max Horkheimer. Teoria Crítica. Esclarecimento. Mito. Dialética. Razão instrumental.

ABSTRACT

This study investigates the criticism made by Theodor Adorno and Max Horkheimer to the modern concept of rationality in the *Dialectics of Enlightenment*, which is essentially focalized in the promises of the *Aufklärung*. When they broached the origin of Western logos in a succinct and unique form, realized that the genealogy of knowledge, they perceived that the core is in the dramatic and uncontrollable need of the human being to have a self-reliance before the forces of nature which imposes fear. Therefore, the concept of enlightenment can not be understood only in light of eighteenth. For the authors, in the myth there was a knowledge, which is intuitive, explanatory and inseparable from the clarifier thought. This aimed to give explanations and justifications about the events of the relationship between human being and nature. Therefore, i every resistance in the attempt to dominate nature, human beings will increase his potential, his strength and power over it. Thus, the starting point of the *Dialectics of Enlightenment* is a critique of the enlighten society and modern rationality, which has become instrumental. They make us realize the limits of modernity, reason and science, the more subtle and aggressive aspects that were already present in the mutual relationship between myth and enlightenment. Though the topic broached 'rational dialectic between myth and enlightenment' constitutes the course of this dissertation, it is important to review the question which the authors used to do: why mankind is sinking into a new kind of barbarism? Faced with this question they investigate critically and deepen the strategic and instrumental knowledge that became a mechanism of power and repression. With the *thesis* that the myth is elucidation and elucidation has become mythology, also shows that modern rationality, under the 'lights' of the reason, has its regression germ in everywhere. The research is developed in three stages: the first chapter includes the context and the sources of the main philosophical questions of the *opus* Dialectic of Elucidation; the second presents Odysseus as the prototype of modern man from the tour I; Finally, the last chapter deals with the dialectic rationality between myth and elucidation.

Keywords: Theodor Adorno. Max Horkheimer. Critical Theory. Enlightenment. Myth. Dialectics, Instrumental reason.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. CONTEXTO E FONTES DAS PRINCIPAIS QUESTÕES FILOSÓFICAS DA <i>DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO</i>	12
1.1. PROJETO FILOSÓFICO GERAL DA TEORIA CRÍTICA	12
1.2. O PONTO DE PARTIDA DA <i>DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO</i> : CRÍTICA À RACIONALIDADE ILUMINISTA	24
1.3. O DESENCANTAMENTO DO MUNDO E A AUTOCONSERVAÇÃO	32
2. ULISSES COMO PROTÓTIPO DO HOMEM MODERNO	39
2.1. ULISSES, O VIAJANTE DE TRÓIA A ÍTACA	39
2.2. O SACRIFÍCIO E A ASTÚCIA: AUTOCONSERVAÇÃO E MEDO	49
2.3. GENEALOGIA VIOLENTA DA SOCIEDADE ILUMINISTA	54
3. RACIONALIDADE DIALÉTICA ENTRE MITO E ESCLARECIMENTO	64
3.1. DIALÉTICA ENTRE MITO E ESCLARECIMENTO	67
3.2. IMPULSO MIMÉTICO REPRIMIDO E SUA CONSCIÊNCIA	74
3.3. RACIONALIDADE INSTRUMENTAL E RACIONALIDADE CRÍTICA	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95

INTRODUÇÃO

Theodor Adorno e Max Horkheimer são membros-fundadores da primeira geração da Escola de Frankfurt, e desenvolveram, em um trabalho árduo e conjuntamente com outros membros da Escola, a denominada “Teoria Crítica”. Buscaram, essencialmente, compreender as principais razões pelas quais as promessas essencialmente iluministas (liberdade, igualdade, fraternidade) de transformar a humanidade em curto prazo não se realizaram. Estes ideais iluministas tão grandiosos contribuíram sabidamente, na prática das tentativas pretensas ou reais de sua efetivação, para a concretização de um novo modelo político e econômico com características dominantes e opressoras.

A filosofia crítica de Adorno e Horkheimer tem assim o objetivo específico de criticar, em uma feição rigorosamente filosófica e muito particular, as mudanças que se realizaram em pouco tempo nos mais variados campos do saber e da vida social, dentre elas: econômicas, políticas, jurídicas, morais, éticas, estéticas, culturais e científicas. Segundo Marc Jimenez, “ela (Teoria Crítica, O. P. M.) igualmente se pretende multicrítica, na medida em que procura demonstrar os mais sutis mecanismos pelos quais a dominação integra o existente a uma totalidade pseudo-racional e opressiva”.¹ Portanto, a Teoria Crítica – como é denominada, em sentido lato, a produção teórica da Escola – tem por finalidade denunciar que a sociedade vive sob o predomínio de uma racionalidade que se tornou hegemonicamente instrumental.

A partir do conceito de ‘racionalidade instrumental’ desenvolvido especialmente na *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer procuram ir às raízes do desmoronamento da modernidade enquanto reflexo necessário de suas promessas, do projeto iluminista que não conseguiu atingir os objetivos e sua principal finalidade: tornar os indivíduos livres numa sociedade emancipada. A racionalidade instrumental, por meio da ciência e da tecnologia, permitiria aos indivíduos criar condições materiais favoráveis para a promoção do bem-estar a todos os membros da sociedade. Por isso, na ciência moderna, progresso é sinônimo de conquista. Assim, os desenvolvimentos tecnológicos auxiliariam nas transformações históricas específicas que solucionariam os problemas econômicos e sociais da humanidade. Mas, para Adorno e Horkheimer, em vez de possibilitar a humanização a partir de uma

¹ JIMENEZ, Marc. **Para ler Adorno**. Trad. Roberto Ventura. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977, p. 28.

sociedade mais organizada, mais planejada por meio da razão e do progresso, está-se adentrando, ou atingindo o ápice, de uma nova espécie de barbárie nunca vista antes na história da humanidade. Surgem os questionamentos: como é possível a humanidade reproduzir uma nova forma extrema de barbárie? O que deu errado? Quais são as principais causas ou motivos? Para Adorno e Horkheimer, a razão instrumental, a ciência moderna, as novas tecnologias e invenções, despossuídas de seu crivo crítico original, são a base cognitiva dos responsáveis pelas atrocidades. As duas guerras mundiais, Auschwitz e as demais crueldades contra a humanidade são, *ultima ratio*, fruto de uma racionalidade instrumental e do uso de uma tecnologia altamente eficaz de organização e controle do mundo. Como aduzem no prefácio da obra: “o que nos propuséramos era, de fato, nada menos do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar num estado verdadeiramente humano, está se aprofundando numa nova espécie de barbárie”.² Pois é fato que as promessas em relação aos principais ideais de emancipação do ser humano se revelam, no mínimo, frágeis, contraditórias e paradoxais.

A categoria central que aparece no texto é, naturalmente, o conceito de ‘esclarecimento’. Este, na compreensão dos autores, não se limita ao século XVIII, mas está presente desde as crenças míticas mais antigas. Em suma, o conceito de esclarecimento não pode ser reduzido a fatos acontecidos na modernidade. Por isso, identificam que, na sua origem e em seu desenvolvimento, o conhecimento moderno é determinado pela dialética entre mito e esclarecimento. Toda a tentativa de romper, de distanciar-se da tradição histórica da relação do indivíduo com a natureza, pelo viés da negação, é interpretada por Adorno e Horkheimer como um elemento preparatório para que os mitos, revestidos de credibilidade racional, voltem a se potencializar de forma paradigmática na sociedade moderna. “O que seria diferente é igualado. Esse é o veredicto que estabelece criticamente os limites da experiência possível”³, que possui os principais elementos do mito. Cabe a questão: quais são os principais elementos do esclarecimento mítico que são abarcados pela modernidade? O mito naturalizou-se na racionalidade moderna, que, para Adorno e Horkheimer, é instrumental. No mito, a humanidade era ainda “pouco esclarecida” e fazia uso de uma linguagem simbólico-intuitiva para poder orientar a relação do homem

² ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 11. reimp. 2006 com nova paginação e capa.

³ Idem, p. 23.

com a natureza. Na modernidade, o esclarecimento não possui uma autoconsciência crítica de seus *limites*, reproduzindo a lógica obscura do conhecimento arcaico. Por isso, a afirmação de Adorno e Horkheimer: “o esclarecimento corrói a injustiça da antiga desigualdade”⁴ e perpetua-se ao romper com a natureza pelo instrumento moderno de abstração. Este mecanismo, na modernidade, é nivelador e reproduzível por um processo cíclico, cujas vítimas são a natureza e o próprio ser humano. “O céu e o inferno, porém, estão ligados um ao outro”;⁵ no entremeio da liberdade conquistada pelo esclarecimento no sentido de exercitar o uso livre da razão pulsam as desgraças e as experiências lastimáveis que a humanidade realizou ao tentar desencantar a natureza e legitimar a sua autonomia.

Para Adorno e Horkheimer, a desmitologização e a dominação da natureza não estão interrompidas. O conceito de esclarecimento está relacionado ao desencantamento do mundo, que, no início se dá por meio da imaginação e da criação mítica, e na modernidade, por um saber mais lógico, abstrato e matemático. A sociedade burguesa, dominada pelo equivalente de sobrevivência, desenvolve um processo de repulsa quando não há mais reconhecimento do seu poder, substrato de sua dominação: “cada resistência espiritual que ele encontra serve apenas para aumentar a sua força. Isso se deve ao fato de que o esclarecimento ainda se reconhece a si mesmo nos próprios mitos”.⁶ Por isso, o fim do terror nacional-socialista e as sucessivas guerras não são meros fatos históricos isolados ou acidentais, mas resultados do totalitarismo e da hipocrisia da civilização burguesa que impera por meio do medo e da autoconservação e da autojustificação racional. Os mecanismos de poder e repressão que estavam presentes nas explicações mitológicas continuam, de algum modo, reproduzindo a lógica de uma dominação perversa na modernidade.

Assim, surge uma das questões de grande relevância filosófica, que se buscará refletir no decorrer desta pesquisa na *‘Dialética do Esclarecimento’*: qual é o alcance da *‘Kritische Theorie’* (Teoria Crítica) na possibilidade do estabelecimento da passagem da crítica da racionalidade instrumental à sustentação de um pensamento crítico dialético? Nas palavras de Adorno e Horkheimer, “a questão é que o esclarecimento tem que tomar consciência de si mesmo, se os homens não devem ser

⁴ Idem, p. 24.

⁵ Idem, p. 25.

⁶ Idem, p. 25.

completamente atraídos. Não se trata da conservação do passado, mas de resgatar a esperança passada”.⁷

O objetivo sobre o qual nos debruçaremos nesta investigação visa compreender a relevância filosófica que a *Dialética do Esclarecimento* proporciona para a formação e construção de um pensamento filosófico crítico, emancipador, audacioso e provocador, passível de credibilidade em um tempo de instabilidade e de fragmentação do entendimento humano.

Ressalte-se também que o estranhamento aos escritos de Adorno e Horkheimer, de modo particular, a *Dialética do Esclarecimento*, é um indício de que há ainda um pensamento crítico a ser descoberto. Adorno e Horkheimer propõem a partir do pensamento filosófico verificar a possibilidade de olhar para a realidade de uma forma reflexiva e crítica.

Expomos a investigação realizada e articulamos o pensamento dos autores em estudo com o de alguns de seus principais comentadores. O presente trabalho se divide em três capítulos e subtítulos. Em primeiro lugar, no primeiro capítulo, procuramos compreender o contexto e as fontes das principais questões filosóficas da obra *Dialética do Esclarecimento*. Enfocamos a Teoria Crítica e o ponto de partida: crítica à racionalidade iluminista. Além disso, o desencantamento do mundo e a autoconservação. No segundo capítulo, analisamos a figura de Ulisses como protótipo do homem moderno a partir do Excurso I: Ulisses ou mito e esclarecimento. Destacamos especialmente “Ulisses, o viajante de Tróia a Ítaca”; “O sacrifício e a astúcia: autoconservação e medo” e focamos a genealogia violenta da sociedade iluminista. Em terceiro lugar, procuramos desenvolver o núcleo central de nossa pesquisa: a *racionalidade dialética entre mito e esclarecimento*, da seguinte forma: “Dialética entre mito e esclarecimento”; “O impulso mimético reprimido e sua consciência”; “racionalidade instrumental e racionalidade crítica”. Para Adorno e Horkheimer a auto-reflexão crítica é fundamental para a compreensão e ampliação do conceito de razão, uma racionalidade dialética-emancipatória inerente à crítica à racionalidade instrumental.

⁷ Idem, p.14.

1. CONTEXTO E FONTES DAS PRINCIPAIS QUESTÕES FILOSÓFICAS DA DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO

“Assustado com a própria imagem refletida no espelho, o pensamento abre uma perspectiva para o que está situado além dele.”⁸

1.1. PROJETO FILOSÓFICO GERAL DA TEORIA CRÍTICA

É oportuno, inicialmente, destacar alguns princípios fundamentais que motivaram o surgimento da “*Escola de Frankfurt*”⁹ por um grupo de intelectuais. Com efeito, este aspecto não é desarticulado do próprio clima intelectual que possibilitou a convergência de forças intelectuais que, finalmente, constituiu a própria Escola.

O Instituto de Pesquisa Social – *Institut für Sozialforschung* – foi criado oficialmente em 3 de fevereiro de 1924, com a intenção de compreender as contradições da racionalidade moderna, a sua estrutura e o papel do proletariado como agente histórico de emancipação, a partir do pensamento filosófico de Karl Marx, tal como entendido por marxistas alemães daquele momento histórico. Portanto, a pesquisa e a reflexão, segundo Barbara Freitag, tinham uma orientação clara e objetiva, ou seja, a história do socialismo e o movimento operário, “... procurando descrever, dentro da tradição marxista, as mudanças estruturais na organização do sistema capitalista, na relação capital-trabalho e nas lutas dos movimentos operários”¹⁰ organizados. Mas, com a nomeação de Max Horkheimer (1930) como diretor, o Instituto ganha uma nova feição e amplia seu arsenal crítico para investigar as fontes e as condições históricas que mantêm e sustentam as estruturas da racionalidade instrumental. Surge uma pergunta complexa e de difícil compreensão: quais os motivos de a classe operária perder a força de sua condição

⁸ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 97.

⁹ Há uma excelente descrição concisa sobre a Escola de Frankfurt feita por Paul-Laurent Assoun. Segundo ele “a Escola de Frankfurt é assim a etiqueta que serve para marcar um acontecimento (a criação do Instituto), um projeto científico (intitulado ‘filosofia social’), uma atitude (batizada de ‘Teoria Crítica’), enfim uma corrente ou movimentação teórica ao mesmo tempo contínua e diversa (constituída por individualidades pensantes). Sendo isso tudo, é mais do que isso: um fenômeno ideológico que produz curiosamente os seus próprios critérios de identificação através do seu processo criador: é pelo menos a validade desta aposta crítica que é preciso examinar” (ASSOUN, Paul-Laurent. **A Escola de Frankfurt**. Trad. Elena Cardoso. São Paulo: Ática, 1991. p. 19).

¹⁰ FREITAG, Barbara. **A Teoria Crítica ontem e hoje**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 11.

revolucionária? Podemos perceber na introdução do prefácio para a reedição (1968) de coletâneas de estudos *Teoria Crítica I*,¹¹ algumas observações referentes à crise do poder político do liberalismo e da ciência, mas também do terror das experiências socialistas.

No texto “Autoridade e Família” das coletâneas de estudos *Teoria Crítica I*, segundo Barbara Freitag, Horkheimer procura entender a “estrutura da personalidade da classe operária européia” e as causas que levaram o proletariado a não ter mais condições de derrocar a estrutura capitalista e difundir a revolução socialista. Por causa das condições sociais e psíquicas, além das repressões políticas, “segundo os teóricos de Frankfurt, essa classe teria perdido a consciência de sua missão histórica, submetendo-se às formas de dominação e exploração totalmente contrárias ao seu interesse emancipatório”.¹² Com relação ao primeiro artigo (“observações sobre ciência e crise”) da Teoria Crítica I, Horkheimer tem uma visão “pessimista” e questiona os avanços científicos e tecnológicos da sociedade moderna. Ao proporcionar múltiplos resultados para o progresso e o crescimento econômico, contraditoriamente, também provocou a exclusão de milhões de pessoas que não têm acesso a esses meios. Portanto, segundo Horkheimer, os resultados não correspondem aos objetivos propostos pela ciência moderna. Em suas palavras,

Se os resultados científicos tiveram aplicação útil na indústria, ao menos parcialmente, por outro lado ela fracassou exatamente diante dos problemas do processo global, que antes da guerra já dominava a realidade através das crises cada vez mais acentuadas e das lutas sociais daí resultantes”.¹³

O Instituto tem, assim, sua origem nas teorias sociais então correntes desde o viés de sua problematização, bem como nas contribuições filosóficas de Karl Marx e, posteriormente, é enriquecido pelo programa interdisciplinar da Teoria Crítica, num arco que abrange da estética à psicanálise. Como diz Marcos Nobre, o materialismo interdisciplinar tinha por intento principal em suas hipóteses “que o capitalismo produz não apenas a ilusão de uma sociedade de livres e iguais, mas

¹¹ Esta obra, em sua forma traduzida ao português, é uma coletânea de oito artigos de Horkheimer e uma rica introdução feita por Olgária Matos. Os artigos são os seguintes: 1. Observações sobre ciência e crise; 2. História e psicologia; 3. Materialismo e metafísica; 4. Materialismo e moral; 5. Do problema da previsão nas Ciências Sociais; 6. Da discussão do racionalismo na filosofia contemporânea; 7. Sobre o problema da verdade; 8. Autoridade e família. Para o tema proposto em discussão é interessante ler os artigos sobre observações sobre a ciência e crise e sobre a autoridade e família.

¹² FREITAG, Barbara. **A Teoria Crítica ontem e hoje**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 13-14.

¹³ HORKHEIMER, Max. **Teoria Crítica I**. Trad. Hilde Cohn. São Paulo: Perspectiva, 1990. p. 9.

também a da possibilidade concreta da realização da igualdade e da liberdade”.¹⁴ Portanto, a fonte principal de análise do “Instituto de Pesquisa Social” é realizar um diagnóstico do sistema capitalista e as contradições desse sistema e, por fim, o seu fracasso nas soluções dos problemas sociais. Marx possibilitou aos frankfurtianos analisar as estruturas da organização da sociedade capitalista, compreender a natureza e a lógica do mercado e os meios que dispunha para produzir sua própria subsistência e a superação do modelo feudal agrário. Na análise marxista, o proletariado seria o sujeito histórico da revolução por meio da organização social. Para Lukács, nessa tradição, “somente quando o proletariado tornar-se consciente poderia ser sujeito histórico da revolução.”¹⁵ Enquanto essa consciência não existir, a crise da classe trabalhadora mantém-se e tende a se agravar. Percebe-se que a situação se agravou e o sistema econômico sobreviveu à custa dos pretensos desígnios de sua própria destruição.

Assim sendo, cabe destacar alguns tópicos norteadores e especulativos mais gerais que influenciaram o pensamento crítico de Adorno e Horkheimer. Vejamos o que nos afirma Marcos Nobre sobre essa questão: “compreender como se estrutura o mercado e de que maneira o conjunto da sociedade se organiza a partir dessa estrutura significa, simultaneamente, compreender como se distribui o poder político e a riqueza”.¹⁶ Marx pode nos ajudar a compreender como a sociedade capitalista é organizada e como desencantou a relação intrínseca entre trabalho, sobrevivência e relação do homem com a natureza, ou seja, em que sentido o esclarecimento é engendrado “no e pelo trabalho” na produção da mercadoria para a sustentação do mercado econômico em que o trabalho é desmitologizado. Segundo Marx, quanto mais alheio diante de si, mais pobre o trabalhador se torna, pois

[...] o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica

¹⁴ NOBRE, Marcos. *A Teoria Crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 49.

¹⁵ LUCKÁCS, G. **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. Trad. Rodinei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 21.

¹⁶ NOBRE, Marcos. **A Teoria Crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 25.

sua própria natureza. Desenvolve as potencialidades nela adormecidas e submete ao seu domínio o jogo das forças naturais.¹⁷

No sistema capitalista, a lógica da troca e das atividades de produção, reprodução e a vida social dos indivíduos são estruturadas em torno do mercado livre e regulados pela oferta e pela procura dos produtos que o próprio trabalhador produz. O proletário vende sua força de trabalho para poder se sustentar em suas necessidades básicas. Segundo Marcos Nobre, “ao utilizarem o salário recebido na compra de mercadoria para sua própria sobrevivência, os proletários criam também o mercado interno para o próprio capital industrial”.¹⁸ A riqueza que o trabalhador produz é apropriada sob forma de lucro, segundo a conhecida teoria da mais-valia. Quanto mais tal abstração se realiza pelas leis do mercado, a partir da posição relativa de valores que se concentram nos poderes econômicos, mais as benesses tecnológicas favorecem a unificação da aparelhagem econômica e científica. O dono do capital explora o trabalhador, gerando uma desigualdade econômica e social. O salário que os trabalhadores ganham apenas dá condição precária para adquirirem os bens básicos para a sobrevivência, impossibilitando a eles uma autonomia financeira para o sustento digno de sua família. A força do trabalho se torna um objeto, uma mercadoria, que precisa ser vendida em troca de um salário, e conseqüentemente, ele não possui propriedade sobre o que produz. Vejamos esta questão nas palavras de Celso Frederico:

O trabalho, visto pela economia política exclusivamente como atividade lucrativa, como gerador de valores de troca, leva à completa depreciação do homem. O ser humano, aliás, só interessa à economia política na qualidade de produtor: ‘ela não conhece outra forma de trabalho que a que se faz por dinheiro’. Como isso, estabelece a cisão entre o homem e o operário. A oposição entre homem e cidadão, produzida pela alienação da sociedade civil na esfera estatal, ganha uma nova roupagem e um novo conteúdo na passagem da crítica à política para a crítica da economia política.¹⁹

Ou, como diz Manfredo Araujo de Oliveira sobre a escravização dos indivíduos no sistema capitalista dos modos de produção,

¹⁷ MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro I. Trad de Reginaldo Sant’Anna. São Paulo: Difel, 1985. v. I. p. 202.

¹⁸ NOBRE, Marcos. **A Teoria Crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 27.

¹⁹ FREDERICO, Celso. **O jovem Marx (1843-1844): as origens da ontologia do ser social**. São Paulo: Cortez, 1995. p. 136.

No sistema capitalista de produção, a produção não se faz em função da satisfação das necessidades humanas, mas em função da própria valorização infinita do capital: a natureza, o homem, tudo está em função do capital e de sua lógica. Nada tem mais uma existência para si, mas se transforma em instrumento de autovalorização do capital. A vida dos homens deixa de ser fim para se fazer meio: o processo de produção é entendido como um processo natural e que funciona a partir de leis naturais, que nada têm a ver com as necessidades e as aspirações humanas. O Capital é o absoluto, que instrumentaliza todo e qualquer diferente: ele se transforma em valor supremo. [...] Ele se torna, assim como dizia Marx, o Deus da vida cotidiana.²⁰

Desse modo, percebe-se a que ponto a relação dialética entre o homem, a natureza e as estruturas de dominação, que reprimem as consciências dos indivíduos, são referenciais significativos para a elaboração de uma crítica consistente a racionalidade moderna. Podemos acompanhar uma interpretação mais detalhada desde a percepção de Barbara Freitag, que expõe os argumentos (teses) do ensaio de Horkheimer, em “*Teoria Tradicional e Teoria Crítica*”, escritos de Horkheimer de 1937 da previsão de Marx sobre a transição do modelo político-econômico a partir da organização do proletariado e a autodestruição do capitalismo: “A Teoria Crítica ontem e hoje” afirma que sobre os equívocos da teoria marxista da esperança da revolução do proletariado e a superação do modelo capitalista, “a tese da proletarização progressiva da classe operária não se confirmou; crises cíclicas do capitalismo, decorrentes das alternâncias da produção excessivas e da falta de consumo; e a esperança de que a justiça poderia se realizar simultaneamente com a liberdade revelou-se ilusória.”²¹

Uma das características fundamentais da Teoria Crítica é não ignorar a situação histórico-social e os fatos concretos existenciais em que os indivíduos estão inseridos e envolvidos. O empobrecimento demasiado do proletariado do *locus* histórico-geográfico desde onde Marx pensou não aconteceu, pois houve até certa melhoria de vida dos operários, e surgiu no interior da classe trabalhadora uma aristocracia operária que modificou a organização social de luta dos chamados ‘*países centrais*’. Em decorrência disso, segundo Marcos Nobre, os fatores principais e determinantes para uma ruptura com a teoria marxista de interpretação da realidade e de análises conjunturais do sistema capitalista podem ser definidos,

²⁰ OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Crítica do capitalismo a partir das vítimas. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 52, mar., p. 16, 1992.

²¹ FREITAG, Barbara. **A Teoria Crítica ontem e hoje**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 40.

especialmente no âmbito do pensamento de Horkheimer, nos seguintes termos, segundo Nobre:

Horkheimer considera que os potenciais de emancipação da dominação capitalista encontravam-se bloqueados naquele momento: estabilização dos elementos autodestrutivos do capitalismo, integração das massas ao sistema e repressão a todo movimento de contestação. Com isso, era a própria ação transformadora, a própria prática que se encontrava bloqueada, não restando ao exercício crítico senão o âmbito da teoria.²²

Nesse contexto, a Teoria Crítica trabalha a partir de um diagnóstico do tempo presente, mas conduzido por um comportamento filosófico crítico que mobiliza e atualiza o arsenal da tradição filosófica. A crítica à modernidade realizada por Adorno e Horkheimer não é uma mera suspeita da competência emancipadora da razão e da ciência. O conceito de dominação do homem sobre a natureza e a crítica à racionalidade instrumental passaram a ocupar o lugar central em suas reflexões em todos os seus escritos, na trilha de críticas filosóficas que se gestaram em épocas muito mais antigas. O ser humano moderno, apesar de todas as suas inovações tecnológicas e possibilidades em vista da conquista da natureza em proveito de si mesmo, sente-se inquieto e perplexo por não atingir seus ideais conforme o lema iluminista. É interessante acompanharmos Erich Fromm, nesta questão, pois contribui para a compreensão de fatores psicológicos importantes que aqui intervêm: “Ele (o homem, O. P. M.) labuta e lida, mas tem vaga consciência da futilidade de seus esforços. Enquanto cresce seu poder sobre a matéria, sente-se impotente em sua vida individual e em sociedade.”²³ O domínio que o ser humano foi adquirindo pelo viés da razão e de suas formidáveis descobertas que proporcionaram um modelo de progresso político e econômico tende a produzir novas ameaças a si mesmo. A noção de progresso da modernidade que é vista com desconfiança pela tradição filosófica começa a ser criticada agudamente por Adorno e Horkheimer. Como mostra Olgária Matos: “nos anos de exílio vai se configurando o tom das obras da década de 40, como a *Dialética do Iluminismo* na qual há o eclipsamento do tema da luta de classes e a substituição da crítica à economia política pela crítica à civilização técnica.”²⁴

²² NOBRE, Marcos. **A Teoria Crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 46.

²³ FROMM, Erich. **Análise do Homem**. Trad. Octavio Alves Velho. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. p. 14.

²⁴ MATOS, Olgária. Introdução à obra. In: HORKHEIMER, Max. **Teoria Crítica I**. Trad. Hilde Cohn. São Paulo: Perspectiva, 1990. p. 16.

A Teoria Crítica reconhece que os resultados científicos e a modernização das indústrias de produção em série trouxeram inúmeros benefícios à humanidade, ajudando muitos trabalhadores e trabalhadoras a saírem da miséria e a poderem ter um melhor padrão de vida. Mas, segundo Jorge Soares, neste perceber da tensão entre dominação e emancipação, a Teoria Crítica exercitou com lucidez sua reflexão. Vejamos em suas palavras:

Olhar crítico que tentou sempre transformar a aflição, a angústia da constatação de um “real” cada vez mais administrado em possibilidade de mudança que envolvesse a razão e não se furtasse de manter o coração bem-informado. Foi assim, com esse intuito, que a idéia de “crítica” foi assumida por eles não simplesmente como mero aspecto da teoria, mas também como verdadeira declaração de princípios. É por meio dela e do que se pode distinguir, escolher, julgar e apreciar por um processo de decisão e tomada de posição que eles nos ensinaram a colocar em suspenso, sub judice, qualquer julgamento sobre o mundo, incluindo aí o próprio pensamento que se elabora para dar conta deste.²⁵

Para Horkheimer, a sociedade moderna está chegando ao seu ápice em relação ao processo do esvaziamento crítico da razão, tornando-se cada vez mais formalizada e institucionalizada para fins específicos, ou seja, um aparato que dá sustentação ao sistema de dominação. Ela está a serviço da ciência, que garante as condições objetivas para a práxis da sociedade administrada. O pensador considera que a razão crítica foi dissolvida por uma razão exclusivamente “subjativa”, colocando em outros âmbitos os interesses das pessoas. Em *Eclipse da Razão*, Horkheimer faz uma distinção entre razão objetiva e subjativa. A razão objetiva conseguia conciliar o interesse dos indivíduos com os valores e interesses coletivos. Na modernidade, a natureza foi despojada de todo seu valor em prol de interesses particulares, determinados pela sociedade consumista – “Quanto mais a produção material e a organização social se tornam complicadas e reificadas, mais difícil se torna o reconhecimento dos meios como tais, desde que eles assumem a aparência de identidades autônomas”²⁶. Os indivíduos se deixam seduzir pelas inovações do mercado, tornando-se consumistas compulsivos, subjativamente fixados em seus

²⁵ SOARES, Jorge Coelho. A imaginação dialética de Rolf Wiggershaus. In: WIGGERSHAUS, Rolf. **A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política**. Trad. Lilyane Deroche-Gurgel. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2006. p. 11

²⁶ HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Centauro, 2003. p. 106.

desejos socialmente determinados. O mercado moderno²⁷ criou uma cultura de massa. A indústria cultural, pelos diversificados produtos que consegue oferecer, além de atingir seus objetivos em relação à lucratividade, difunde um padrão de vida unificado em cada indivíduo. Segundo Barbara Freitag, “a maior justiça que conduz a uma homogeneização dos indivíduos e das consciências é adquirida às custas da liberdade de cada um. [...] A homogeneização generalizada é o preço que se paga para assegurar o bem-estar generalizado”.²⁸ A consciência crítica é atrofiada e as pessoas com facilidade são manipuladas conforme a “máquina desejanter” do sistema da racionalidade instrumental introjetada nos indivíduos, que impõe um modelo ou padrão de vida unificado, pensado estrategicamente.

Para Adorno, na *Dialética Negativa*, a filosofia deve “dar voz à sua não-liberdade”²⁹ para proporcionar que seja ela crítica, em primeiro lugar, de si mesma e ter consciência de seus próprios limites enquanto atividade conceitual e de reflexão filosófica sobre a realidade. Ou ainda, ao criticar a si mesma sem compaixão, “a filosofia, que um dia pareceu ultrapassada, mantém-se viva porque perdeu o instante de sua realização”.³⁰ Pensar e tematizar questões filosóficas que provoquem um exercício crítico nos indivíduos é tarefa da filosofia. Segundo Ricardo Timm de Souza, é “a consciência da preeminência do não-idêntico frente ao idêntico – uma racionalidade do não-idêntico”,³¹ que vê a realidade e faz uma interpretação a partir de uma leitura crítica. E, segundo Alex Thomson, o filósofo, para Adorno, ao analisar a realidade de forma crítica, deve respeitá-la, de tal modo que “não deve pretender ser capaz de dar uma explicação clara e racional do mundo, pois a tentativa de impor ao mundo esses padrões está ligada à violenta dominação humana da natureza”.³²

Na *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer mantêm à vista algo que é intrínseco e ímpar à Teoria Crítica: a sobrevivência do pensamento a partir dos elementos da contradição (denúncia da racionalidade instrumental pelo método

²⁷ É interessante observar o ensaio de Horkheimer “A Teoria Crítica, ontem e hoje” de 1970. Revisa a previsão de Marx das crises cíclicas do capitalismo por causa do excesso de produção e a falta de consumo dos mesmos, ou por um desequilíbrio pela falta de certo produtos demasiadamente consumidos.

²⁸ FREITAG, Barbara. **A Teoria Crítica ontem e hoje**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 40-41.

²⁹ ADORNO, Theodor W. **Dialética Negativa**. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. p. 24.

³⁰ Idem, p.11.

³¹ SOUZA, Ricardo Timm de. **Razões plurais** - itinerários da racionalidade ética no século XX: Adorno, Bergson, Derrida, Levinas, Rosenzweig. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 96.

³² THOMSON, Alex. **Compreender Adorno**. Trad. Rogério Bettoni. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 14.

dialético) e da transformação sob outra ótica, um novo olhar crítico. Distanciar-se da teoria marxista ortodoxa, (esperança da revolução proletária) e tecer uma crítica à racionalidade instrumental – hegemônica na modernidade – tal não significa abdicar do eixo central da Teoria Crítica e empobrecê-la, pois ela, na *Dialética do Esclarecimento*, aparece sob uma nova roupagem para efetuar seu papel, seu caráter no corpo teórico em decorrência da nova configuração do sistema capitalista. Eis uma motivação central da obra: *o materialismo histórico se tornou vulnerável a uma reinterpretação da sociedade*. Nesse sentido, a *Dialética do Esclarecimento* “não é apenas testemunho de uma época, mas uma releitura do processo de desenvolvimento da razão e da forja do sujeito, verificando, a partir das origens imemoriais da *Aufklärung*, quais as implicações para a vida contemporânea”.³³ A regressão da consciência autocrítica referente às atrocidades cometidas em nome da razão, bem como o crescimento e o desenvolvimento do capitalismo de massa, fez com que tomassem posturas mais radicais com o conteúdo pragmático da Teoria Crítica. Ou ainda, para perceber, segundo Alexandre Vaz, “o desatino político, transformado em totalitarismo, a degradação da expressão na forma da indústria cultural, ambos responsáveis pela liquidação do sujeito diluído nos processos de coletivismo”.³⁴ Portanto, o conteúdo do livro tem a influência do contexto histórico do século XX, mas desconstrói dialeticamente as interpretações “ortodoxas” do desenvolvimento da razão no sentido, tão caro a Benjamin, da crítica da idéia de um “progresso da razão”.

O novo conteúdo pragmático da Teoria Crítica da *Dialética do Esclarecimento*, segundo Rodrigo Duarte, é de compreender os novos contextos da configuração do capitalismo como substrato de dominação. Compreender o novo espírito do iluminismo, a respectiva evolução cultural ocidental, escopo da racionalidade restritiva, tinha como meta dissolver completamente os mitos. O núcleo fundamental do esclarecimento, de tal conhecimento, é “oriundo do medo ancestral do homem diante das ameaçadoras forças naturais”³⁵ que impõem ao ser humano temores e o estranhamento relativamente ao mundo ainda não potencializado pelo saber. Portanto, o objetivo, o programa do esclarecimento, era,

³³ VAZ, Alexandre Fernandez. Da Teoria Crítica e a sua recepção: Adorno e Horkheimer revisitados. In: RABAÇA, Silvio Roberto. **Variantes críticas: a *Dialética do Esclarecimento* e o legado da Escola da Frankfurt**. São Paulo: Annablume, 2004. p. 9 -10.

³⁴ Idem, p. 10.

³⁵ DUARTE, Rodrigo. **Adorno/Horkheimer & a *Dialética do Esclarecimento***. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. p. 27.

segundo a obra, o desencantamento do mundo, a fim de “dissolver os mitos e substituir a imaginação” por um saber que se potencializa na unidade do pensamento matemático. A clarificação desse processo, compreendido como agressão à natureza e de uma violência social aos indivíduos, segundo Sívio Rabaça, que tem origens anteriores a racionalidade moderna, vai se prolongando sempre numa regressão: “Na *Dialética do Esclarecimento*, a razão engendra a idéia de progresso histórico, interpretada como o retorno do sempre idêntico (immergleiche); elemento de uma barbárie arcaica, que projeta sua sombra sobre a modernidade”.³⁶

A autocrítica não abandona a razão, mas lhe confere o seu devido lugar para pensar questões filosóficas que oportunizam uma análise crítica da sociedade. Nas palavras de Paulo-Laurent Assoun, a tarefa da razão “autocrítica” é romper eminentemente com a sua pretensão de tornar-se objetividade sócio-histórica: “é pois o nó teórico-científico da Teoria Crítica. É o meio de o mobilizar, pela necessidade da práxis histórica, sem o relativizar nem absolutizar”.³⁷

Subordinados aos interesses da racionalidade iluministas, os indivíduos são induzidos a uma inalação ou absorção passiva inconsciente e não crítica, portanto, uma “semiformação” (“Halbbildung”, nos termos de Adorno). Henry Giroux, em “Teoria Crítica e resistência em educação”, analisa como a estrutura econômica desenvolve com sutileza sua ideologia por meio de conteúdos específicos “semiculturalizados”, pedagógicos, para fomentar a cultura de massa e legitimar a ideologia da racionalidade instrumental:

Ao clarificar as relações entre poder e a cultura, a Escola de Frankfurt fornece uma perspectiva sobre a maneira pela qual as ideologias dominantes são constituídas e mediadas através de formações culturais específicas. O conceito de cultura dentro dessa visão existe numa determinada relação com a base material da sociedade. O valor explanatório da tal relação deve-se encontrar no tornar problemático o conteúdo específico de uma cultura, sua relação com os grupos dominantes e subordinados, bem como a gênese sócio-histórico dos valores e práticas legitimadoras, bem como seu papel na constituição das relações de dominação e resistência³⁸.

³⁶ RABAÇA, Sívio Roberto. **Variantes críticas: a *Dialética do Esclarecimento* e o legado da Escola da Frankfurt**. São Paulo: Annablume, 2004. p. 16.

³⁷ ASSOUN, Paul-Laurent. **A Escola de Frankfurt**. Trad. Elena Cardoso. São Paulo: Ed. Ática S.A., 1991. p. 65.

³⁸ GIROUX, Henry. **Teoria Crítica e resistência em educação: para além das teorias de reprodução**. Trad. Angela Maria B. Biaggio. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 59.

No sentido amplo, a mudança estrutural do processo difundido pela lógica do mercado moderno gerou uma cultura de massa socializada, uniforme, a partir de um enfoque positivista de interpretação científica da realidade, ou, em outras palavras, uma racionalização científica – técnica da razão instrumentalizada. A mecanização técnica a serviço da semicultura e a mercantilização em favor da indústria cultural provocou uma barbarização do pensamento crítico. O processo educacional favorece uma formação de sujeitos ao conformismo e de uma psique danificada e fragmentada sobre a realidade em que os indivíduos estão inseridos. Resignado pacientemente a se constituir progressivamente integrado a uma ordem social em que a auto-conservação do eu reporta intrinsecamente à exterioridade, o indivíduo reproduz o espírito da racionalidade instrumental e da semicultura: “A formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado”,³⁹ em que indivíduo é afetado em sua integridade física e mental em reproduzir a gênese das relações sociais de produção capitalista em tempo absoluto. É uma barbárie, uma experiência suicida contra o próprio indivíduo em nome de uma falsa ideologia.

Assim, inseridos e socializados numa “semiformação”, os sujeitos reproduzem os aspectos estruturais da racionalidade técnico-científica. Ou, em outras palavras, os indivíduos são coagidos a refazer o caminho funcionalista da natureza postulada pela indústria cultural. A ação prática dos indivíduos é permeada por concepções funcionalistas do positivismo, que personaliza e padroniza o pensamento autocrítico por uma posição favorável à instrumentalização da razão para uma interpretação tradicional da realidade. Segundo Horkheimer, é a manutenção do existente, eminentemente determinado por uma sociedade administrada, que impossibilita fomentar um pensamento crítico e uma ação transformadora. O próprio pensar crítico é desconstituído de seu aporte prático, da possibilidade de tornar-se força prática e transformadora de sua própria ação. A Teoria Crítica contrapõe às teorias tradicionais, por meio de regras pré-definidas, “leis de probabilidade”, que meramente constatações situações históricas, descrevendo fatos tais como são de forma empírica: “Pois para a Teoria Crítica não se trata

³⁹ ADORNO, Theodor W. Teoria da semicultura. **Revista Quadrimestral de Ciência da Educação**, Campinas, ano XVII, n. 56, p. 399, dez. 1996.

apenas dos fins como são apresentados pelas formas de vida vigente, mas dos homens com todas as suas possibilidades”.⁴⁰

Subentende-se que a crítica ao positivismo está ligada ao seguinte problema: o positivismo somente interpreta a realidade a partir de um método de regras básicas independentemente da realidade a ser investigada. Aplica um método, cujo único objetivo é compreender a realidade em si segundo os parâmetros que ele mesmo institui como legítimos. A Teoria Crítica, ao contrário, segundo Horkheimer, “não almeja de forma alguma uma mera ampliação do saber. Ela intenciona emancipar o homem de uma situação escravizadora”.⁴¹ Cabe então o aprofundamento de uma questão geral: o que caracteriza, em nível profundo, o esforço da Teoria Crítica? A inconformidade de Adorno e Horkheimer é com relação ao pensamento que representa argumentos generalizados e assistemáticos que impedem um rigor próprio, um pensamento dialético-crítico. Uma racionalidade dialética e auto-reflexiva perfaz o processo de compreender, de interpretar os sintomas doentios da racionalidade instrumental e ampliar os espaços e iniciativas de transformação do pensamento.

O pensamento é vinculado à realidade a ser transformada. A tensão ocasionada por meio da dialética negativa e a desconstrução do conceito de esclarecimento procuram desmascarar, penetrar e fortalecer a resistência com radicalidade à onipresença da razão instrumental. Resistir à hegemonia da ideologia do pensamento instrumental exige que a Teoria Crítica seja uma teoria de resistência ao poder de instrumentalização da teoria tradicional de interpretação da realidade. É importante recolocar a questão no contexto da *Dialética do Esclarecimento* para perceber que resistir está situado num contexto que fortalece a auto-reflexão crítica em oposição à mistificação da razão instrumental. Segundo Bruno Pucci, isso contesta, de algum modo, os rótulos de pessimista e irracionalista atribuídos tanto a Adorno como a Horkheimer: “Ora, se no momento atual prevalece a hegemonia da razão instrumental sobre a razão emancipatória, a serviço da propagação da dominação e das injustiças sociais, isso não significa que tenha que ser sempre assim”.⁴²

⁴⁰ HORKHEIMER, Max. **Filosofia e Teoria Crítica**. Trad. Edgar A. Malagodi e Ronaldo P. Cunha. São Paulo: Abril Cultura, 1980. p. 156. (Os Pensadores).

⁴¹ Idem, p. 156.

⁴² PUCCI, Bruno; OLIVEIRA, Newton Ramos; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Adorno: o poder educativo do pensamento crítico**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 53.

1.2. O PONTO DE PARTIDA DA *DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO*: CRÍTICA À RACIONALIDADE ILUMINISTA

“A aporia com que defrontamos em nosso trabalho revela-se assim como o primeiro objeto a investigar: a autodestruição do esclarecimento”.⁴³

A *Dialética do Esclarecimento*, escrita na Califórnia em parceria entre Adorno e Horkheimer durante a guerra e publicada em Amsterdã em 1947, traz a marca da construção da Teoria Crítica, por vezes, para uma perspectiva de emancipação da sociedade e da razão, mas principalmente por uma crítica de “denúncia”, influenciada pelos acontecimentos históricos que os autores experienciaram. A experiência nazifascista na Alemanha e na Itália, o socialismo (stalinismo opressor) e a cultura de massas nos Estados Unidos são todos totalitários e, nesse sentido, são frutos de um espírito decadente, de uma racionalidade formal e instrumental. Rodrigo Duarte, com exatidão, afirma que,

Composto entre o pessimismo histórico e o otimismo racional, a obra fornece sua força teórica na exposição da transição do mundo nazista ao administrado e na temporalidade herdada dos anos 40, marcada pela guerra fria, pelo totalitarismo e autoritarismo sempre crescentes e renovados em todos os continentes. As guerras e conflitos posteriores ao nazismo não são, para os autores, “meros incidentes históricos”.⁴⁴

O contexto histórico influenciará profundamente as principais idéias da obra. Para perceber a contribuição dos frankfurtianos em relação à compreensão dos aspectos mais sutis e agressivos da razão instrumental e da ciência tecnológica que levou ao extermínio de milhões de pessoas, é necessário fazer um diagnóstico, segundo Eldon Mühl, do caminho traçado pela racionalidade ocidental: A Teoria Crítica realizou

Um diagnóstico aprofundado das patologias da modernidade. Aguçados pelo avanço de regimes totalitaristas, que produziram dentre os horrores, a II Guerra Mundial, os frankfurtianos conseguiram expressar, com rara profundidade, a crise dos ideais iluministas e do paradigma da consciência auto-iluminada. [...] denunciam a dominação do homem e demarcam a realidade social como ideológica, demonstrando que, em nome da ciência e da técnica, se construiu um mundo marcado pela exploração e pela

⁴³ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 13.

⁴⁴ TIBURI, Marcia; DUARTE, Rodrigo (Orgs.). **Seis leituras sobre a *Dialética do Esclarecimento***. (Apresentação). Ijuí: UNIJUÍ, 2009. p. 09

injustiça. A razão iluminada, tão decantada pelos iluministas, havia se tornado, então, um instrumento promotor de grandes atrocidades.⁴⁵

Iniciamos, portanto, a análise do fio condutor que perpassa toda a *Dialética do Esclarecimento*, para perceber o princípio de unidade com a tese principal: o mito já era esclarecimento, e o esclarecimento da racionalidade moderna acaba por reverter-se a uma nova mitologia. Portanto, cabe uma pergunta inicial: qual a origem que impulsiona os elementos principais do esclarecimento desde os tempos mais remotos? Esse desencantamento da *Aufklärung* surge como uma reação ao medo no entrelaçamento entre a angústia ante o desconhecido e a tendência do ser humano de dominar a realidade pela sua percepção e ambição. “Do medo o homem presume estar livre quando não há nada mais de desconhecido”.⁴⁶ A intenção e a finalidade última do esclarecimento é conduzir o ser humano a lutar contra o que é desconhecido para colocá-lo na posição de senhor e de dominador da história. Tal posição permite e dá condições para organizar, colonizar e instrumentalizar gradativamente o que é desconhecido. Como propósito básico, os resultados são classificados como conseqüências do uso livre da razão, que está a serviço da vida dos homens que desenvolveram um potencial técnico invejável. Portanto, segundo Adorno e Horkheimer, “o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores”.⁴⁷

A questão que desde aí se coloca é a seguinte: *que paradigma da sociedade moderna formulado por Adorno e Horkheimer na Dialética do Esclarecimento, identifica a crítica imanente a essa racionalidade?* Ou ainda, como chegar à tese colocada pelos autores, de que o esclarecimento moderno, a filosofia iluminista do século XVIII, se degenerou numa racionalidade desencantada sob o signo de um novo mito? Parece-nos importante, para tal, o seguinte trecho do prefácio da *Dialética do Esclarecimento*: “o que nos propuséramos era, de fato nada menos do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em um nova espécie de barbárie”.⁴⁸

⁴⁵ MÜHL, Eldon Henrique. Modernidade, racionalidade e educação: a reconstrução da *Teoria Crítica* por Habermas. In: PUCCI, Bruno; OLIVEIRA, Newton Ramos; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **A educação danificada**: contribuições à Teoria Crítica da educação. Petrópolis: Vozes; São Carlos: EFScar, 1997. p. 246

⁴⁶ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 26.

⁴⁷ Idem, p. 17.

⁴⁸ Idem, p. 11.

Portanto, procuraram diagnosticar o paradoxo da razão iluminista, concebida como esclarecida e que se tornou prevalente na sociedade moderna. Segundo Eldon Mühl, mais do que uma contradição interna, “a razão perdeu o seu caráter prospectivo, emancipador; concebida e gerada como esclarecimento, ela não consegue esclarecer-se a si mesma”⁴⁹. Em outras palavras, a racionalidade ocidental é paradoxal e contraditória, ou seja, enquanto o conhecimento moderno, técnico, científico, amplia seu horizonte, o indivíduo anulado, outra face da mesma configuração, vai perdendo sua autonomia e o seu potencial de auto-esclarecimento crítico. Para entendermos esta questão, nos remetemos a uma análise realizada por Eldon Mühl sobre o processo de autodestruição do esclarecimento. Segundo Mühl, Adorno e Horkheimer identificam de modo paradigmático a sua crítica à sociedade unidimensional da racionalidade instrumental, pois

Em primeiro lugar, identificam esclarecimento como saber; analisam, em seguida, a dialética entre mito e esclarecimento, demonstrando que o primeiro, em sua origem, já era esclarecimento e que este, ao superar o mito, transforma-se em uma nova mitologia; em terceiro ponto na estratégia argumentativa dos autores consiste em demonstrar que a ciência, na modernidade, constitui-se na principal forma de esclarecimento (saber).⁵⁰

Com efeito, a ciência moderna é orientada pelo conceito reduzido de razão, ou seja, uma racionalidade instrumental *que perdeu a capacidade reflexiva no que diz respeito a si mesma*, pois, se o progresso irrefreado e destruidor, por exemplo, da natureza, se constitui por causa da expansão do domínio da razão, o pensamento deixou de ser crítico e libertador. Portanto, a racionalidade crítica é paralisada pelo conceito instrumental de razão. No dizer de comentadores da Teoria Crítica, “por meio da instrumentalização da razão, ao invés de provocar apenas a emancipação, reproduz o isolamento e a dessensibilização”.⁵¹

O objetivo principal do iluminismo era fazer com que os homens criassem em si a procedência, a origem de sua independência diante do seu estado oprimido e aniquilado da visão de mundo da Idade Média. De perseguido, escravo e empobrecido, o ser humano deveria se tornar catedrático de sua própria história e

⁴⁹ MÜHL, Eldon Henrique. Crítica à racionalidade instrumental: as contribuições de Adorno e Horkheimer. In: CENCI Ângelo (Org.). **Ética, racionalidade e modernidade**. Passo Fundo: EDIUPF 1996. p. 62.

⁵⁰ Idem, p. 93.

⁵¹ PUCCI, Bruno; OLIVEIRA, Newton Ramos; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Adorno: o poder educativo do pensamento crítico**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 52

perpetuar a sua divindade por meio do entendimento para livrar-se das tutelas da natureza reprimida e do conhecimento obscuro. Vejamos nas próprias palavras de Kant, que exalta a chegada da época esclarecida da humanidade:

Não vivemos em uma época de esclarecimento [...] somente temos claros indícios de que agora lhes foi aberto o campo no qual podem lançar-se livremente a trabalhar e tornarem progressivamente menores os obstáculos ao esclarecimento geral ou à saída deles, homens, de sua menoridade, da qual são culpados.⁵²

Podemos perceber, no decorrer dos escritos da *Dialética do Esclarecimento* em termos da análise ali realizada, como a ciência moderna se apropria da razão, e é amortecida em sua ação crítica ao se tornar puramente instrumental. Portanto, a promessa iluminista não concluiu seu objetivo principal: emancipar os indivíduos, colocá-los numa posição confortável consigo mesmos no corpo saudável das relações sociais e naturais. Pois, na perspectiva da razão iluminista, a emancipação dos homens está ligada estritamente à sua emancipação da natureza, que favorece o progresso e o domínio da mesma em prol dos benefícios das revoluções científicas, que, por sua vez, são associados às novas técnicas de produção. Os resultados são classificados como conseqüências do uso livre da razão, que está a serviço da vida dos seres humanos que desenvolveram um potencial técnico invejável. Assim sendo, o iluminismo tem um propósito claro e objetivo, que pode ser resumido da seguinte forma: buscar uma total independência diante de seu estado dependente e oprimido pelas crenças, pela ciência e pelo conhecimento dos medievais. Por meio da razão e do conhecimento científico moderno, passaria de uma situação de escravidão, de opressão e de empobrecimento, a uma condição de indivíduo livre e com possibilidade de promover a sua autonomia e emancipação.

Se a *crítica imanente à racionalidade* será o fio condutor de todo o trabalho, faz-se necessário perguntar: o que os autores compreendem, finalmente, por “dialética do esclarecimento” e como eles desenvolvem a tese de que o conceito de esclarecimento não pode ser reduzido a fatos acontecidos somente na modernidade? Portanto, o que é, a rigor, a *Aufklärung*, em termos genéticos – qual é a sua origem? Argumentam os autores da obra, como já abordamos de passagem, que mito e esclarecimento, antes de se manterem em uma oposição e visarem a

⁵² KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é esclarecimento (*Aufklärung*)? In: **Textos seletos**. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 112.

superação um em relação ao outro, como diziam os filósofos iluministas, possuem uma relação dialética de aproximação, de modo que o mito já comporta algo da racionalidade autoconservadora e o esclarecimento moderno possui resquícios do conhecimento mítico. Recorrendo à história da ciência antropológica, os autores mostram como, desde o princípio, a relação mito-esclarecimento é uma relação íntima e de aproximação. Percebem a idéia de “que a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor”⁵³ e essa efetivação não significa meramente uma encarnação de teorias abstratas, mas um processo que foi se arrastando ao longo das civilizações por meio de instituições que visavam atingir metas e finalidades específicas. “Contudo, acreditamos ter reconhecido com a mesma clareza que o próprio conceito desse pensamento, tanto quanto as formas históricas concretas, as instituições da sociedade com as quais está entrelaçado, contêm o germe para a regressão que hoje tem lugar por toda a parte”.⁵⁴ Destarte, não significa simplesmente consciência racionalizada, internalizada num conceito, mas que se exprimiu em fatos históricos que abalaram o modo de ser e de viver de inúmeros povos.

Para eles, o conceito de esclarecimento não pode ser reduzido às luzes do século XVIII, como na resposta à pergunta: “o que é esclarecimento”, da filosofia kantiana. Em suas palavras, o

Esclarecimento (Aufklärung) é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento.⁵⁵

Kant vai dizer que o iluminismo é a saída do ser humano da sua imaturidade intelectual e essa imaturidade, para ele, significa a incapacidade da pessoa servir-se do próprio entendimento, de sua razão para buscar a emancipação política e social e construir-se como sujeito autônomo.

⁵³ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 13.

⁵⁴ Idem, p. 13

⁵⁵ KANT, Emmanuel. Resposta à pergunta: que é esclarecimento (Aufklärung)? In: _____. **Textos Seletos**. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 100. O texto foi escrito em 1783, seis anos antes da Revolução Francesa.

Contra-pondo-se à idéia de Kant de reduzir o termo à época das luzes, segundo Adorno e Horkheimer,⁵⁶ já havia resquícios em toda a história ocidental a tentativa de explicar os acontecimentos da realidade por meio da linguagem mítica, que é um modo de expressão para dominar a natureza. Observa-se que o termo “iluminismo” escrito de forma minúscula, segundo Duarte, não designa uma época histórica política e cultural determinada ou definida, mas se caracteriza por um amplo pensamento em contínuo progresso que procurava se afirmar e se emancipar através de uma racionalidade a partir do domínio do homem sobre a natureza.

Adorno e Horkheimer

Realizam nela uma grande ampliação, pois, em vez de compreender sob o termo apenas o movimento intelectual europeu do século 18, eles incluem esses últimos num processo que caracteriza a civilização ocidental desde os seus primórdios, com uma ênfase especial na mitologia grega, que, como se verá adiante, já continha, segundo eles, um impulso no sentido de organizar o mundo, semelhante ao que se encontrará na ciência.⁵⁷

A racionalidade moderna teve seu germe na natureza do mito. A forma mítica não deixa de ser conhecimento, porque já procurava esclarecer fatos, elucidar conceitos e dar explicações sobre os acontecimentos. Portanto, tanto o potencial mítico de conhecimento quanto a ilustração do conhecimento moderno, que se definem em uma nova roupagem, estão ligados a um processo histórico, pelo qual o homem busca conhecer-se e libertar-se de uma natureza ainda desconhecida. A

⁵⁶ A esse respeito, cf. nota preliminar do tradutor da obra ao português. Para o tradutor Guido A. Almeida, a palavra *Aufklärung* é difícil de ser traduzida, pois há diversos significados na língua alemã: esclarecimento, clareamento, clarificação, ilustração, iluminismo. Ele justifica sua opção para a tradução: “A expressão esclarecimento traduz com perfeição não apenas o significado histórico-filosófico, mas também o sentido mais amplo que o termo encontra em Adorno e Horkheimer, bem como o significado corrente de *Aufklärung* na linguagem ordinária. É bom que se note, antes de mais nada, que *Aufklärung* não é apenas um conceito histórico-filosófico, mas uma expressão familiar da língua alemã, que encontra um correspondente exato na palavra portuguesa esclarecimento, por exemplo em contextos como: *sexuelle Aufklärung* (esclarecimento sexual) ou *politische Aufklärung* (esclarecimento político). Nesse sentido, as duas palavras designam, em alemão e em português, o processo pelo qual uma pessoa vence as trevas da ignorância e do preconceito em questões de ordem prática (religiosas, políticas, sexuais, etc)” (ALMEIDA, Guido. Nota preliminar do tradutor. In: ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 7). Observe-se ainda que “O termo é usado para designar o processo de “desencantamento do Mundo”, no qual as pessoas se libertam do medo de uma natureza desconhecida, à qual atribuem poderes ocultos para explicar seu desamparo em face dela. Por isso mesmo, o esclarecimento de que falam não é, como o iluminismo, ou a ilustração, um movimento filosófico ou uma época determinados, mas o processo pelo qual, ao longo da história, os homens se libertam das potências míticas da natureza, ou seja, o processo de racionalização que prossegue na filosofia e na ciência” (Idem, p. 7-8).

⁵⁷ DUARTE, Rodrigo. Sobre o conceito dialético de esclarecimento. In: TIBURI, Marcia; DUARTE, Rodrigo (Orgs.). **Seis leituras sobre a Dialética do Esclarecimento**. Ijuí: UNIJUÍ, 2009. p. 15.

Aufklärung passa a existir como uma reação ao medo. No entanto, como bem salienta Marcia Tiburi, “o eu ameaçado no esclarecimento se recolhe em si, tornando-se o valor máximo para si mesmo; tudo o que é outro representa o ameaçador e precisa ser eliminado. Tal como o poder, ela (razão) tem sua raiz no medo”.⁵⁸ Nas palavras dos autores, os elementos destrutivos do progresso que geram “a causa da recaída do esclarecimento na mitologia não deve ser buscada tanto nas mitologias nacionalistas, pagãs e em outras mitologias modernas especificamente idealizadas em vista dessa recaída, mas no próprio esclarecimento paralisado pelo temor da verdade”.⁵⁹ A ideologização das mitologias, que geram elementos regressivos, é entendida como uma forma de linguagem que se expressa e mantém um caráter opressor e manipulador. O próprio esclarecimento se torna mito, e há nele um pólo obscuro, incompreensível, mas que ao mesmo tempo tem elementos que se manifestam e conseguem justificar uma realidade ou mesmo um fato social. O mito possuiu uma expressão, e sobre essa, vai selando uma racionalidade. O mito, agredido pela ambição do esclarecimento moderno, salvaguarda a lógica da autoconservação que ocorre a partir da mediação opressora do mito. Observamos que o caminho ou a trajetória é a mesma: “os mitos que caem vítimas do esclarecimento já eram produto do próprio esclarecimento”.⁶⁰ O mito, a partir de uma explicação sobrenatural, atribui poderes ocultos aos deuses, enquanto o conhecimento racional tem como método explicativo a matemática e a calculabilidade.

É paradoxal a relação entre mito e natureza. O desconhecido, o divino que gera medo e angústia, percebido como ameaçador, tem uma relação de aproximação quando o ser humano encontra nele o objeto a ser alcançado. A mitologia, ao se dizer, expõe-se como instrumento e a degradação de sua expressão é responsável por um movimento analítico que garante inibir-se a si mesma em uma nova face; a sua figura se realiza na realidade efetiva, se encarna em pessoas e instituições: na posição de senhor, o logos idealiza sua objetividade a partir da autodestruição do esclarecimento. Por isso, segundo Adorno e Horkheimer,

⁵⁸ TIBURI, Marcia. **Crítica da razão e mimesis no pensamento de Theodor Adorno**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. p. 45.

⁵⁹ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 13.

⁶⁰ Idem, p. 20.

Assim como o esclarecimento exprime o movimento real da sociedade burguesa como um todo sob o aspecto da encarnação de sua ideia em pessoas e instituições, assim também a verdade não significa meramente a consciência racional mas, do mesmo modo, [...] fatos esses que, no entanto, já estão pré-moldados como clichês na própria percepção pelas usanças dominantes na ciência, nos negócios e na política – e exatamente o mesmo medo do desvio social. Essas mudanças também definem o conceito de clareza na linguagem e no pensamento a que a arte, a literatura e a filosofia devem se conformar hoje.⁶¹

Segundo os autores, na medida em que a razão vai se afirmando como conhecimento absoluto, numa dimensão instrumental, ela vai se negando em seu caráter emancipatório, como se a razão aos poucos se envolvesse num círculo vicioso até chegar à total negação de seu poder crítico, renunciando à sua própria realização *como* racionalidade crítica:

A insossa sabedoria para a qual não há nada de novo sob o sol, porque todas as cartas do jogo sem-sentido já teriam sido jogadas, porque todos os grandes pensamentos já teriam sido pensados, porque as descobertas possíveis poderiam ser projetadas de antemão, e os homens estariam forçados a assegurar a autoconservação pela adaptação – essa insossa sabedoria reproduz tão – somente a sabedoria fantástica que ela rejeita: a ratificação do destino que, pela retribuição, reproduz sem cessar o que já era.⁶²

Para os frankfurtianos há uma semelhança entre mito e o saber da ciência. A explicação mitológica já aparecia sob o aspecto do poder ilustrado. Mas, com o tempo, foi sendo gradualmente substituída por outra, a do esclarecimento e da racionalidade científica moderna, apoiada no conhecimento racional. “O mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por reverter à mitologia.”⁶³ Houve somente uma inversão de tonalidade definitivamente dialética. O conhecimento moderno transformou-se em uma nova mitologia.

Dessa forma, pode-se argumentar que o esclarecimento moderno conserva em si a forma mítica de dominar o mundo. Vive-se o pânico do desencantamento e da *ontologia da repetição*, que é produto do próprio processo da Aufklärung, que definiu um novo campo de ação, isto é, a humanidade iluminada e as divindades esclarecidas. A promessa de liberdade anunciada pela crença científica não levou a humanidade a um estado ideal, mas sim, resplandeceu em uma obscuridade mítica de explicação.

⁶¹ Idem, p. 13.

⁶² Idem, p. 23.

⁶³ Idem, p. 15.

1.3. O DESENCANTAMENTO DO MUNDO E A AUTOCONSERVAÇÃO

“Não apenas a ocorrência esperada deixa de ter lugar, mas também o inesperado acontece: a ponte cai, a sementeira definha, o remédio faz adoecer”.⁶⁴

O conceito de desencantamento do mundo refere-se a uma expressão de Max Weber sobre o processo de racionalização, socialização e transformação da sociedade, em especial a europeia, tanto pelas crescentes manifestações mais rudimentares, quanto pelas formas mais elaboradas (matematizadas) do saber e da ciência moderna. Para perceber como o conceito de esclarecimento, designado por Kant como um processo de encantamento do mundo, de emancipação dos indivíduos de sua ignorância, criou as condições favoráveis para a sua viabilidade, para impor seu espírito dominador, é necessário compreender como esse processo foi engendrado.

Para Adorno e Horkheimer, Bacon⁶⁵ expressa de forma objetiva a meta do pensamento moderno: buscar um conhecimento que conseguisse dar explicações autênticas porque os clássicos antigos, juntamente com os seus métodos, bloqueavam ou impediam a relação entre o homem e a natureza. Nas palavras de Marcia Tiburi, “Bacon é o filósofo do desencantamento do mundo que propõe a submissão da natureza à razão por considerar que a superioridade do homem está na sua capacidade de saber e por isso tem o poder de dominar seu mais temeroso oponente: a natureza, (que) é nada mais que aquilo que ele não compreende”.⁶⁶ De certa forma, o indivíduo estava submetido e preso à ordem da natureza.

Adorno e Horkheimer abrem a seguinte discussão com relação ao objetivo do saber moderno e ao entrelaçamento entre essa racionalidade e o conceito de dominação com a conhecida expressão “O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a

⁶⁴ Idem, p. 72.

⁶⁵ Para Bacon, o ser humano ainda está preso a fundamentos filosóficos e científicos equivocados que bloqueiam o conhecimento. “Os ídolos e nações falsas que ora ocupam o intelecto humano e nele se acham implantados, não somente o obstruem a ponto de ser difícil o acesso da verdade, como, mesmo depois de seu pórtico logrado e descerrado, poderão ressurgir como obstáculos à própria instauração das ciências” (BACON, Francis. Aforismo XXXVIII. In: _____. **Novum Organum**. Trad. José Aluysio Reis de Andrade. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores). p. 20.

⁶⁶ TIBURI, Marcia. **Crítica da razão e mimesis no pensamento de Theodor Adorno**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. p. 49.

imaginação pelo saber”,⁶⁷ que não é um mero e simples processo de desmitologização e nem interrompido, mas cada resistência vai aumentando sua força e seu poder sobre a natureza.

Para os iluministas, em um sentido amplo, abrangente, pelo entendimento, pela razão, os indivíduos não deveriam mais temer os enigmas, os mistérios da natureza e, muito menos, aquilo que os impediam de se tornarem sujeitos capazes de compreender fenômenos e de torná-los aptos para dominar a natureza. Para Rodrigo Duarte, o domínio técnico, o conhecimento da natureza na modernidade, “deve, incondicionalmente, render frutos. Esses não devem se corporificar, entretanto, em qualquer forma de ganho imediato, mas num fundamento para o desenvolvimento posterior da ciência”.⁶⁸

Em suma, se a superioridade do indivíduo está no método do conhecimento moderno surge uma questão: qual a racionalidade que emerge do esclarecimento moderno? Poder e conhecimento estão mutuamente interligados ao modo proposto por Bacon há séculos? Para Adorno e Horkheimer, relacionam-se um com o outro, com o mesmo objetivo, o de dominar e vencer uma razão desprovida de história. Isso aparece mais claramente nas palavras dos autores quando dizem: “O entendimento que vence a superstição deve imperar sobre a natureza desencantada. O saber que é poder não conhece barreira alguma, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo”.⁶⁹ Assim, sendo o saber sinônimo de poder, os critérios que fornecem condições de caráter lógico-formal do conhecimento seriam oriundos da calculabilidade e da utilidade. A operação, o cálculo e o procedimento eficaz, possibilitam e conduzem o conhecimento acumulado num processo crescente de dominação, de efetivação da unilateralidade da racionalidade ocidental.

Por isso, a razão esclarecida seria, pelo seu próprio esclarecimento, uma razão emancipada: eis o espírito do conhecimento científico moderno que, pelas suas sofisticadas técnicas e experiências científicas, possibilitaram “o casamento feliz entre o entendimento e a natureza das coisas”⁷⁰ por meio de códigos

⁶⁷ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 17.

⁶⁸ DUARTE, Rodrigo. **Mimesis e racionalidade**: a concepção de domínio da natureza em Theodor W. Adorno. São Paulo: Loyola, 1993. p. 32.

⁶⁹ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p.18.

⁷⁰ Idem, p.18.

matemáticos. Para Adorno e Horkheimer, Bacon captou bem essa mentalidade. Uma ciência insegura e que não tem um método adequado precisaria ser reformulada, a fim de poder imperar livremente sobre a natureza, dominando-a para “melhor promover e auxiliar a vida”.⁷¹ Os resultados esperados também devem ser de curto prazo. Tudo em prol de promover a liberdade do indivíduo e colocá-lo na posição de esclarecido. Portanto, a concepção de uma razão estratégica, instrumental, que tem por finalidade garantir, sobretudo, a autoridade do domínio da realidade, dá-se pelo pensamento lógico-racional e diferencial do existente. O mundo ocidental conseguiu penetrar e expandir sua ideologia por causa de sua maneira de pensar, organizar e dominar a realidade, criando uma organização social específica, segundo Christoph Türcke. Disposta a penetrar e dominar todo o mundo, uma organização incapaz de existir sem expandir, sem sujeitar suas leis econômicas. Será que o imperialismo moderno não fez senão incorporar tal pensamento teórico-abstrato, expondo só a violência essencial do mesmo?”.⁷² Tal posição, de maneira sucinta reconstrói o pensamento filosófico de Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*.

A síntese do que até aqui temos abordado vai então se explicitando: o esclarecimento, na análise dos autores, eliminou sua própria autoconsciência. A razão, servindo de instrumento, perdeu sua reflexividade, sua capacidade de refletir sobre si mesma. O intelecto é afetado e há uma cultura de massas que é facilmente manipulada e sofre a coerção para a conservação desse modelo político-estratégico do esclarecimento. “A unificação da função intelectual, graças à qual se efetua a dominação dos sentidos, a resignação do pensamento em vista da produção da unanimidade, significa o empobrecimento do pensamento bem como da experiência: a separação dos dois domínios prejudica a ambos”.⁷³ O objetivo pretensioso desse conhecimento técnico-instrumental é de dominar tanto a natureza quanto o próprio indivíduo. Ambos transformam-se em objeto: “O que os homens querem apreender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens.”⁷⁴ A técnica é a essência desse saber, a partir de operações matematizadas e de procedimentos eficientes. Para a ciência moderna não basta

⁷¹ Idem, p 18.

⁷² TÜRCKE, Christoph. O nascimento mítico do logos. In: DE BONI, Luis. (Org.). **Finitude e Transcendência**: Festschrift em homenagem a Ernildo J. Stein. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 81.

⁷³ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p 41.

⁷⁴ Idem, p.18.

apenas saber, é necessário operar, dominar por um procedimento eficaz a fim de que ele seja útil para os indivíduos.

Na visão de Adorno e Horkheimer, existem motivos suficientes para se perceber que o esclarecimento moderno tem por objetivo dominar e tornar-se uma forma absoluta de conhecimento, centralizado em si. Os autores percebem que as categorias usadas já justificam claramente que “[...] poder e conhecimento são sinônimos; para a ciência não deve haver nenhum mistério; desencantar o mundo e destruir o animismo”.⁷⁵ O processo que ocasionou a subjetivação da natureza, a autopreservação do núcleo comum do mito ao logos encontrou sua conexão num equivalente universal: o medo e refúgio em ideologias.

Ao se analisar cada uma delas, pode-se perceber que estão mutuamente interligadas com a mesma pretensão. Sobre essa questão afirma Christoph Türcke que “para amenizar o seu poder assustador, tentaram reconduzi-lo a um ser menos horrível, quer dizer, mais familiar. Deste modo, chegaram a imaginar uma divindade que causa tais fenômenos: Zeus, Javé, Thor, etc.”.⁷⁶ Na modernidade, o indivíduo, pelo uso livre de sua racionalidade e potencialidade, é aquele que opera os resultados e os novos mecanismos de transformação da sociedade. Por isso a pergunta fulcral: “por que a humanidade se afundou em uma nova espécie de barbárie”? Segundo Adorno e Horkheimer, “as ideologias⁷⁷ mais recentes são apenas reprises das mais antigas, que se estendem tanto mais aquém das ideologias anteriormente conhecidas quanto mais o desenvolvimento da sociedade de classe desmente as ideologias anteriormente sancionadas”.⁷⁸ Há uma substituição de um poder por outro, que é paralelo teoricamente, mas que possui o germe e a genealogia das mais rudimentares formas de saber. O esclarecimento

⁷⁵ Idem, p.18

⁷⁶ TÜRCCKE, Christoph. O nascimento mítico do logos. In: DE BONI, Luis. (Org.). **Finitude e Transcendência**: Festschrift em homenagem a Ernildo J. Stein. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 83.

⁷⁷ Verlaine Freitas esclarece esse ponto: “Dado que, desde os primórdios da história da humanidade, a sobrevivência sempre somente foi assegurada através de algum processo de domínio sobre o que poderia causar a morte, é de se esperar que a consciência da necessidade de *impor* tal domínio tenha existido precocemente. Desde os movimentos de mimetismo que já poderiam ser minimamente articulados de forma consciente, passando pela relação dirigida teleologicamente com os deuses, até o mito mais desenvolvido, é claro que a questão do domínio sobre um outro, seja ele a natureza ou a sociedade, sempre envolveu a premência de *conhecer* para poder preservar a vida” (FREITAS, Verlaine. **Para uma dialética da alteridade**: a constituição mimética do sujeito, da razão e do tempo em Theodor Adorno. 2001. Tese (Doutorado em Filosofia e Ciências Humanas). Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2001. p. 59).

⁷⁸ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 53.

sempre perseguiu o progresso para efetivar, num sentido amplo, o domínio sobre a realidade, modificando-a conforme o seu interesse.

Deve-se imperar sobre a natureza livremente, para construir um conhecimento que dê conta dos problemas da humanidade. Portanto, diante da natureza e do homem, a função única do saber moderno, baseado na ciência do cálculo, ou seja, da quantificação do real, é de fornecer explicações e soluções eficazes. Os discursos plausíveis, segundo o ideal iluminista, não oferecem resultados que impressionem e tragam novas descobertas fabulosas para construir um mundo melhor. O mito não possui mais condições suficientes para superar os obstáculos que ainda impedem o desenvolvimento da humanidade e as novas descobertas. O esclarecimento moderno exige que se faça uso livre da razão, a fim de superar os problemas existentes na sociedade. A base desse conhecimento está em uma ciência segura. Com isso, segundo os autores, o “[...] esclarecimento pôs de lado a exigência clássica de pensar o pensamento”⁷⁹ para obter resultados imediatos. Os fundamentos morais ou religiosos que possam prejudicar o conhecimento científico, ou de alguma experiência que estão em prol de novas descobertas, de particularidades que até então não tinham possibilidades de ser conhecidas, devem ser ignoradas em vista do desenvolvimento técnico e científico. A humanidade precisa descobrir o quanto antes que é possível superar os dogmas e as explicações confusas e obscuras.

Definir somente o que são as coisas [metafísica clássica] - a exemplo das explicações e dos métodos tradicionais - são puras superstições para a ciência moderna na concepção no senso comum. Esses conceitos não pode ser mais objeto da ciência moderna. Isso era função da filosofia e da história antigas. Procurar definir o que é o ar, o fogo, a natureza, a felicidade, isto é superstição; não se chega a um resultado e a um conhecimento seguro e autêntico. A ciência e a razão procuram, a partir de uma ação prática, desenvolver hipóteses seguras que favoreçam os desenvolvimentos tecnológicos: “No trajeto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade.”⁸⁰

A emancipação do indivíduo aconteceria à medida que consegue desprender-se do conhecimento mítico, desligar-se completamente daquilo que não

⁷⁹ Idem, p. 33.

⁸⁰ Idem, p. 18.

leva a um pensamento matemático. Pelo uso da razão, o sujeito viria a construir sua emancipação e a conquistar a sua liberdade. Isso leva a pessoa a atingir um nível de superioridade necessária para chegar *propriamente* ao esclarecimento. Ao chegar ao estado de maioridade, o indivíduo se realiza como sujeito livre e esclarecido.

A discussão recoloca a tese fundamental para compreender aquilo que Adorno e Horkheimer procuram reconstruir na *Dialética do Esclarecimento*: O que é “esclarecimento”? Segundo Ricardo Timm de Souza,

Como a análise do sentido profundo do Esclarecimento em sua complexa dialética relativamente ao seu Outro (e de suas metamorfoses ao longo da história), chega-se à possibilidade de uma crítica extremamente arguta da sociedade, não em termos cronológicos, porém *ontológicos*, no sentido em que se pode partir para a edificação de um corpo crítico coerente que não traia, por sua filiação profunda, seus fundamentos e conquistas – mas que se espraie fecundamente ao longo de sua própria formulação conceitual.⁸¹

A modernidade está, infelizmente e não obstante todas as suas conquistas, em ruínas no mais estrito sentido benjaminiano do termo. A Teoria Crítica na *Dialética do Esclarecimento* procurou compreender que racionalidade a constituiu e como o ser humano foi constituindo a sua subjetividade a partir de sua relação com o mundo e os principais acontecimentos ou fatos históricos. Na onipotência da racionalidade emergente no transcurso da história, onde as ideologias são associadas à sua autoconservação, o esclarecimento é o divisor, aquele que rompe e integra os mecanismos de dominação. Para os frankfurtianos, não proporciona a diminuição da dominação, mas fomenta a autopreservação e a mistificação da racionalidade instrumental.

Do mesmo modo que os mitos já levam a cabo o esclarecimento, assim também o esclarecimento fica cada vez mais enredado, a cada passo que dá, na mitologia. Todo conteúdo ele o recebe dos mitos, para destruí-los, e ao julgá-los, ele cai na órbita do mito. [...] No mito, tudo o que acontece deve expiar uma pena pelo fato de ter acontecido. E assim continua no esclarecimento: o fato torna-se nulo, mal acabou de acontecer.⁸²

Em suma, o esclarecimento, ao reduzir o mito a uma forma de conhecimento pretensamente “inferior”, *transforma-se em uma nova mitologia, que sustenta a impossibilidade de o esclarecimento finalmente esclarecer-se a si próprio em suas*

⁸¹ SOUZA, Ricardo Timm de. **Adorno & Kafka**: paradoxos do singular. Passo Fundo: IFIBE, 2010. p. 61.

⁸² ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p 23.

motivações e em sua teleologia. O mito, que também já era uma forma de dominar, foi sendo gradualmente substituído por outra forma de poder, agora de maneira mais opressiva, determinante e dominadora.

2. ULISSES COMO PROTÓTIPO DO HOMEM MODERNO

“Nenhuma obra presta um testemunho mais eloqüente do entrelaçamento do esclarecimento e do mito do que a obra homérica, o texto fundamental da civilização europeia”.⁸³

Neste segundo capítulo abordaremos o “Excurso I – Ulisses ou mito e esclarecimento” da obra de Adorno e Horkheimer em exame. Seguiremos a interpretação dos autores relativamente a Ulisses, com figura, protótipo, personagem principal da *Odisséia* de Homero, para compreender onde reside o germe, as raízes e a ipseidade monádica da cultura ocidental moderna.

Depois de vencer a guerra de Tróia, o herói Ulisses sacia sua cobiça e decide retornar a Ítaca para reassumir seu trono; porém, no árduo decorrer de sua volta, o personagem passa constantemente por obstáculos e perigos que exigem de si o extremo cuidado, mudança de rota e uma determinação em suas ações e o uso de novas estratégias para prosseguir seu caminho de volta. Há uma imbricação entre mito, razão e esclarecimento que, segundo Adorno e Horkheimer, se vinculam estritamente e que vão gestando traços específicos e característicos da sociedade moderna. Solipsista e de uma hostilidade *sui generis*, Ulisses constrói uma relação diferenciada e ambígua em relação às formas miméticas de assimilação e abstração perante as divindades. Segundo Verlaïne Freitas, “em vez de uma relação difusamente mimética com o poder, em que o poder transcendente só é alcançado a partir da igualação do sujeito a cada manifestação divina, tem-se, agora, a identificação do sujeito com a *fonte do poder geral*”.⁸⁴

2.1. ULISSES, O VIAJANTE DE TRÓIA A ÍTACA

“Os mitos se depositaram nas diversas estratificações do texto homérico; mas o seu relato, a unidade extraída às lendas difusas, é ao mesmo tempo

⁸³ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 49.

⁸⁴ FREITAS, Verlaïne. **Para uma dialética da alteridade**: a constituição mimética do sujeito, da razão e do tempo em Theodor. Adorno. 2001. Tese (Doutorado em Filosofia e Ciências Humanas). Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2001. Edição revista em 2006. p. 66.

a descrição do trajeto de fuga que o sujeito empreende diante das potências míticas.”⁸⁵

Na epígrafe enuncia-se um novo percurso, cuja descoberta exprime o *Leitmotiv* da constituição do sujeito mediante o entrelaçamento de mito, dominação e trabalho, em que a sobrevivência é assegurada mesmo que seja minimamente consciente ou esclarecida, em que “o eu consegue escapar à dissolução na natureza cega, cuja pretensão o sacrifício não cessa de proclamar”.⁸⁶ Portanto, segundo nossos autores, por meio da leitura da *Odisséia* de Homero, é possível reconstruir a origem da proto-forma do indivíduo burguês da racionalidade moderna.

Ulisses é um personagem que representa uma ruptura em relação à natureza, embora seja por ela afetado; passa por diversos perigos e é colocado à prova constantemente pelas forças sagradas. Sua agudeza se origina através de uma aparente rendição ao processo cíclico das leis mitológicas, que tinham um vínculo direto e devidamente determinado por meio de representações ritualísticas pré-definidas. A formação psíquica dos indivíduos era determinada e provinha do poder divino, dos deuses, representados por meio de figuras específicas e rituais de sacrifícios atrelados a um poder regente. Ulisses forja uma mediação às normas da natureza, submetendo-se numa aparente rendição ao seu destino, para superar os obstáculos, os percalços imprevistos. Segundo Bruno Pucci, “se a sobrevivência dos mitos baseava-se na necessária repetição e cumprimento das normas contratuais, Ulisses consegue cumprir o contrato, mas acrescenta novas artimanhas não previstas nas cláusulas originais”.⁸⁷ A história que se constitui em fatos sucessivos é a descrição desse caminho penoso em que Ulisses, mediante seu penhor, mantém reprimido e subjugado o medo e o seu “eu” no limiar de sua existência. Mas o herói que sucumbe às forças dissolutas regressivas da natureza e desse caminho sem volta emancipa-se com o sofrimento ao forjar uma identidade simbólica mimética, pois “nos perigos mortais que teve de arrostar, foi dando têmpera à unidade de sua própria vida e à identidade da pessoa”.⁸⁸ Portanto, Ulisses, na condição de sujeito mortal, tornou-se astuto mediante a dominação de seus instintos e da natureza em

⁸⁵ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 49.

⁸⁶ Idem, p. 53.

⁸⁷ PUCCI, Bruno; OLIVEIRA Newton Ramos; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Adorno: o poder educativo do pensamento crítico**. Petrópolis: vozes, 2000. p. 49.

⁸⁸ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.p. 38.

relação aos perigos do mar, ou seja, do desconhecido e do infinito. Ulisses e seus companheiros sofrem, enfrentam obstáculos, as intempéries da natureza, que também lhes dão condições para a sua sobrevivência. A princípio, necessita respeitar as regras impostas pelos deuses e pela natureza para enfrentar o desconhecido, o monstruoso.

A lei da hospitalidade não é respeitada, e Ulisses e seus companheiros padecem do elo entre os mortais e dos deuses. A sobrevivência está ameaçada, uma vez que

Chegamos à terra dos ciclopes, homens soberbos e sem leis, que, confiando nos deuses imortais, não plantam nem lavram; entre os quais tudo nasce, sem que a terra tenha recebido semente nem cultura: o trigo, a cevada e as vinhas que produzem vinho dos pesados cachos, que para eles a chuva de Zeus intumesce. Não têm assembleias que julguem ou deliberem, nem leis; vivem em côncavas grutas, no cimo de altas montanhas: e cada um dita a lei a seus filhos e mulheres, sem se preocuparem uns com os outros.⁸⁹

É interessante perceber que ao assegurar o domínio sobre a natureza, o itinerário geográfico vai influenciando a trajetória do sujeito racional que é ameaçado pelos fatores externos e internos, pois até então havia uma relação de modulação e harmonia entre os indivíduos e os deuses. Quando Ulisses chega a uma terra desconhecida, sente-se desprotegido, inseguro e com medo e, sobretudo, desamparado pelos deuses. Homero ressalta a ordem estabelecida e cíclica do cosmo, que está quebrado, voltado ao caos. O estrangeiro que deveria ser acolhido com hospitalidade é desrespeitado pelas regras mínimas de amparo e de abrigo. O apelo de Ulisses a Zeus, o deus da hospitalidade, o protetor dos estrangeiros, é ignorado pelo Polifemo. É uma terra sem lei e sem normas. Por isso, toda a precaução é fundamental para conseguir estabelecer um pacto mínimo para sobreviver ou se fortalecer para atingir os objetivos, ou seja, encontrar o caminho de volta. Cansado e com fome, Ulisses desconfia da nova realidade, da terra desconhecida, mas não imagina que a situação que iria encontrar se tornaria ainda mais problemática. Diz: “vamos procurar que homens são estes: se violentos, selvagens e injustos, se hospitaleiros e respeitadores dos deuses”.⁹⁰ Sem proferir

⁸⁹ HOMERO. **Odisséia**. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Rapsódia IX. p. 83

⁹⁰ Idem, p. 84.

palavras, o Ciclope demonstra não possuir normas políticas ou morais, nem culto aos deuses.

Há vários episódios da *Odisséia* de Homero que ilustram ou caracterizam, segundo Adorno e Horkheimer, o processo de desencantamento do mundo. Escolhemos duas passagens entre as mais interpretadas e significativas para compreender a difusão mútua entre mito e esclarecimento. O primeiro episódio é o encontro de Ulisses com o gigante Polifemo, narrado no nono canto da *Odisséia*. O segundo refere-se, ao duodécimo canto da *Odisséia*, que relata o encontro com as sereias. Tomando a *Odisséia* como “*proto-história da subjetividade*” moderna, no entendimento de Adorno e Horkheimer, retrata a *viagem simbólica* e misteriosa que a humanidade precisou realizar para conseguir fazer a passagem da natureza a uma racionalidade autoconservadora, portadora de um espírito estratégico-instrumental: “a humanidade teve de se submeter a terríveis provações até que se formasse o eu, o caráter idêntico, determinado e viril do homem, e toda infância ainda é de certa forma a repetição disso”⁹¹. A luta pela autoconservação da racionalidade instrumental conduz a humanidade a uma sociedade administrada e reificada.

Transcrevemos o encontro de Ulisses com o Gigante Polifemo:

Chegando numa ilha longínqua, não cultivada e sem cidades, Ulisses e seus companheiros se aventuraram até uma caverna, habitação primitiva de um monstro gigantesco, com um único olho no meio da testa, o ciclope Polifemo, filho do deus do mar, Poseidon. Excitados pela curiosidade, esperam dentro da caverna até o ciclope voltar ao cair da noite. Essa curiosidade lhes será fatal porque o monstro desconhece todas as leis sagradas da hospitalidade, aprisiona os viajantes dentro da caverna, fecha a entrada com uma pedra gigantesca e promete devorá-los na ceia noturna. Aqui intervém um dos mais famosos ardis de Ulisses: perguntado sobre o seu nome, Ulisses não revela sua identidade verdadeira, mas se autodenomina de “ninguém” e inventa uma história fictícia para explicar sua chegada na ilha. Um segundo ardis segue à ceia do monstro, no qual foram devorados, vivos e crus, alguns companheiros de Ulisses. Como sobremesa, Ulisses oferece a Polifemo uma porção generosa do vinho precioso que conseguiu conservar, até então, no seu navio, último sinal do mundo culto e civilizado dos homens. O ciclope, que nunca tinha bebido um vinho tão bom, se delicia, repete a dose, fica bêbado e adormece pesadamente. Ulisses e seus companheiros se aproveitam do seu sono para lhe furar o único olho com um tronco previamente apontado. O ciclope grita de dor, seus irmãos acorrem do lado de fora, mas ele só é capaz de dizer “ninguém” – isto é Ulisses – o feriu. Os outros ciclopes zombam dele e vão embora. No raiar da aurora Polifemo afasta a pedra que fechava a entrada da caverna e faz sair seu rebanho de ovelhas, em baixo das quais os companheiros de Ulisses se escondem. Ulisses sai por último agarrado à lã do ventre do carneiro preferido de Polifemo. Todos correm até o navio e

⁹¹ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 39

fogem da ilha, sem que, no entanto, Ulisses consiga resistir à tentação de revelar sua verdadeira identidade. Grita ameaças ao ciclope e anuncia o seu verdadeiro nome. Enfurecido, Polifemo joga um rochedo em direção do navio e quase o esmaga. Depois reconhece que tudo isso tinha sido previsto por um oráculo e pede ao seu pai, Poseidon, que puna Ulisses e faça-o morrer em alto mar, sem jamais retornar a Ítaca – o deus do mar ouve a prece de seu filho.⁹²

Nesta citação, o episódio do Ciclope fere todas as regras da hospitalidade em que os estrangeiros eram acolhidos e num pacto simbólico da paz trocavam presentes entre eles. Ele desconhece a prática do sacrifício, sem rito e sem norma, devora os estrangeiros sem temer aos deuses. Não oferece presente e nem procede com gestos confiáveis. Mas come crus os companheiros de Ulisses. Ulisses ao perceber que a lei da hospitalidade é negada, nega também a sua identidade, identificando-se com *ninguém*. Sem presente valioso para oferecer a Ciclope, lhe oferece estrategicamente um vinho forte, cumprindo assim, com medo e com temor, a norma da hospitalidade. Polifemo ao se deliciar com o vinho, nunca antes tomado, em troca oferece a Ulisses outro presente: Ulisses seria devorado por último, anunciando-lhe a sua morte sem ter a possibilidade de propor outro pacto. Mas a autoafirmação de Ulisses, proveniente de suas estratégias, forja um sujeito que se constitui numa identidade imediata, que se conserva na estrutura mítico-mágico. Ao tentar se salvar das garras de Polifemo, Ulisses produz uma autonegação de sua subjetividade.

Surge a pergunta: porque Ulisses não revela seu verdadeiro nome? Ulisses, ao denominar-se como *ninguém*, taticamente monta a sua armadilha, nega a sua identidade, como alguém inexistente, entre a sua condição de ser e a realidade para escapar à vingança do monstro. Ele é o outro, e outro é o estrangeiro, que está desamparado, que precisa proceder a uma troca para ser reconhecido e poder estabelecer um diálogo. Ulisses, pela capacidade artilosa de resistir pelo viés da negação, não diz seu verdadeiro nome e, demonstra distinguir a sua verdadeira identidade, pois *ninguém* se torna mediação, objeto e trampolim para salvaguardar as relações de poder e da força de seu próprio desejo. Segundo Adorno e Horkheimer, “o sujeito Ulisses renega a própria identidade que o transforma em sujeito e preserva a vida por uma imitação mimética do amorfo”⁹³. Ou ainda, “para

⁹² GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. 2. ed. São Paulo: 34, 2009. p. 30-31.

⁹³ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 63.

alienar-se da natureza ele se abandona à natureza, com a qual se mede em toda aventura”.⁹⁴ Para salvar a sua vida dos perigos e da morte, Ulisses renuncia a si mesmo, reconhecendo-se com vítima, para poder se aproximar e assimilar a simbiose entre esclarecimento e natureza. Nesse sentido, o autodomínio, produto da disciplina impregnado na autoconservação, é proporcional à unidade subjetiva-racional, processo indispensável para a vitalidade do esclarecimento.

A conquista de Ulisses sobre cada potência mítica, concomitantemente, é uma vitória sobre o seu próprio eu que se personifica ao ir além de si mesmo. A vitória de Ulisses é relida por Adorno e Horkheimer como exemplo da audácia daquele que “atua ao mesmo tempo como vítima e sacerdote. Ao calcular seu próprio sacrifício, ele efetua a negação da potência a que se destina esse sacrifício. Ele recupera assim a vida que deixara entregue”.⁹⁵ O estratagema ou astúcia de Ulisses tem em grande parte sua origem e é renovada no culto e na prática do sacrifício que oferece às divindades.

A experiência de comunicação que se realiza por meio da linguagem simbólica através do sacrifício não deve ser separada da divinização da vítima abatida. Por isso, Ulisses é calculista, usa a medida certa e se distancia na hora certa. Segundo Alvaro Valls, quando diz que “*meu nome é ninguém*, está a negar sua própria identidade, tem de se igualar ao nada, e isto é tão terrível que o próprio Ulisses só agüenta até conseguir sair, pendurado na barriga de um carneiro”.⁹⁶ O herói da epopéia vence as superstições da natureza, os obstáculos, mas cai num processo de troca e de dependência, conservando a gênese do mito. Na sua venturosa ousadia, emancipa-se das forças naturais, rompendo barreiras e esquemas, mas permanece aprisionado à sua natureza e teme o ardor dos deuses que o perseguem em seu caminho. Toda a sua trajetória é marcada por aventuras perigosas que modificam o caminho de volta. Perturbado, pensando que os deuses o tinham abandonado, com medo e fisicamente mais fraco, procura lutar e permanecer vivo. Estes novos caminhos são a condição para sua sobrevivência. Ulisses sabe que nunca pode entrar diretamente em conflito com as forças míticas, tendo sempre de reconhecer o estatuto das cerimônias sacrificiais para apaziguá-las.

⁹⁴ Idem, p. 50.

⁹⁵ Idem, p. 51.

⁹⁶ VALLS, Alvaro. Adorno e *Ulisses ou Mito e Esclarecimento*. In: TIBURI, Marcia; DUARTE, Rodrigo (Orgs.). **Seis leituras sobre a Dialética do Esclarecimento**. Ijuí: UNIJUÍ, 2009. p.35.

“Cada uma delas apresenta um aspecto do ciclo da natureza à qual o homem está ligado”.⁹⁷

No episódio do encontro de Ulisses com as sereias, este havia sido alertado por Circe sobre a beleza e a maldição que cercavam o canto das sereias. Ninguém consegue fugir de seus encantos. Segundo Jeanne-Marie Gagnebin,

Advertido por Circe que nenhum navegante resiste aos encantos do canto das sereias, Ulisses trama um ardil que lhe permite escutar o canto e, no entanto, resistir a ele, isto é, não se jogar no mar para alcançar as belas sereias e ser, finalmente, devorado por elas – pois, sucumbir à sedução das sereias acarreta, segundo a tradição, a morte. Ulisses se deixa, então, atar por laços estreitos ao mastro do seu navio, não pode mais se mexer, enquanto seus companheiros, cada um com os ouvidos tapados por cera, remam vigorosamente, passam próximo da região encantada, mas não ouvem nada, nem o encanto dos cantos, nem as súplicas de Ulisses para ser libertado. Prosseguem então, são e salvos, longe dos encantos e dos perigos. Ulisses seria assim, segundo a *Odisséia*,⁹⁸ o primeiro mortal que consegue ouvir o canto das sereias e escapar vivo.

Assim, para Adorno e Horkheimer, há um entrelaçamento entre poder, dominação e um esclarecimento progressivo e luminoso na medida em que Ulisses vai se constituindo num sujeito racional, determinado e cada vez mais astuto. Ulisses se caracteriza por ser um iluminado pelos deuses, prestando sacrifícios; por outro lado, esse indivíduo que sofre e é violentado, também violenta as regras da natureza para se tornar livre das amarras da natureza. Portanto, a ruptura em relação ao mito não é a história da razão ou do espírito que se dirige à emancipação, como pensavam os iluministas. Na sua intrincada dialética entre esclarecimento e “regressão”, para usarmos um termo caro a Adorno e Horkheimer, se constitui através de paradigmas auto-repressivos e de uma violência que se foi manifestando e se gestando desde os primórdios da humanidade.

Ulisses escuta o canto, amarrado ao mastro, canto que o desafia radicalmente a permanecer *astucioso*, equilibrando-se entre a troca e o sacrifício. Ele deve passar pelo caminho das sereias. Por isso, não se opõe a subverter uma lógica linear.

Tampouco tenta, por exemplo, alardear a superioridade de seu saber e escutar livremente as sedutoras, na presunção de que sua liberdade constitua proteção suficiente. Ele se apequena, o navio toma sua rota

⁹⁷ MATOS, Olgária. **Os arcanos do inteiramente outro**: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 155.

⁹⁸ GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. 2. ed. São Paulo: 34, 2006. p. 32-33.

predeterminada e fatal, e ele se dá conta de que continua como ouvinte entregue à natureza, por mais que se distancie conscientemente dela. Ele cumpre o contrato de sua servidão e se debate amarrado ao mastro para se precipitar nos braços das corruptoras. Mas ele descobriu no contrato uma lacuna pela qual escapa às suas normas, cumprindo-as.⁹⁹

A natureza age diferentemente do ser humano dotado de razão, que manipula, controla e transforma a própria natureza conforme seus objetivos ou interesses, em que ela passa a ser vista e interpretada como objeto e meio para atingir uma finalidade específica. Imbuído dessa ideologia, o ser humano foi veementemente capaz de estabelecer um processo de desencantamento no decorrer da história; porém, um desencantamento complexo, que mantém no seu processo a sombra ameaçadora do encantamento sempre próxima – o medo da natureza.

Para Adorno e Horkheimer, a alegoria dos remadores com os ouvidos tapados, que não escutam a beleza do canto, expressa a realidade, o estado dos trabalhadores que não têm a liberdade e nem a opção de escolha. Por conseguinte, há um domínio explícito através da dominação do trabalho em que o trabalhador não consegue discernir a sua real situação e reproduz inconscientemente a lógica da dominação. E os remadores/trabalhadores estão submetidos ao domínio de uma racionalidade instrumental, sem qualquer possibilidade de relação com a natureza, mas sofrendo como que uma *ausência* da natureza. Os remadores não escutam e não podem se manifestar, pois estão atrelados a um ritmo e condenados a reproduzirem apenas o exigido e o determinado pelo sistema dominante, surdos aos perigos, mas também surdos ao mundo. Ulisses necessita do esforço dos remadores para que possa atravessar com segurança o mar e fugir o mais rápido possível do canto das sereias. Há prazos, limites para fazer a passagem. Portanto, Ulisses conhece apenas duas estratégias ou possibilidades para escapar: em primeiro lugar, “ele tapa seus ouvidos com cera e obriga-os a remar com todas as forças de seus músculos. Quem quiser vencer a provação não deve prestar ouvidos ao chamado sedutor do irrecuperável e só o alcançará se conseguir não ouvi-lo”¹⁰⁰ Ele deve estar atento e observar os mínimos detalhes de todos os acontecimentos, a sutileza dos fatos, para conseguir alcançar o seu objetivo principal, ou seja, não cair na tentação de escutar a canção das sereias.

⁹⁹ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 57.

¹⁰⁰ Idem, p. 39.

Em segundo lugar, os trabalhadores são forçados a trabalhar para poderem sobreviver e terem condições de usufruírem uma pequena parte dos bens por eles mesmos produzidos.

Ele escuta, mas amarrado impotente ao mastro, e quanto maior se torna a sedução, tanto mais fortemente ele se deixa atar, exatamente como, muito depois, os burgueses, que recusavam a si mesmos a felicidade com tanta maior obstinação quanto mais acessível ela se tornava com o aumento de seu poderio. O que ele escuta não tem consequência para ele, a única coisa que consegue fazer é acenar com a cabeça para que o desatem; mas é tarde demais, os companheiros – que nada escutam – só sabem do perigo da canção, não de sua beleza – e o deixam no mastro para salvar a ele e a si mesmos. Eles reproduzem a vida do opressor juntamente com a própria vida, e aquele não consegue mais escapar a seu papel social.¹⁰¹

Ulisses começa a experienciar em seu ego uma nova força, adquirindo competências crescentes no lidar com a realidade e pleno domínio próprio de si. O seu objetivo é encontrar o caminho de volta e tomar posse daquilo que lhe pertence: a família, os bens e propriedades e os escravos. O mecanismo de ouvir as sereias o impulsiona a romper a autoconservação automatizada no mito. No mito havia uma lógica interna a ser seguida e tudo estava pré-definido pelos deuses a partir de uma coerção natural. Na narrativa da epopéia irrompe, a partir de uma violência racionalizada que se encontrou na figura de uma personagem bem definida, o herói que é o vitorioso. O herói da epopéia, ao percorrer o percurso para sobreviver às peripécias do destino, atesta sua fragilidade, mas a transforma em força. “Todas as vezes que o eu voltou a experimentar historicamente semelhante enfraquecimento, ou que o modo de expor pressupôs semelhante fraqueza no leitor, a narrativa da vida resvalou novamente para a sucessão de aventuras”.¹⁰² Portanto, o sujeito que começa a tomar consciência de sua condição de ser, alimenta-se ainda da racionalidade mítica e do sacrifício, mas mediante o enfrentamento rígido e contínuo com uma natureza múltipla, diversificada e sedutora, não se lhe opõe simplesmente, mas precisa assemelhar-se a ela para vencê-la em seu encantamento irresistível.

Por que a natureza impõe ao homem tanta resistência? Por que Ulisses precisa vencer as potências da natureza, oponde-se a elas astuciosamente? Ulisses não pode fugir da inevitabilidade e nem romper com o seu destino que é perigosamente ambivalente. Conforme Verlaine Freitas, na narração homérica,

¹⁰¹ Idem, p. 39-40.

¹⁰² Idem, p. 50.

Ulisses, apesar de saber do perigo representado pelas sereias, desconfia do poder da consciência de sua própria liberdade, motivo pelo qual tem que se atar ao mastro do navio. [...] A narrativa homérica é o testemunho da elevação à consciência de si do que já era experimentado nas mentes esclarecidas da época [...]. Mas como essa consciência ainda era precária – na verdade ela estava do processo de se afirmar –, o sujeito tem que buscar no próprio perigo a fonte de salvação contra ele.¹⁰³

Assim sendo, a natureza é tomada como um meio, um objeto para que o sujeito possa se afirmar e constituir a sua subjetividade. Na epopéia, o sujeito materializa e encontra o desconhecido e começa a representá-lo como o poder de dominar. Torna-se mediação necessária em si para o outro. Por isso, na leitura de Adorno e Horkheimer,

As aventuras de que Ulisses sai vitorioso são todas elas perigosas seduções que desviam o eu da trajetória de sua lógica. Ele cede sempre a cada nova sedução, experimenta-a como um aprendiz incorrigível e até mesmo, às vezes, impelido por uma tola curiosidade, assim como um ator experimenta insaciavelmente os seus papéis. Mas onde há perigo, cresce também o que salva.¹⁰⁴

Nas aventuras de Ulisses, as forças da natureza são mais fortes e impõem limites ou restrições, ao querer passar por um caminho totalmente desconhecido. Ao ser alertado por Circe, sente-se mais frágil ainda, desprotegido e desamparado. Como alternativa cabe a Ulisses fazer uma leitura da ordem interna da natureza a partir de uma visão externa. Um olhar externo possibilita perceber que a natureza é perigosa, sedutora e inimiga do homem. O sofrimento é inevitável. Então procura vivenciá-lo sob a pressuposição da apropriação dos elementos descobertos ou encontrados na natureza. Os marinheiros desconhecem o perigo, mas também não vivenciam a beleza dos cantos das sereias. Destarte,

Ele não pode jamais travar luta física com os poderes míticos que continuam a existir à margem da civilização. Ele tem que reconhecer como um fato os cerimoniais sacrificiais com os quais acaba sempre por se envolver, pois não tem força para infringi-los [...]. O astucioso só sobrevive ao preço de seu próprio sonho, a quem ele faz as contas desencantando-se

¹⁰³ FREITAS, Verlaïne. **Para uma dialética da alteridade**: constituição mimética do sujeito, da razão e do tempo em Theodor. Adorno. 2001. Tese (Doutorado em Filosofia e Ciências Humanas). Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2001. Edição revista em 2006. p. 89.

¹⁰⁴ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 50

a si mesmo bem como aos poderes exteriores. Ele jamais pode ter o todo; tem sempre de saber esperar, ter paciência, renunciar.¹⁰⁵

Ulisses começa a experienciar e delinear sua potencialidade em direção a um poder de encantamento irresistível. Para sobreviver às intempéries da natureza, institui em si mesmo uma subjetividade que seja sedimentada e unificada na abstração da natureza, ou seja, *transformando-a de algum modo em fruto de seu poder racional*, cooptando-a para seu campo de ação. As relações de poder e de força é que se tornam mediações para o sujeito. Ulisses começa a perceber as diferenças entre si mesmo e os outros e se permite estabelecer uma mediação específica para perpetuar a sua *negação* da natureza.

2.2. O SACRIFÍCIO E A ASTÚCIA: AUTOCONSERVAÇÃO E MEDO

“A palavra deve ter um poderio imediato sobre a coisa, expressão e intenção confluem. A astúcia, contudo, consiste em explorar a distinção, agarrando-se à palavra, para modificar a coisa”.¹⁰⁶

Segundo Adorno e Horkheimer, “pelo princípio arcaico do sangue e do sacrifício”,¹⁰⁷ o ser humano institui o processo de secularização e de uma racionalização da violência a si mesmo. Se Ulisses é desafiado pela natureza, pela qual ele é ameaçado, ela lhe permite e possibilita, além de resistir e desafiar as regras e as forças míticas, experimentar uma ambiguidade visceral da natureza. Portanto, Ulisses perde-se para se ganhar, deixa-se seduzir para enfrentar os perigos. A astúcia, para Marcia Tiburi, “nada mais é do que o recurso utilizado pelo eu para subsistir frente às forças da natureza”.¹⁰⁸ Como sujeito autóctone, consciente de sua autoafirmação e de sua inteireza, torna-se esclarecido para desafiar as forças míticas que possuíam também um poder de persuasão e manter subjugado aos seus poderes um “pensamento esclarecedor”.

O conteúdo Ulisses busca e preserva através dos poderes superiores, ou seja, das divindades. Porém, “para se alcançar essa autoconsciência é necessário que se experimente o poder que se possui para resistir a elas, tornando-se duro e

¹⁰⁵ Idem, p. 55.

¹⁰⁶ Idem, p. 57.

¹⁰⁷ Idem, p. 49.

¹⁰⁸ TIBURI, Marcia. **Crítica da razão e mimesis no pensamento de Theodor Adorno**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. p. 52-53.

forte contra as seduções de toda ordem”.¹⁰⁹ Embora sua identidade não esteja constituída plenamente, Ulisses distingue-se do espírito do processo civilizacional de sua época por causa do impulso de satisfação e autoconservação de seus instintos. Dentro de seus limites (pois Ulisses está amarrado ao mastro e não pode se desprender), utiliza-se dessa precariedade para neutralizar a ação das sereias e tornar-se sujeito de suas ações por meio de um grupo que está submetido à sua ordem.

No entanto, a racionalidade que passa a se encaixar no modelo que o sujeito projeta na natureza é a instrumental. Por isso, o próprio esclarecimento, que tem suas raízes no mito, é mais que mero “esclarecimento”. Para Adorno e Horkheimer é a “natureza que se torna perceptível em sua alienação. [...] Todo o progresso da civilização tem renovado, ao mesmo tempo, a dominação e a perspectiva de seu abrandamento”.¹¹⁰

Há uma ideologia dominadora. Conhecer significa poder manipular a natureza e controlar conforme interesses particulares. O mito procurava explicar, tornar mais compreensível e ordenada a realidade. Mais do que um relato dos fenômenos e acontecimentos, aos poucos tornou-se uma doutrina e um instrumento – o mais poderoso – para controlar o conhecimento e ter um domínio sobre a realidade. “Se a troca é a secularização do sacrifício, o próprio sacrifício já aparece com o esquema mágico da troca racional, uma cerimônia organizada pelos homens com o fim de dominar os deuses, que são derrubados exatamente pelo sistema de veneração”.¹¹¹ O desfecho dessa troca, segundo Adorno e Horkheimer, é a reificação do desconhecido e das forças ameaçadoras.

O próprio sacrifício passa a existir como esquema organizado racionalmente para transformar o medo e a fraqueza em força e garantir ao homem a sua autoconservação. O esclarecimento dá-se no mito. Mas o mito perde sua força e é absorvido por outra racionalidade ordenadora da Odisséia: “o cosmo venerável do mundo homérico pleno de sentido, revela-se como obra da razão ordenadora, que destrói o mito graças precisamente à ordem racional na qual ela o reflete”.¹¹² Manter

¹⁰⁹ FREITAS, Verlaïne. **Para uma dialética da alteridade**: constituição mimética do sujeito, da razão e do tempo em Theodor. Adorno. 2001. Tese (Doutorado em Filosofia e Ciências Humanas). Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2001. Edição revista em 2006. p. 89.

¹¹⁰ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 44.

¹¹¹ Idem, p. 51

¹¹² Idem, p. 47.

a ordem existente, em que a razão está a serviço como instrumento para a permanência da ordem da dominação, desencadeia um retorno mais violento àquilo que se negou e se procurou substituir ou aniquilar. Esse processo se efetua na Odisséia, para que as aventuras de Ulisses pudessem promover e efetuar a passagem da natureza à cultura, da submissão ao domínio da natureza. Portanto, a barbárie que o mito outrora tentava ocultar estava embrionada na ira de Ulisses. No ritual mágico e na explicação mítica (oral ou escrita), havia a confiança de que por meio da representação dos acontecimentos poder-se-ia controlar e influenciar a fúria da natureza.

Um aspecto importante que cabe aqui observar é a relação entre a natureza, que é destituída de seu encanto, e o processo de racionalização que surge sob a égide de uma reação ao medo. Portanto, o medo é o denominador comum que impulsiona uma reação e é o substrato da dominação. Sendo assim, o medo gera a necessidade de dominação da natureza por um processo violento de negação ou de repulsa. No mito, o mecanismo de dominação da natureza está muito presente, e, sendo negado pelo esclarecimento, retorna na racionalidade dialética. Mesmo que Ulisses se desprenda da forma mítica, ainda carrega muito do mito em si. O passado ainda está próximo do herói, e ao retornar ao estado de natureza ele deixou para trás o mundo das sobras: “o eu ainda está tão próximo do mito de outrora, de cujo seio se arrancou, que o próprio passado por ele vivido se transforma para ele num outrora mítico”.¹¹³ O sofrimento está impregnado na natureza e é por meio dele que o sujeito procura se emancipar. Ulisses buscou superar o conflito constante com a natureza na tentativa de criar espaço para a construção de sua subjetividade. O presente está relacionado com o conflito e com o desprendimento constante com relação à natureza. No confronto com a natureza, ele se entrega a ela, para poder se ganhar e, assim, fortalecer seu vínculo com a natureza, a fim de se elevar na posição de senhor. Por isso, o mito e a narrativa da epopéia estariam entrelaçados e antecipam a “dialética do esclarecimento”, tendo em comum a pretensão de uma explicação sobre a realidade em seus contextos e seus fenômenos, sempre tendo como meta o “intuito de reportar, de nomear, de dizer a origem, dos quais se depreendem também propósitos de apresentação, de fixação e de explicação”.¹¹⁴ O

¹¹³ Idem, p. 38.

¹¹⁴ DUARTE, Rodrigo. **Adornos**: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano. Belo Horizonte: UFMG, 1997. p. 48.

plano de ação do esclarecimento, seja nos mitos, seja nos poetas trágicos ou seja em Bacon, referência da racionalidade moderna, é a elevação do homem à posição de senhor em relação ao mundo desconhecido, materializado e desencantado. O esclarecimento nasce das sombras desse desencantamento, pretendendo exorcizar todo o feitiço para neutralizar e demonstrar o desconhecido. No intuito de se sentir mais protegido diante do desconhecido, o mito se torna doutrinário e ordenador.

O ato sacrificial é uma forma embrionária das práticas mítico-religiosas para apaziguar a ira dos deuses e da natureza. Poder-se-ia, com esses sacrifícios, alvejar a onipotência dos deuses e livrar-se dos infortúnios da natureza. No ato sacrificial, o sujeito consegue driblar ou burlar e enganar as divindades para sobreviver. O logro é a maneira para resistir frente à natureza. Ulisses logra as divindades da natureza com um ato de troca. Para Adorno e Horkheimer, a “história da civilização é a história da introversão do sacrifício. Ou por outra, a história da renúncia”.¹¹⁵ Ao sacrificar-se para poder permanecer vivo, o logro possibilita a formação de sua subjetividade. E “quem pratica a renúncia dá mais de sua vida do que lhe é restituído, mais do que a vida que ele defende”.¹¹⁶ O sofrimento, a renúncia, a dor são condições para que haja o entrelaçamento entre o sacrifício e o esclarecimento.

Voltado ao episódio das sereias, essa violência contra a natureza ligada ao princípio da autoconservação é uma negação abstrata da natureza. Ulisses está atrelado e tutelado a reproduzir mecanicamente os mecanismos repressivos do pensamento e da ação que estava já presente no mito, mas sob outra ótica. Adorno e Horkheimer distinguem que

Se a fé na substituição pela vítima sacrificada significa a reminiscência de algo que não é um aspecto originário do eu, mas proveniente da história da dominação, ele se converte para o eu plenamente desenvolvido numa inverdade: o eu é exatamente o indivíduo humano ao qual não se credita mais a força mágica da substituição.¹¹⁷

Dominar a natureza é domesticar e controlar os desejos e as pulsões humanas, controlando-as pelo processo de instrumentalização das ações sobre a natureza, mas não as negando. Ulisses não toma outro caminho, não foge das sereias, mas as enfrenta usando de artifícios pensados para sua autodefesa. A intenção de Ulisses é apenas quantificar, ou seja, atribuir um valor quantitativo à

¹¹⁵ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.p. 54.

¹¹⁶ Idem, p. 54.

¹¹⁷ Idem, p. 52.

natureza para dominá-la, a partir de um tempo pré-determinado e de um espaço definido. A sua superioridade está em fazer uso da razão para descobrir um meio para não sucumbir aos encantos das sereias, que são fabulosos e atraentes. As sereias oportunizam algo como uma promessa de prazer e o retorno ao estado da natureza, ao passado mítico, à harmonia entre o homem e a natureza.

A violência que é produzida pelo princípio da autoconservação na passagem das sereias, contra a natureza, reproduz a vida do opressor como também daqueles que estão submetidos à sua ordem. Eles tapam os ouvidos por causa do perigo da canção das sereias. Mas não sabem da realidade do seu senhor (Ulisses), não escutam e muito menos possuem possibilidades de fazer uma interpretação sobre os fatos. “Os remadores que não podem se falar estão atrelados a um compasso, assim como o trabalhador moderno na fábrica, no cinema e no coletivo”.¹¹⁸ Portanto, quem reproduz a vida dos opressores são aqueles que estão sob seu domínio. Por meio de uma aparelhagem social, econômica e científica, os dominados perdem a capacidade de refletir e limitar as ações dos opressores. Para o sistema se autodesenvolver e preservar a lógica da dominação, os trabalhadores devem, (como na passagem das sereias) tapar os ouvidos, aprender a reproduzir a ordem existente, instituída, e remar *sem consciência*. Como Ulisses impôs a remarem em seu benefício, assim os operários das fábricas precisam cumprir seus deveres para usufruírem de um salário miserável. “Ao subordinar a vida inteira às exigências de sua conservação, a minoria que detém o poder garante, justamente com sua própria segurança, a perpetuação do todo”.¹¹⁹ Forçado pela dominação, o trabalhador ajuda na autoconservação do dono do capital. Contudo, em consequência de sua dominação, força a sua auto-alienação. Portanto, a modernidade criou os novos trabalhadores, remadores do mito de Ulisses. O senhor que tem os trabalhadores sob domínio fica tranquilo, descansado, enquanto eles o devem servir por meio de seu trabalho.

Para Adorno e Horkheimer, a racionalidade moderna vive diante de um contraste, de um paradoxo, ao afirmar o uso livre da razão como solução de todos os problemas, pois, quanto mais se verificam os avanços e os desenvolvimentos tecnológicos, as ameaças tornam-se constantes à natureza e ao próprio homem. A razão, que faria com que a humanidade se emancipasse, recaiu, por fim, no mito da

¹¹⁸ Idem, p. 41.

¹¹⁹ Idem, p. 37-38.

barbárie. O esclarecimento assume o mesmo princípio do mito, o da dominação: [...] “O horror mítico do esclarecimento tem por objeto o mito”.¹²⁰ A dialética entre mito e esclarecimento é um eterno processo.

A razão, na modernidade, absolutizou-se de forma teleológica, não se dando mais conta dos próprios fins que quer chegar. Não consegue *para si mesma* uma fundamentação de seu existir racional; por isso, conduz-se à posição de uma *refinada forma do mito*.

Portanto, de forma crítica, os autores se posicionam ante a racionalidade instrumental, para fazer compreender que se vive em uma sociedade onde a técnica e a autonomia da ciência e da razão, às quais falta o estatuto de legitimidade para além de sua mera eficácia, é que são predominantes com relação às outras formas de conhecimento.

2.3. GENEALOGIA VIOLENTA DA SOCIEDADE ILUMINISTA

“Fé venerável no sacrifício, porém, já é provavelmente um esquema inculcado, segundo o qual os indivíduos subjugados infligem mais uma vez a si próprios a injustiça que lhes foi infligida”.¹²¹

Ulisses, nos episódios do encontro com Ciclope Polifemo e com as sereias, foi estratégico e cauteloso em suas ações, conseguindo controlar friamente suas paixões, emoções, seus apetites instintivos frente às leis mitológicas da natureza. Astucioso e esclarecido, o herói usa de novas artimanhas para uma aparente rendição às normas da natureza, a fim de ganhar a confiança das potências míticas para superá-las e quebrar os seus encantos. É uma autodefesa para sobreviver às intempéries do mundo desconhecido, pois Ulisses é-lhes inferior fisicamente, não tendo condições para enfrentá-las corporalmente.

O homem sempre teve medo do desconhecido, por isso precisa mimetizar seu sofrimento por meio de uma linguagem simbólica, mítica, para automutilar, camuflar o seu temor. O sofrimento é minimizado quando o indivíduo projeta em si mesmo a natureza assimilando-se para poder posteriormente negá-la. Mas para conseguir se alienar na natureza, “ele se abandona à natureza, com a qual se mede

¹²⁰ Idem, p. 36.

¹²¹ Idem, p. 52.

em toda a aventura, e, ironicamente, essa natureza inexorável que ele comanda triunfa quando ele volta – inexorável – para casa, como um juiz e vingador do legado dos poderes de que ele escapou”.¹²² Segundo Adorno e Horkheimer, Ulisses logra as divindades da natureza pela sua capacidade racional de refletir sobre suas ações e sobre os meios que usará para defender-se. A humanidade sempre teve que inovar e usar de novas estratégias e meios para conseguir sobreviver diante dos obstáculos que a natureza lhe impõe.

A própria troca, sendo artifício do esquema mítico, é secularizada e tem por objetivo lograr e manipular os deuses: "A parte que o logro desempenha no sacrifício é o protótipo das astúcias de Ulisses, e é assim, que muitos de seus estratagemas são armados à maneira de um sacrifício oferecido às divindades da natureza”.¹²³ Ulisses se *sacrifica* para escapar do domínio das sereias – para sobreviver – e poder prosseguir o seu destino.

As sereias esperam que algum navio possa passar por aquele lugar para elas poderem também usar de suas artimanhas para atrair os tripulantes. Elas são espertas naquilo que sabem fazer e espertas no momento certo, sempre sob a mesma condição: a função específica das sereias é cantar uma canção com encantamento e prazer para que quem passasse por lá fosse seduzido, encantado e distraído para sucumbir inconscientemente às leis da natureza. Ulisses sabe da superioridade arcaica da canção e é alertado por Circe que ninguém tem condições de atravessar por aquele caminho penoso. Mas para ele não há outra escolha naquele momento. Ainda é o melhor caminho. Aflito, pensa em numa estratégia nunca usada antes, ou seja, impõem-se descobrir uma lacuna pela qual ele pode escapar das normas da natureza. Qual seria a lacuna do contrato descoberto por Ulisses? Não descumpra o contrato, ou as normas a serem seguidas como algo dado, mas acrescenta “artifícios que não estavam previstos nas cláusulas originais”.

Descobriu que deveria cruzar por aquele caminho amarrado e que os remadores deveriam tapar os ouvidos para não escutarem a voz das sereias e nem a sua. Ulisses se inclina ao prazer da canção, desfruta-a, debate-se no mastro. Na condição de mortal, Ulisses se sacrifica para poder sobreviver. Quanto mais se aproxima das sereias, mas forte fica o desejo de deixar-se seduzir: “Apesar da violência de seu desejo, que reflete a violência das próprias semideusas, ele não

¹²² Idem, p. 50.

¹²³ Idem, p. 51.

pode reunir-se a elas”,¹²⁴ e os remadores que estão sob a ordem de Ulisses, “com os ouvidos tapados de cera, estão surdos não apenas para as semideusas, mas também para o grito desesperado de seu comandante”.¹²⁵ Evidencia-se aqui, uma mutilação do corpo. Ulisses amarrado ao mastro cala-se, e perde o direito de ser escutado e ajudado ou acudido. Expia sua culpa, amoldando-se à natureza, e reproduz a sua própria maldição. Por outro lado, a astúcia consiste em defender-se e explorar os novos lugares pertencentes ao seu destino. Segundo Adorno e Horkheimer, “o astucioso só sobrevive ao preço de seu próprio sonho, a quem ele faz as contas desencantando-se a si mesmo bem como aos poderes exteriores”.¹²⁶ O seu eu fica fortalecido e apto a enfrentar uma nova trajetória pela resistência ao canto mortal das sereis. Ele se habilita a retornar seguro para casa, mediante uma compensação imediata. Ulisses, ao tentar negá-la para defender-se de seu medo, mais se aproxima da natureza. Esse processo dialético enriquece seu eu e o faz aproximar-se do esclarecimento moderno. Mas o conhecimento moderno, a ciência, rompe com a relação entre sujeito e objeto, negando a natureza e a relação recíproca que havia entre palavra e coisa referida na época da explicação mítica.

Ao oferecer sacrifício às potencias naturais, o seu eu fica saciado e espiritualizado como uma divindade. Para Bruno Pucci, “o senhor consegue ludibriar o mito, uma vez que segue seus ditames, interpondo seus comandados entre si mesmo e o objeto desejado. Contudo, a vitória do senhor não é total e paga-se um preço alto demais”.¹²⁷ Os remadores são seres alienados e não se defendem dos perigos da natureza. São escravos submetidos ao controle de seu dono. Portanto, não são livres para pensar e agir, mas reproduzem aquilo que lhes é imposto. Também Ulisses, ao ficar preso ao mastro, se automutila, oferecendo sacrifícios às divindades da natureza. Ele não consegue se desvencilhar do embuste do esquema mágico da racionalidade sacrificial do caráter opressor do mito. “Sua substancialidade é aparência, assim como a imortalidade da vítima abatida”.¹²⁸ Mas seu ego ainda está entrelaçado e submetido nas práticas ritualísticas que possuem um poder invisível para controlar os fenômenos da natureza. Portanto, como que se

¹²⁴ Idem, p. 57.

¹²⁵ Idem, p. 57.

¹²⁶ Idem, p. 55.

¹²⁷ PUCCI, Bruno; OLIVEIRA Newton Ramos; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Adorno: o poder educativo do pensamento crítico**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 50.

¹²⁸ Idem, p. 50.

livra do “medo” que pressupõe o processo do desencantamento das coisas, mas perde-se no entrelaçamento entre razão e dominação.

O poder do desconhecido gera angústia e desespero para o sujeito. Ulisses paga um preço alto demais na tentativa de ordenar o desconhecido que está no cosmo e é venerado pela ordem mítica. Na tentativa de anulá-lo, ele traz o mito para o interior da subjetividade humana, onde se repetirá eternamente. Ela se sustenta por meio da dominação da natureza. Conhecer significa saber manipular, dominar e constituir a unidade da natureza e quantificá-la, para a ciência moderna, em regra e probabilidade. Como Ulisses é o receptáculo da proto-história das superioridades arcaicas, a ciência moderna constitui-se em nova força motora e portadora da dominação da natureza. É o *telos* do progresso social, que para Adorno e Horkheimer exprime a célula da proliferação da irracionalidade mítica, sendo que o vestígio mais primitivo “desse pensamento que representa para a má consciência dos espíritos arcaicos de hoje a ameaça de desfechar mais uma vez todo o processo que intentaram sufocar e que, no entanto, ao mesmo tempo levam a cabo de maneira inconsciente”.¹²⁹ A genealogia violenta da sociedade iluminista está em ser antimitológica, opondo-se a tudo o que não é possível matematizar e substituir por uma racionalidade autoconservadora. A natureza é quantificada, reificada e é conduzida à ordem racional. Por isso, o esclarecimento é *totalitário*: “aprendeu a ordem e a subordinação com a sujeição do mundo, não demorou a identificar a verdade em geral com o pensamento ordenador, e essa verdade não pode subsistir sem as rígidas diferenciações daquele pensamento ordenador”.¹³⁰ A natureza desqualificada torna-se presa fácil para a racionalidade instrumental, que a manipula e a domina para determinados fins. “O que não é reduzido ao número e o que não se torna manipulável é visto como suspeito”. Tudo está dominado pelo equivalente e o número é o cânon do qual pode ser deduzida toda a realidade por meio de uma espécie de língua matemática. Para Adorno e Horkheimer, é possível pensar as formas pré-conceituais da formação da consciência do indivíduo e de sua própria racionalidade. A partir do conceito de mimesis é possível compreender como esse processo foi se gestando até chegar ao seu ápice: a racionalidade instrumental. É importante investigar onde reside o germe, a origem dessa racionalidade. A

¹²⁹ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 48.

¹³⁰ Idem p. 25.

racionalidade moderna procura desvencilhar-se do comportamento mágico-mimético, com o objetivo de libertar o indivíduo do medo.

A *ratio*, que recalca a mimese, não é simplesmente seu contrário. Ela própria é mimese: a mimese do que está morto. O espírito subjetivo que exclui a alma da natureza só domina essa natureza privada da alma imitando sua rigidez e excluindo-se a si mesmo como animista. A imitação se põe a serviço da dominação na medida em que até o homem se transforma em um antropomorfismo para o homem.¹³¹

A mimesis é uma forma de experienciar com intimidade uma aproximação com um objeto, mas não é um conhecimento *reflexivo* ou conceitual sobre a realidade. O ser humano tinha uma atitude de aproximar-se da natureza, assemelhando-se a ela para poder superar o seu medo. É uma forma de resistência inteligente para poder escapar das ameaças. É um esquema arcaico de conservação. Várias espécies de insetos e de pequenos animais sobrevivem pela similitude com o meio ambiente. A criança, que está num estágio anterior de formação de sua consciência sobre as coisas e da diferenciação dos objetos, imita e começa assimilar os objetos e a realidade que a cerca. Ela tem uma tendência *fisiológica* de se relacionar com a natureza e com a realidade. A mimesis, embora ainda não conceitual, já era uma forma de conhecimento que reproduz o momento da proto-história, de assimilação cognitiva, elaborada para a constituição do pensamento. O impulso basilar de toda a trajetória analítica do eu está na luta pela autopreservação de sua identidade e de sua natureza. Para Olgária Matos,

A base do saber-poder é o terror. A obsessão do diverso faz com que se recalque a multiplicidade à unidade de comando científico. É sob esse prisma que o iluminismo científico perpetua a necessidade do sacrifício no qual se baseava o antigo poder dos feiticeiros. Nele, como no mito, a brutalidade se ritualiza e tende a justificar-se pondo-se em relação com o sagrado. Na total secularização iluminista, o sagrado volta a confirmar-se como poder obscuro que pede sangue e exige sempre mais sacrifícios humanos. Repressão, violência, fanatismo, superstição, intolerância são o produto paradoxal do pleno e vitorioso desdobramento da racionalidade.¹³²

A história nos mostrou o fracasso da racionalidade iluminista. A raiz da sociedade moderna se fundamenta numa racionalidade dominadora, que está mobilizada em prol de um sistema dominante e opressor. O desdobramento da

¹³¹ Idem, p. 55.

¹³² MATOS, Olgária. **Os arcanos do inteiramente outro**: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 143.

racionalidade iluminista está baseado na idéia de querer abarcar todo o conhecimento acompanhado por um progresso tecnológico-científico. Voltada a si mesma, a racionalidade instrumental justifica sua ação no progresso e nos benefícios trazidos à sociedade. A razão, enquanto possibilidade de saída da menoridade kantiana rumo à autonomia, à liberdade e à emancipação dos indivíduos, ao inverso, trouxe um sistema totalitário e impositivo.

O sacrifício faz parte de um artifício originário da troca racional, que torna possível enganar os deuses para assegurar a sua própria vida. O domínio crescente exercido pelo sujeito racional por meio da técnica e abstração afasta o ser humano da natureza. A natureza é convertida em objeto. Nessa expropriação há uma escravização da natureza. Como bem explica Manfredo Oliveira, o percurso de dominação da natureza pelo homem trouxe consigo os germes da barbárie e a razão se tornou, no processo de racionalização, sinônimo de dominação:

Esse processo vai fazer com que a ilustração, que tanto se orgulhava de haver superado a fase mítica da vida humana, recaia nas injunções da consciência mítica. O sentido fundante de toda a modernidade é o domínio sobre uma natureza externa objetivada e uma natureza interna reprimida. A razão destrói a humanidade, que ela havia tornado possível. Por isso, a conclusão da crítica de Horkheimer e Adorno à razão moderna é extrema: a razão é, na modernidade cultural, despojada de qualquer pretensão de validade própria e totalmente assimilada ao poder.¹³³

A racionalidade instrumental foi se consolidando e se estruturando na sociedade, à medida que procurava substituir o conhecimento que derivava das crenças, da cultura popular e das explicações míticas. A grande questão que precisa ser analisada relaciona-se justamente ao motivo de a razão não perceber seu “*irracionalismo*”. Por que ela não consegue retomar seu ideal crítico, já que pretende ser inovadora e fiel à sua própria origem, na qual o questionamento do real – dela, inclusive – é imperativo? Ora, a ciência moderna, que penetrou – *positivou* – profundamente em todos os campos, a partir de um formalismo lógico ampliado, mantém seu pensamento preso à calculabilidade dos fins imediatos. Para Adorno e Horkheimer, é falsa a idéia iluminista de que a dominação da natureza é condição de possibilidade de efetuar a liberdade da razão e a emancipação dos indivíduos. Como os mitos e a epopéia homérica, que já são uma tentativa de efetuar a liberdade dos

¹³³ OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. A crise da racionalidade moderna: uma crise de esperança. In: _____. **Ética e racionalidade moderna**. São Paulo: Loyola, 1993, p. 78.

indivíduos, sua emancipação frente aos obstáculos da natureza e que tem em comum a dominação e a exploração, a civilização europeia carrega uma violência nua e crua: “o princípio arcaico do sangue e do sacrifício já está marcado por algo da má consciência e da astúcia da dominação, que são características da renovação nocional que se serve hoje dos tempos primitivos como recurso propagandístico”.¹³⁴ Ou ainda, “a hostilidade do eu ao sacrifício incluía um sacrifício do eu, porque seu preço era a negação da natureza no homem, em vista da dominação sobre a natureza externa e sobre os outros homens”.¹³⁵

Uma das características do conhecimento moderno e da ciência tecnológica é de negar ou se opor a reconhecer o conhecimento que provinha do mito. Para Adorno e Horkheimer, o mito não pode ser considerado simplesmente como um conhecimento ingênuo, sem validade, pois ele é uma forma de explicar a realidade num determinado período da história da humanidade. Portanto, o mito era uma forma específica de explicar a realidade e de elaborar conhecimento. Com a chegada da modernidade e da nova ciência, o conhecimento mítico foi considerado supérfluo e ingênuo. Diante dessa problemática, pode-se perguntar: que ciência (moderna) é esta que não tem consciência dos problemas que cria? Os avanços, as novas tecnologias, levam à humanização ou desumanização do homem?

Além da injustiça social que influencia diversos fatores, tem-se na sociedade o problema da alienação que, além de preservar os dominantes no poder, ajuda a aprimorar a autoconservação *fática* e *racional* do poder tecnológico. As pessoas não se dão conta de sua alienação e de estarem submetidas ou controladas pelo poder econômico. Os indivíduos, no universo da racionalidade instrumental, não são capazes de decidir conscientemente, pois não conseguem refletir e, muito menos, analisar criticamente a situação que os envolve.

E não é somente isso, dizem os autores da *Dialética do Esclarecimento*. O preço da dominação influencia profundamente as relações entre as pessoas. As pessoas, no sistema capitalista, estão envolvidas muito mais que em uma mera alienação em que perdem a capacidade de analisar de forma crítica a sociedade. As relações tornam-se conflituosas:

¹³⁴ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 49.

¹³⁵ Idem, p. 53.

O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitiçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das relações e funções convencionais que se esperam dele como algo objetivo. [...] As inúmeras agências da produção em massa e da cultura por elas criada servem para inculcar no indivíduo os comportamentos normalizados como os únicos naturais, decentes, racionais.¹³⁶

A compreensão da citação referida diz respeito ao conceito de alienação. Produção dos desejos. A indústria cultural é um exemplo claro. As pessoas deixam-se submeter ou influenciar por causa da padronização e unificação dos objetos disponíveis. Há uma modelação da subjetividade, na qual as pessoas não conseguem desprender-se dos produtos oferecidos pela indústria cultural, ficando submetidas à lógica capitalista. O sujeito alienado perde a capacidade de fazer uma reflexão crítica e construtiva sobre a realidade a qual ele pertence. Para Ricardo Bahia, isso leva

à degeneração da cultura européia, como um todo, em ideologia, ou seja, aquilo que oferece ao consumo, praticamente imposto a populações inteiras pelos especialistas em *marketing* – cientistas ou farsantes – sem que se dê à população uma oportunidade de participação direta, consciente e crítica”.¹³⁷

A racionalidade instrumental, pela sua sofisticada técnica, exerce fortes influências, conseguindo penetrar em todos os aspectos da vida humana. Para Adorno e Horkheimer, a arte padronizada com finalidades próprias não pode ser considerada uma arte autêntica, mas, em compensação, ela ajuda ao poder econômico a manter sua ideologia. Retomando o já examinado sob outro aspecto: segundo Alvaro Valls, na passagem das sereias, Ulisses usou de dois estratégias para escapar ileso: primeiramente mandou tapar os ouvidos dos remadores que ficam sem a sensibilidade auditiva, enquanto Ulisses se deleita angustiado, mas maravilhado com os cantos entoados pelas sereias:

Operário, embotado, não vai a concerto, não curte ópera, não gosta de orquestra sinfônica, não vai à casa de cultura. Fica em casa vendo televisão. Já o dominador, dono do barco, curte a música maravilhosa das sereias, porém faz-se amarrar e avisa: se eu estiver gritando, remem mais forte, não me libertem, senão morreremos todos. Com esses dois

¹³⁶ Idem, p.35.

¹³⁷ BAHIA, Ricardo. **Das luzes à desilusão**: o conceito de indústria cultural em Adorno e Horkheimer. Belo Horizonte: Autêntica/FCH-FUMEC, 2004. p. 93.

estratagemas Ulisses consegue curtir ousadamente, curtir ao máximo, porém, preso, e assim, sem perigo. Adorno comenta que hoje a burguesia curte uma bela música sentada numa boa poltrona, mas não faz nenhuma loucura por causa dessa experiência musical de encantamento. Curte a música dentro dos devidos limites. A música perdeu o poder báquico, dionisíaco, do delírio, somos todos burgueses apolíneos, bem-educados, autodominados, curtindo uma boa música que não nos seduza, não nos enlouqueça, não nos embriague.¹³⁸

É a arte da copiabilidade integral. A arte na indústria cultural é predeterminada. Por isso não pode ser considerada autêntica. Portanto, na crítica da dominação da natureza elaborada por Adorno e Horkheimer, se percebe, segundo Luiz Bicca, “o caráter autodestrutivo dessa dialética: a razão está condenada a gerar desrazão, este é o traço essencial da história do processo civilizatório”.¹³⁹ A realidade é totalmente administrada e reduzida ao entendimento técnico e instrumental.

Com referência, ainda, ao comportamento das pessoas diante dos problemas econômicos e sociais, na racionalidade instrumental não se produz somente uma coisificação exterior, padronizando os objetos, mas também uma profunda influência na subjetividade humana. Isto acontece porque “[...] o aparelho econômico, antes do planejamento total, já provê espontaneamente as mercadorias dos valores que decidem sobre o comportamento dos homens”.¹⁴⁰ Cabe questionar: o que realmente faz com que as pessoas se submetam a uma subjugação total? Provavelmente, os valores são antecipadamente planejados ou definidos a fim de modelar o comportamento das pessoas. Portanto, há uma modelação ou coisificação da subjetividade, levando as pessoas a consumirem os produtos da indústria cultural.

Os trabalhadores, no sistema capitalista, não possuem acesso ao que eles produzem. Vendem sua força de trabalho como mão-de-obra, como se fossem máquinas que estão a serviço da manutenção do *status quo* e, por isso, seus direitos lhes são negados e não podem fazer grandes exigências. Quanto mais tecnologia à disposição do mercado de trabalho, mais mão de obra está disponível

¹³⁸ VALLS, Alvaro. Adorno e “Ulisses ou Mito e Esclarecimento”. In: TIBURI, Marcia; DUARTE, Rodrigo (Orgs.). **Seis leituras sobre a Dialética do Esclarecimento**. Ijuí: UNIJUÍ, 2009. p. 29.

¹³⁹ BICCA, Luiz. O alcance da crítica da racionalidade instrumental. In: _____. **Racionalidade moderna e subjetividade**. São Paulo: Loyola, 1997. p. 217.

¹⁴⁰ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 35.

no mercado de trabalho. A submissão da natureza inclui a submissão do próprio indivíduo:

O trabalho social de todo indivíduo está mediatizado pelo princípio do eu na economia burguesa; a um ele deve restituir o capital aumentado, a outro a força para um excedente de trabalho. Mas quanto mais o processo da autoconservação é assegurado pela divisão burguesa do trabalho, tanto mais ele força a auto-alienação dos indivíduos, que têm que se formar no corpo e na alma segundo a aparelhagem técnica.¹⁴¹

As classes dominantes possuem o aparato tecnológico, são donas do capital e impõem a seu modo um modelo econômico pensado estrategicamente para seus interesses e em seu benefício. As classes subalternas, assim entendidas, reproduzem um sistema social dirigido e orientado a manter a ordem estabelecida pelo sistema dominante. O fundamento, o pilar desse sistema socioeconômico, à medida que leva à efetivação do seu processo, conduz os indivíduos a um reconhecimento objetivado de sua condição de subalterno. Como Ulisses, a racionalidade instrumental “promete o caminho para a pátria”,¹⁴² não mais como um reino arcaico (mundo primitivo), mas por meio da liberdade concedida pela mediação econômica.

Por fim, cabe perguntar: como a razão instrumental dá sustentação a este sistema de sociedade capitalista e como a questão econômica, por assim dizer, se torna o fluxo central da vida da sociedade moderna a partir da racionalidade dialética entre mito e esclarecimento? Tema que se abordará no próximo capítulo.

¹⁴¹ Idem, p. 36.

¹⁴² Idem, p. 69.

3. RACIONALIDADE DIALÉTICA ENTRE MITO E ESCLARECIMENTO

“O esclarecimento, a partir do momento em que ele pode se desenvolver sem a interferência da coerção externa, nada mais pode segurá-lo”.¹⁴³

Vimos que a racionalidade mítica, que era de resistência e inicialmente de repulsa à natureza ainda desconhecida, aquela que infundia medo aos homens, está salvaguardada e reprimida na racionalidade moderna. A racionalidade moderna potencializou e como que “reconciliou” as contradições que foram absorvidas na mais profunda inteligibilidade da racionalidade dialética que tem uma estreita relação entre dominação da natureza e a própria dominação do ser humano. O esclarecimento moderno, ao combater os mitos, produziu uma racionalidade perversa e dominadora que se institucionalizou na história, por meio da ação humana. Nas palavras de Marcia Tiburi:

Como demonstram (Adorno e Horkheimer, O. P. M.) em uma de suas teses mais fortes na “Dialética do Esclarecimento”, segundo a qual a história dos homens forma uma continuação da história natural, esta é tida como natureza primeira, aquela como natureza segunda. Nesta medida, a opressão social forma uma continuação da violência natural ocorrida no âmbito da natureza. A ameaça da natureza reproduz-se na organização social e estende-se às regras lógicas.¹⁴⁴

Cabe perguntar: é possível usar a dialética como método que pense a realidade de forma crítica, e não somente uma reprodução sistemática e objetiva da realidade em suas tensões subsumidas em lógicas de dominação? Ora, Adorno pretende pensar a partir da potência dialética de Hegel, mas criticando o seu idealismo, seu sistema que a certa altura, pela *positivação do negativo*, como que aborta essa potência crítica e reflexiva que permite pensar as contradições da realidade, não reconciliadas, que passam despercebidas pela racionalidade ou pela lógica abstrata de qualquer sistema que pensa a totalidade da realidade – tendência que, na modernidade, reforçou-se com um pensamento unilateral. É de se notar, com O. Matos, que

¹⁴³ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 19.

¹⁴⁴ TIBURI, Marcia. **Crítica da razão e mimesis no pensamento de Theodor Adorno**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. p. 17.

A ideia da existência de algo estranho, da existência de um outro de si mesmo, é a fonte da angústia; com isso, o homem se ilude acreditando liberar-se do medo quando não existir mais nada de desconhecido, quando nada permanecer fora da possibilidade de ser redutível ao seu poder. É isso que determina o trajeto da desmitologização.¹⁴⁵

Por meio do entendimento e de um método científico adequado, o indivíduo possibilitou as condições necessárias para dominar a natureza, que é desencantada de sua potencialidade, de modo que ela se torna meramente substrato de dominação. O pensamento potencializado pela racionalidade instrumental tem suas raízes na autoconservação, na sobrevivência e no medo. O pensamento se auto-reflete e constitui-se em si mesmo dialeticamente a partir da abstração matematizada. Determinismo lógico e, no entanto, mediado por um esquema que quer abarcar a totalidade na realidade. Para Adorno, na *Dialética Negativa*, “é preciso abandonar a ilusão de que ele (o conteúdo filosófico, O. P. M.) poderia manter a essência cativa na finitude de suas determinações”.¹⁴⁶ Ou ainda, “a filosofia quer mergulhar muito mais literalmente no que lhe é heterogêneo, sem o reduzir a categorias pré-fabricadas”.¹⁴⁷

A contradição coloca o pensamento num paradoxo, e ele precisa abrir-se para o não-conceitual. Para Adorno, é o desencantamento do conceito que deve preservar a heterogeneidade da realidade. O conceito não esgota a realidade em si, mas está em permanente processo de contradição. A Teoria Crítica de Adorno procura evidenciar e assegurar a negatividade da dialética,¹⁴⁸ que preserva os opostos como “lugar do outro”.

A constituição impositiva da realidade, que o idealismo tinha projetado para a região do sujeito e do espírito, deve ser reportada para um espaço fora dessa região. O que resta do idealismo é o fato de a determinante objetiva do espírito, a sociedade, ser tanto um conjunto de sujeitos quanto sua negação. Na sociedade, esses sujeitos são irreconhecíveis e permanecem impotentes; daí ela ser tão desesperadamente objetiva e conceitual, o que o idealismo faz passar por algo de positivo.¹⁴⁹

¹⁴⁵ MATOS, Olgária. **Os arcanos do inteiramente outro**: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 147.

¹⁴⁶ ADORNO, Theodor W. **Dialética Negativa**. Trad: Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. p. 19.

¹⁴⁷ Idem, p. 19.

¹⁴⁸ Nessa perspectiva o texto da *Dialética Negativa* se configura como uma obra que trata especificamente acerca do pensamento dialético-crítico. Porém, por não se tratar do foco central deste estudo apenas referenciamos, pela importância na sistemática do pensamento de Adorno e Horkheimer.

¹⁴⁹ Idem, p. 17.

Portanto, se por um lado, o conceito weberiano de “desencantamento do mundo” está relacionado a um sentido positivo de conseguir romper com a tradição mítica e conhecimento da Idade Média, deve ser ressaltado o seu lado oposto, ou seja, a decadência de uma racionalidade subjetiva associada à forma de homogeneidade da racionalidade instrumental. É uma racionalidade formal, imbuída de um pensamento onde tudo seria mensurável e acessível a uma redução calculável. A origem da onipotência desse conhecimento que se torna uma racionalidade poderosa para os diversos fins e usos sublima a sua superioridade, quando pretende ser a única natureza possível.

A razão se apodera e torna-se formal e unilinear. Segundo Ricardo Timm de Souza, Adorno se opõe às filosofias que legitimam e ideologizam a dialética em direção à expressão da totalidade do conceito e da história: “a única *dialética* que poderia considerar como propriamente tal seria aquela aberta, irreduzível a uma ‘resolução’ superior, negativa em relação à positividade da totalidade”.¹⁵⁰

Ulisses domina a natureza e suas próprias pulsões que se tornam cada vez mais poderosas e perigosas caso seu controle seja perdido, mas necessárias para a sua sobrevivência e estimulantes para fortificar o seu ego. O esclarecimento é produto de sua própria ação, pondo-as a conservar em si mesmo em favor de sua exploração e em seu benefício. Portanto, a ilustração torna-se instrumento de dominação e de autodomínio de sua formação interna e externa reproduzindo de forma opressora aquilo que lhes está implícito e lhes faz parte.

A modernidade constituiu sua natureza e a sua trajetória. Para Adorno e Horkheimer, “não é a alma que é transposta para a natureza, mas o espírito que move sua real supremacia”,¹⁵¹ sendo portadora de um pensamento que abstraí, separa e ordena. Por isso, para o esclarecimento moderno, “nada mais pode ficar de fora, porque a simples ideia do ‘fora’ é a verdadeira fonte de angústia”.¹⁵²

A natureza é desencantada e destituída de seu caráter qualitativo. Deve servir apenas com meio, instrumento, e de via de reflexão instrumentalizada pelo pensamento. Isto é, o pensamento esclarecido que se torna o motor imóvel da história, por meio de um método científico-matemático objetivo, “positivo”, esteriliza e

¹⁵⁰ SOUZA, Ricardo Timm de. **Adorno & Kafka: paradoxos do singular**. Passo Fundo: IFIBE, 2010. p. 65.

¹⁵¹ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 25.

¹⁵² Idem, p. 27.

instrumentaliza a natureza para dominá-la e controlá-la. O medo do desconhecido deve ser eliminando, extirpado da memória dos indivíduos.

O objeto dessa denúncia é o processo de dominação, ora explícita, ora escamoteada, ao qual tem estado submetida toda a civilização ocidental desde os seus primórdios. A realidade desse processo tem sido, no final das contas, a decadência, ainda que ela às vezes se apresente camuflada em progresso.¹⁵³

A Aufklärung é codificada em si mesma por meio de seus opostos, isto é, por meio do entrelaçamento entre razão e dominação. Os mitos deixaram de serem apenas relatos, tornando-se muito cedo uma *doutrina ideológica*.

3.1. DIALÉTICA ENTRE MITO E ESCLARECIMENTO

“O esclarecimento dos tempos modernos esteve desde o começo sob o signo da radicalidade: é isso que o distingue de todas as etapas anteriores da desmitologização”.¹⁵⁴

Adorno e Horkheimer, na *Dialética do Esclarecimento*, buscam entender as principais razões pelas quais a humanidade está a cada momento da história reproduzindo as engrenagens que sustentavam as civilizações míticas. A história é permeada e marcada por um progresso violento e opressor:

Cada passo foi um progresso, uma etapa do esclarecimento. Mas, enquanto as mudanças anteriores (do pré-animismo à magia, da cultura matriarcal à patriarcal, do politeísmo dos escravocratas à hierarquia católica) colocavam novas mitologias, ainda que esclarecidas, no lugar das antigas (o deus dos exércitos no lugar da Grande Mãe, a adoração do cordeiro no lugar do totem), toda forma de devotamento que se considerava objetiva, fundamentada na coisa, dissipava-se à luz da razão esclarecida.¹⁵⁵

A cultura ocidental volta às origens daquilo que ela própria tentava negar, por meio da reprodução dos principais mecanismos de defesa das civilizações míticas. A razão cresce em poder, assumindo a ordem mítica reproduzida em seu sistema.

¹⁵³ DUARTE, Rodrigo. **Adornos**: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano. Belo Horizonte: UFMG, 1997. p.12.

¹⁵⁴ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 79.

¹⁵⁵ Idem, p. 79.

O pensamento, no sentido do esclarecimento, é a produção de uma ordem científica unitária e a derivação do conhecimento factual a partir de princípios, não importa se estes são interpretados como axiomas arbitrariamente escolhidos, idéias inatas ou abstrações supremas.¹⁵⁶

Para Adorno e Horkheimer, o mito, em seu contexto, era uma forma específica de saber, que tinha por finalidade muito mais do que relatar e explicar os fenômenos da natureza e dos acontecimentos históricos que vinham acontecendo à humanidade. O mito abstrai os elementos necessários para se tornar uma doutrina que carrega em si mesma uma natureza objetivada e esclarecedora. Por uma época significativa, ele era um *modo* de conhecimento que influenciava, controlava e determinava de forma hegemônica e absoluta a história da humanidade.

Como a revelação provinha dos deuses a partir de uma linguagem mítica, o poder dominante controlava as ações das pessoas e determinava o que elas tinham que fazer. Com isso, as pessoas ficavam submetidas às regras que eram impostas por meio dos relatos míticos que possuíam um poder persuasivo e determinante em tudo que elas faziam. Os dominadores tinham superioridade em relação aos outros indivíduos, porque eles interpretavam e intermediavam a vontade divina na terra e possuíam a proteção divina, seus poderes. Por isso, segundo Adorno e Horkheimer, “o mito queria relatar, denominar, dizer a origem, mas também expor, fixar, explicar. Com o registro e a coleção dos mitos, essa tendência reforçou-se. Muito cedo deixaram de ser um relato, para se tornarem uma doutrina”¹⁵⁷. As explicações do mito provinham de pessoas que se diziam possuidoras de saberes sobrenaturais e eram iluminadas pela sabedoria que provinha dos deuses. José A. Zamora nos diz que,

A instrumentalização da razão na dominação da natureza, desde o mito à ciência moderna, supõe não só uma fossilização falsa e injusta do âmbito objetual exterior ao sujeito com vistas para a sua submissão, mas também uma atrofiação do próprio sujeito, pois todo domínio da natureza externa torna-se impossível sem um domínio da natureza interna, quer dizer, sem um autodomínio empobrecido e mutilador do sujeito.¹⁵⁸

¹⁵⁶ Idem, p. 71.

¹⁵⁷ Idem, p. 20.

¹⁵⁸ ZAMORA, José Antonio. **Th. W. Adorno: pensar contra a barbárie**. Trad. Antonio Sidekum. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2008, p. 124.

Se o mito procurava explicar a realidade e se tornou uma maneira de dominar, subordinar e manipular as pessoas em prol de interesses particulares, ou seja, a favor de uma pequena elite da sociedade, ele é semelhante à lógica do saber ilustrado.

Nas diferentes classes sociais que a racionalidade moderna criou, ou mesmo na sociedade primitiva, de um lado está o poder, do outro, a obediência. As distintas classes sociais, em patamares diferenciados, geram uma divisão de desigualdade social, econômica e política na sociedade. Em outras palavras, o que se tem na sociedade é uma divisão de trabalhos em diferentes níveis, mas todos estão subjugados ao poder dominante. Uma determinada classe tem a função de conduzir ou intermediar, para que se possam atingir os fins esperados de todo processo planejado, pensado pela elite dominante.

Rolf Wiggershaus tem uma observação fundamental sobre a experiência e leitura que Horkheimer fez da realidade, como filho de comerciante milionário: “que todos aqueles cavalheiros e damas distintas não só exploravam continuamente a miséria dos outros, mas ainda produziam-na, renovavam-na para poder viver à sua custa e aprontavam-se para defender esse estado de coisas do sangue alheio”,¹⁵⁹ enquanto os outros, sem muitas alternativas, em uma dependência total, desempenham a função prática de forma imposta. Há uma hierarquia, um ‘*deus supremo*’, que contém o domínio absoluto sobre os outros: “O deus supremo entre os homens surgiu com esse mundo civil, onde o rei, como chefe da nobreza armada, mantém os subjugados presos à terra, enquanto os médicos, adivinhos, artesãos e comerciantes se ocupam do intercâmbio social”.¹⁶⁰

As pessoas servem-se do esclarecimento com o objetivo de dominar, visando controlar a totalidade por meio de um projeto explorador. O conhecimento moderno vem para romper com qualquer natureza ou qualquer espírito estranho que viesse a influenciar seu método:

O mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade. O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na

¹⁵⁹ WIGGERSHAUS, Rolf. **A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política**. Trad. Lilyane Deroche-Gurgel. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2006, p. 80.

¹⁶⁰ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 24.

medida em que pode manipulá-los. O homem de ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu em-si torna para-ele.¹⁶¹

Para o desenvolvimento do esclarecimento moderno, a destruição do mito é fundamental, necessário para que a ciência possa se desenvolver. É o processo de ruptura com o velho sistema. Na modernidade, o objeto é determinado pelo sujeito. Este é capaz de manipulá-lo e criar novos mecanismos, novas fórmulas, para melhor poder utilizá-lo, de acordo com sua necessidade. O conhecimento está vinculado ao uso livre da razão: ter a competência de, por si próprio, servir-se de sua coragem, descobrindo suas potencialidades e colocá-las em prática. Pelo uso livre da razão, não há mais mistério ou barreira que não se consiga superar para poder se afirmar como sujeito autônomo. Como afirmam Adorno e Horkheimer, enquanto soberano da natureza, “o despertar do sujeito tem por preço o reconhecimento do poder como princípio de todas as relações”.¹⁶² O homem se tornou o novo ‘deus’, dominador e que tem o comando da terra e os recursos naturais que ela proporciona.

O modelo de racionalidade centralizado na razão e na ciência, além de determinar o caminho que a humanidade deve percorrer, considera-se a única fonte de conhecimento válida, rejeitando qualquer outra concepção fora dele. Os resultados imediatos e o poder de manipulação estão presentes no interior da racionalidade instrumental. “A razão instrumental é reducionista, unidimensional e leva o sujeito a desenvolver um tipo de procedimento em que o mundo exterior é reduzido a um projeto que pode ser manipulado de acordo com seus interesses”.¹⁶³

A modernidade como fenômeno novo veio para ficar; fechou as portas para qualquer possibilidade de retornar às origens do conhecimento. Tudo está direcionado a objetivos ou princípios que possibilitam controlar com mais eficácia a natureza. Percebe-se nas palavras dos autores frankfurtianos a institucionalização e concretização da razão instrumental: “o sistema visado pelo esclarecimento é a forma de conhecimento que lida melhor com os fatos e mais eficazmente apóia o sujeito na dominação da natureza. Seus princípios são de autoconservação”.¹⁶⁴ A razão também se instrumentalizou ao querer transformar a natureza em mero objeto.

¹⁶¹ Idem, p. 21.

¹⁶² Idem, p. 21.

¹⁶³ MÜHL, Eldo Henrique. Modernidade, racionalidade e educação: a reconstrução da Teoria Crítica por Habermas. In: PUCCI, Bruno (Org.). **A educação danificada: contribuições à Teoria Crítica da educação**. Petrópolis: Vozes/Campinas: Edufscar 1998, p. 66.

¹⁶⁴ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 72.

O progresso da dominação, segundo Paul-Laurent Assoun, acarretou a continuidade entre a forma mítica e a forma da racionalidade moderna de dominar a natureza para a sua sobrevivência. “Confrontado-se essa questão do destino da razão, a teorização eleva-se assim a nível de um reexame radical que questiona o acasalar da razão e da barbárie na história”.¹⁶⁵ Pertencente à razão, o mito subjacente já é razão, sendo que a razão e o progresso que sua eficácia produziu recaiu em regresso, em *regressão*, repetindo ou mimetizando o conhecimento opressor da linguagem mítica. Um sempre perseguiu o outro: “o esclarecimento regride à mitologia da qual jamais pode escapar. Pois, em suas figuras, a mitologia refletira a essência da ordem existente – o processo cíclico, o destino, a dominação do mundo”.¹⁶⁶

A substituição do mito por outro conhecimento é uma consequência lógica e necessária para os pensadores iluministas. É um processo evolutivo que acontece naturalmente em virtude das necessidades em que a humanidade se encontrava. A racionalidade mítica não mais se sustentava. Para Adorno e Horkheimer, o esclarecimento tem apenas cara diferente, porque a razão, uma vez absolutizada, puramente teleológica, usa de meios racionais que conduzem a uma refinada forma de mito. O poder da repetição frente às potências incompreensíveis da natureza, que para a ciência moderna pode ser matematizada, é a conquista principal da modernidade. Mas, para Adorno e Horkheimer, quanto mais o conhecimento moderno consegue objetivar a natureza, mais progride também a dominação:

A doutrina da igualdade entre a ação e a reação afirmava o poder da repetição sobre o que existe muito tempo após os homens terem renunciado à ilusão de que pela repetição poderiam se identificar com a realidade repetida e, assim, escapar a seu poder. Mas quanto mais se desvanece a ilusão mágica, tanto mais inexoravelmente a repetição, sob o título da submissão à lei, prende o homem naquele ciclo que, objetualizado sob a forma da lei natural, parecia garanti-lo como um sujeito livre. O princípio da imanência, a explicação de todo acontecimento como repetição, que o esclarecimento defende contra a imaginação mítica, é o princípio do próprio mito.¹⁶⁷

No âmbito moderno, o mundo ou os objetos estão sob domínio dos homens. Ao conseguir operar livremente sob a natureza, o seu controle é inevitável e ela se

¹⁶⁵ ASSOUN, Paul-Laurent. **A Escola de Frankfurt**. Trad. Elena Cardoso. São Paulo: Ed. Ática S.A, 1991, p. 83-84.

¹⁶⁶ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 34.

¹⁶⁷ Idem, p. 23.

torna objeto de dominação: “O que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade, torna-se suspeito para o esclarecimento”.¹⁶⁸ Mas, tanto no mito como no esclarecimento, há uma distância do sujeito em relação ao objeto para uma abstração. Para Adorno e Horkheimer, toda a forma de conhecimento visa fins específicos. Se na magia, no mito, ainda havia uma substitutividade entre o sujeito e o sagrado da natureza por meio da mimesis, com “o progresso da ciência existe um distanciamento progressivo em relação ao objeto”.¹⁶⁹

O sujeito é que fornece, então, *sentido* ao objeto. A preocupação do homem, desde sempre, foi romper as imposições ou os conflitos entre ele e a natureza. A relação do homem com a natureza era de dependência. Pela matematização do saber (regras matemáticas), o sujeito desprende-se da natureza e começa a usufruí-la. Pela abstração, a natureza torna-se objeto. É idealizada ou reproduzida para fins econômicos. Desrespeitada, a natureza torna-se reduzida a um objeto que pode ser manipulado conforme o desejo. Com a edificação da ciência moderna as cosmologias pré-socráticas são consideradas como um passado pré-histórico: “o úmido, o indiviso, o ar, o fogo, aí citados como matéria primordial da natureza, são apenas sedimentos racionalizados da intuição mítica”.¹⁷⁰ São acusadas pelo esclarecimento como superstição.

A lógica da dominação acontece quando os objetos da natureza são abstraídos para uma finalidade específica. A abstração é um elemento essencial para a ciência impor seu domínio. Então, pelo conceito de abstração, pode-se entender o domínio real do sujeito sobre o objeto. Para Adorno e Horkheimer, a abstração é sinônimo de dominação. É o instrumental do esclarecimento usado para sugar o objeto de toda a sua potencialidade, ou melhor, de toda a sua utilidade. A forma como é conduzido o procedimento não importa, o importante são os resultados. A relação que acontece com a natureza objetivada é de imposição. O que promove a sustentação são os procedimentos matemáticos. Segundo Adorno e Horkheimer, “na matematização galileana da natureza, a natureza, ela própria, é agora idealizada sob a égide da nova matemática, ou, para exprimi-lo de uma maneira moderna, ela se torna ela própria uma multiplicidade matemática”.¹⁷¹ Isto é,

¹⁶⁸ Idem, p. 19.

¹⁶⁹ Idem, p. 22.

¹⁷⁰ Idem, p. 19.

¹⁷¹ Idem, p. 33.

na racionalidade moderna há toda uma sistematização do pensamento. Tudo é tematizado, pensado e desenvolvido por processos lógicos e sistemáticos.

Ulisses suavizava a ameaça do real, assemelhando-se à natureza para escapar de sua fúria, mas também controlava a sua própria personalidade para poder estrategicamente manipular e encontrar meios para sobreviver por meio de um pacto com os deuses. Com a lógica discursiva da ciência não há mais uma substituição interativa entre sujeito e a natureza; “a natureza desqualificada torna-se a matéria caótica para uma simples classificação, e o eu todo-poderoso torna-se o mero ter, a identidade abstrata”.¹⁷²

Pode-se trazer agora à tona a seguinte questão: de que forma a razão é usada como poder, meio, instrumento a serviço da ciência instrumental? No entender dos autores, o entendimento moderno tem um *caráter instrumental*. Entre o mito e o conhecimento racional há um forte parentesco. Como entendem Adorno e Horkheimer este conhecimento imediato mediatizado numa racionalidade dialética? Rolf Wiggershaus sintetiza-o de forma simples:

O mundo primeiro era a natureza pura. Mesmo os homens, na medida em que existiam então, eram naturais, presos à natureza, dominados por pulsões que não elucidavam. Um só passo decisivo foi dado quando os homens começaram a pensar. Pensar, isto significava interromper, num ponto, o contexto imediato da natureza, construir uma barragem que isolasse daí em diante a natureza exterior da natureza interior. A partir desse momento em que os homens deixaram esse primeiro mundo, passaram a vê-lo como uma felicidade cuja força da atração era superior à da nova felicidade da individuação.¹⁷³

A razão assumiu, ou absorveu positivamente, aquilo que ela mesma desprezava, achava obscuro e supersticioso. Para os autores, a razão usada em prol da dominação da natureza e do próprio homem é opressora; portanto, instrumental. Apresentam-se aspectos de como a razão é usada com finalidades particulares. A racionalidade moderna tem sua potencialidade no formalismo objetivo, coação do objeto, condição indispensável para a matematização do saber de forma abrangente.

No entanto, o conhecimento racional, juntamente com o processo científico e a modernização tecnológica, são meios que se dizem serem eficientes, alternativos

¹⁷² Idem, p. 22.

¹⁷³ WIGGERSHAUS, Rolf. **A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política**. Trad. Lilyane Deroche-Gurgel. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2006, p. 365.

e objetivos na solução dos problemas que atingem a sociedade. São conhecimentos que vêm da razão, ela é a protetora. São noções autênticas, porque são deduções coerentes desenvolvidas pelo próprio sujeito, a partir de cálculos matemáticos. A razão é instrumento que tem por finalidade atingir um fim em si. Cabe o questionamento: a razão realmente usa de sua autonomia na busca de soluções adequadas para resolver os problemas da sociedade? As deduções que vêm da ciência são as únicas verdadeiras e seguras? De primeira vista, pode-se perceber que, em nome da “santa razão”, acontecem, na compreensão dos autores, muitas barbáries.

Ela é usada como instrumento universal servindo para a fabricação de todos os demais instrumentos. Regidamente funcionalizada, ela é tão fatal quanto a manipulação calculada com exatidão na produção material e cujos resultados para os homens escapam a todo cálculo. Cumpriu-se afinal sua velha ambiguidade de ser um órgão puro dos fins.¹⁷⁴

Enfim, tem-se a consolidação de um conhecimento técnico instrumental, denominado pelos autores de “irracionalismo manipulado”: razão e ciência como supremas e absolutas, que prometeram desvelar e dominar tudo aquilo que era entrave para o entendimento humano, incapazes porém de se auto-criticarem em sentido radical.

3.2. IMPULSO MIMÉTICO REPRIMIDO E SUA CONSCIÊNCIA

“A função atual da cultura e do entretenimento não se realiza apenas como depravação da cultura, mas igualmente como espiritualização forçada da diversão”.¹⁷⁵

No Excurso II “Juliette ou Esclarecimento e Moral” da obra em foco, Adorno e Horkheimer trazem presente três grandes nomes do pensamento europeu. Mais do que suspeitos, são portadores e continuadores do espírito iluminista: Kant, Sade e Nietzsche.¹⁷⁶

¹⁷⁴ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 37.

¹⁷⁵ Idem, p. 118.

¹⁷⁶ Nesta pesquisa não abordaremos Nietzsche e Sade devido à amplitude e a complexidade do tema e o exercício reflexivo que implicaria.

Em Kant, por meio de sua liberdade, o indivíduo tornar-se-ia cada vez mais capaz de atingir um grau de perfeição, usufruindo de sua liberdade e poder, para, então, chegar ao estado de maioridade, a fim de conquistar uma autonomia plena. O resultado é uma nova barbárie e a instrumentalização do sujeito. O sujeito está fragilizado, e se encontra previamente determinado e reproduz a autoconservação da racionalidade instrumental:

Não há nenhum ser no mundo que a ciência não possa penetrar, mas o que pode ser penetrado pela ciência não é o ser. É o novo, segundo Kant, que o juízo filosófico visa e, no entanto, ele não conhece nada de novo, porque repete tão-somente o que a razão já colocou no objeto [...]. A dominação universal da natureza volta-se contra o próprio sujeito pensante; nada sobra dele senão justamente esse *eu penso* eternamente igual que tem que poder acompanhar todas as minhas representações¹⁷⁷.

A razão que deveria prescrever seus próprios limites e estar segura de seus pressupostos, está totalmente dependente da racionalidade técnico-instrumental, que determina sua condição de ser e seu campo de atuação. Ela está condenada a permanecer sob a tutela da racionalidade instrumental. A razão foi instrumentalizada e tecnicamente formalizada para reproduzir ou servir ao progresso científico. Para Verlaine Freitas, “uma vez formalizada, a razão não pode fornecer um modelo de conduta obrigatório, não reconhecendo em si nenhuma medida capaz de estimar valores concretamente determináveis”.¹⁷⁸

Adorno e Horkheimer procuram estender o “esquematismo do entendimento puro” de Kant referente ao sujeito cognoscente, que conhece e organiza a realidade em si mesma em conceito e estabelece os limites do conhecimento humano do intelecto.¹⁷⁹ Para Kant, a sensibilidade oferece ou dá condições para que os objetos possam vir a ser pensados ou intuídos pelo sujeito por meio de categorias puras. O entendimento organiza, unifica e dá formas à matéria dada. Portanto, o sujeito é regulador do conhecimento e dá condições à matéria intuída no mundo fenomênico.

¹⁷⁷ Idem, p. 33-34.

¹⁷⁸ FREITAS, Verlaine. TERTIUM NON DATUR: a dicotomia espírito/natureza na moral esclarecida e em sua crítica. In: TIBURI, Marcia; DUARTE, Rodrigo (Orgs.). **Seis leituras sobre a *Dialética do Esclarecimento***. Ijuí: UNIJUÍ, 2009, p. 51.

¹⁷⁹ Kant distingue duas formas de conhecimento: a sensibilidade e o entendimento. “A sensibilidade compreende as capacidade de sensação e intuição, isto é, ela é o espírito receptor na sua relação à matéria que preenche os meios determinados. O entendimento, por sua vez, é a espontaneidade, isto é, a capacidade que em nós existe, de produzir a natureza objetiva, ou seja, de a determinar conceitualmente”. GRAYEFF, Felix. *Exposição e interpretação da filosofia teórica de Kant: um comentário às partes fundamentais da Crítica da Razão Pura*. Trad. Antônio Fidalgo). Lisboa: Edições 70, 1987, p. 89.

Por isso, “os sentidos já estão condicionados pelo aparelho conceitual antes que a percepção ocorra, o cidadão *vê a priori* o mundo como a matéria com a qual ele o produz para si próprio”.¹⁸⁰ Mas quem produz essa realidade no sujeito? Para Adorno e Horkheimer, o mundo, a realidade é produto da práxis social e por isso, o sujeito cognoscente, que interpreta os objetos e a realidade, é influenciado reciprocamente. As categorias da sensibilidade e entendimento que são categorias puras para Kant, elementos a-históricos, em Adorno e Horkheimer, são influenciados também pelos processos sociais, sendo que o conceito a posteriori influencia o esquematismo a priori. Os objetos e a realidade são percebidos ou intuídos de modos diferentes.

Os homens não são apenas um resultado da história em sua indumentária e apresentação, em sua figura e seu modo de sentir, mas também a maneira como vêem e ouvem é inseparável do processo de vida social tal como este se desenvolve através dos séculos. Os fatos que os sentidos nos fornecem são pré-formados de modo duplo: pelo caráter histórico do objeto percebido e pelo caráter histórico do órgão perceptivo. Nem um nem outro são meramente naturais, mas informados pela atividade humana, sendo que o indivíduo se autopercebe, no momento da percepção, como perceptivo e passivo.¹⁸¹

Se, em Kant, os esquemas são abstratos, puramente formais para conceber e conhecer a realidade, para Horkheimer o sujeito está inserido e é influenciado pelos períodos históricos que sucessivamente modificam e possibilitam aos indivíduos serem influenciados e dar significado ao mundo fenomênico. Portanto segundo Horkheimer, “onde Hegel já vê a astúcia de uma razão objetiva, pelo menos ao nível teórico, Kant vê uma arte oculta nas mais profundidades da alma humana”,¹⁸² em suma, que é constituinte nele próprio e pode existir unicamente no seu aparelho perceptivo.

A razão, segundo Adorno e Horkheimer, está submetida ao esquema da autoconservação do conhecimento instrumental do esclarecimento. O sujeito perde a capacidade reflexiva ou o ato de julgar a realidade. Ele reproduz de forma automatizada (esquematismo kantiano), de antemão, os esquemas arcaicos de dominação.

¹⁸⁰ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 73.

¹⁸¹ HORKHEIMER, Max. **Teoria Tradicional e Teoria crítica**. Trad. Zeljko Loparic e Andréia Maria A. C. Loparic. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 125. (Os Pensadores).

¹⁸² Idem, p. 127.

A razão contém enquanto ego transcendental supra-individual a ideia de uma convivência baseada na liberdade, na qual os homens se organizem como um sujeito universal e superem o conflito entre a razão pura e a empírica na solidariedade consciente do todo. A ideia desse convívio representa a verdadeira universalidade, a Utopia. Mas, ao mesmo tempo, a razão constitui a instância do pensamento calculador que prepara o mundo para os fins da autoconservação e não conhece nenhuma outra função senão a de preparar o objeto a partir de um mero material sensorial como material para a subjugação. [...] O ser é intuído sob o aspecto da manipulação e da administração.¹⁸³

A percepção da realidade está condicionada pela racionalidade instrumental, que está a serviço dos interesses da sociedade capitalista. Entre o mundo fenomênico e a esfera transcendental, para Adorno e Horkheimer, o sujeito está submetido a uma dependência que provém do sistema opressor, que determina de forma particular as ações dos indivíduos e o seu modo de pensar. Usando a expressão, “expropriação do esquematismo”, segundo Duarte, os instrumentos fisiológicos que determinam o modo como o sujeito percebe e se relaciona com a realidade encontram-se sob o domínio repressivo da dominação capitalista. Adorno e Horkheimer se

...apropriam do conceito de esquematismo, no sentido de mostrar em que medida uma instância exterior ao sujeito, industrialmente organizada no sentido de proporcionar rentabilidade ao capital investido e de garantir ideologicamente a manutenção do status quo, usurpa dele a capacidade de interpretar os dados fornecidos pelos sentidos segundo padrões que originariamente lhe eram internos”.¹⁸⁴

Essa expropriação do esquematismo pela racionalidade instrumental, particularmente pela indústria cultural, que por meio de seus produtos, de antemão pensados e posteriormente oferecidos, colocados à disposição da sociedade têm uma influência direta sobre os indivíduos. Os indivíduos agem conforme mecanismos pensados e desenvolvidos pelo capitalismo. Para Adorno e Horkheimer esses mecanismos são totalitários e impositivos:

Assim se chama o funcionamento inconsciente do mecanismo intelectual que já estrutura a percepção em correspondência com o entendimento. Este se imprime na coisa como qualidade objetiva da inteligibilidade que o juízo subjetivo nela encontra, antes mesmo que ela penetre no ego. Sem esse esquematismo, em suma, sem a intelectualidade da percepção, nenhuma

¹⁸³ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 73.

¹⁸⁴ DUARTE, Rodrigo. O esquematismo kantiano e a crítica à indústria cultural. **Revista Studia Kantiana**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2003, p. 96-97.

impressão se ajustaria ao conceito, nenhuma categoria ao exemplar, e muito menos o pensamento teria qualquer unidade, para não falar da unidade do sistema, para a qual porém tudo está dirigido.¹⁸⁵

A apropriação racional da inteligência tomada pelo sujeito como conceito pronto e reconciliado em seu espírito, ele não a percebe; por outro lado, já é produto coisificado pela racionalidade instrumental, que corresponde aos interesses da racionalidade que impõe seu espírito dominador. Quando a racionalidade está subjacente, espiritualizada internamente no sujeito, ela cada vez mais se torna poderosa, perigosa para o domínio da autoconservação do sistema autoritário.

Se nos tempos míticos tanto as forças exteriores, quanto os impulsos internos provinham das potências divinas ou sagradas que estavam ainda imersas na natureza, na modernidade, no esclarecimento moderno, estão na subjetividade ou interioridade do sujeito¹⁸⁶. “A razão é para ele o agente químico que absorve a própria substância das coisas e a volatiliza na pura autonomia da própria razão”.¹⁸⁷ O egocentrismo do sujeito está na sua capacidade de despojar a natureza de sua condição de ser e, estrategicamente, instalar-se no lugar dela, administrando-a pelo processo de abstração. Cabem as perguntas: como o sujeito se projeta na realidade ao querer esquematizá-la pela sua racionalidade? Até que ponto o indivíduo é influenciado pelo conteúdo projetado na realidade? Como a coletividade humana influencia na pré-formação da percepção das pessoas? Não há uma inversão, em que o sujeito se torna objeto? São questões complexas que Adorno e Horkheimer procuram responder a partir da análise de como a sociedade e os indivíduos, partes constituintes da história, conservam condicionadamente esquemas arcaicos de autoconservação e de sobrevivência.

Observamos tal encaminhamento de resposta na seguinte citação do texto sobre os “Elementos do anti-semitismo”, que representa os limites extremos da ação do esclarecimento:

¹⁸⁵ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 72.

¹⁸⁶ Para Adorno e Horkheimer, o ser humano perde a sua identidade, seu próprio eu. É moldado: “os homens receberam seu eu como algo pertencente a cada um, diferente de todos os outros, para que ele possa com tanto maior segurança se tornar igual. Mas, como isso nunca se realizou inteiramente, o esclarecimento sempre simpatizou, mesmo durante o período do liberalismo, com a coerção social. A unidade da coletividade manipulada consiste na negação de cada indivíduo; seria digna de escárnio a sociedade que conseguisse transformar os homens em indivíduos”. (Idem, p. 24).

¹⁸⁷ Idem, p. 77.

A projeção das impressões dos sentidos é um legado de nossa pré-história animal, um mecanismo para fins de proteção [...]. A projeção está automatizada nos homens, assim como as outras funções de ataque e proteção, que se tornaram reflexos. É assim que se constitui o seu mundo objetivo, como um produto daquela “arte escondida nas profundezas da alma humana” [...]. Na sociedade humana, porém, na qual tanto a vida intelectual quanto a vida afetiva se diferenciam com a formação do indivíduo, o indivíduo precisa de um controle crescente da projeção; ele tem de aprender ao mesmo tempo a aprimorá-la e a inibi-la. [...] O sujeito recria o mundo fora dele a partir de vestígios que o mundo deixa em seus sentidos: a unidade da coisa em suas múltiplas propriedades e estados; e constitui desse modo retroativamente o ego, apreendendo a conferir uma unidade sintética, não apenas às impressões externas, mas também às impressões internas que se separam pouco a pouco delas. O ego idêntico é o produto constante mais tardio da projeção.¹⁸⁸

Os elementos pré-conceituais, projetados pelo sujeito ao buscar conhecer a realidade pela sua faculdade e capacidade de julgar, são, de antemão, influenciados pelos mecanismos da indústria cultural. Portanto, o sujeito que percebe o mundo e tem uma visão sobre a realidade, projeta-a de forma automatizada, reproduzindo o mesmo esquema dos elementos pré-conceituais irrefletidos. A consciência auto-iluminada produzida pela racionalidade moderna desenvolve no sujeito uma imposição de tal forma que o indivíduo fica ofuscado e perplexo ao reproduzir inconscientemente o seu conteúdo. Isso porque o sujeito reproduz os mecanismos de dominação influenciado por uma racionalidade instrumental, que impõe sua lógica de dominação. Os indivíduos influenciados por essa racionalidade técnica-instrumental recriam, no “*seu íntimo*”, uma realidade fictícia e subjugada ao aparelho opressor. Ele cunha um comportamento “conglomerado”, aprisionado e alienado no desenvolvimento psíquico do sujeito. Para Nadja Hermann, é uma violência que atinge o psiquismo do indivíduo, que o impede de ter consciência de sua própria realidade: “a modernidade na era industrial constitui uma subjetividade de caráter instrumental, que cria a impossibilidade de reflexão sobre as próprias condições de limitação da situação vigente”.¹⁸⁹

Quais são os vestígios que o sujeito recria, mas que são projeções automatizadas que provém do mundo? Segundo Duarte, o conteúdo tem um caráter coercitivo e de automutilação ao sujeito, “e essa violência ‘*metodológica*’ não é de modo algum restrita à imanência do psiquismo dos indivíduos da sociedade

¹⁸⁸ Idem, p. 154-155.

¹⁸⁹ HERMANN, Nadja. A indústria cultural. In: TIBURI, Marcia; DUARTE, Rodrigo (Orgs.). **Seis leituras sobre a Dialética do Esclarecimento**. Ijuí: UNIJUÍ, 2009. p. 74

‘moderna’, mas se expressa em acontecimentos sociais, políticos e culturais”.¹⁹⁰ O indivíduo é Impulsionado a consumir de forma ilusória os produtos que a indústria cultural dispõe no mercado. Os produtos da indústria cultural possuem imagens representativas, uma linguagem simbólica que influencia no agir dos indivíduos, que ajudam a reproduzir o sistema econômico espontaneamente, sem questionar a realidade vigente: “Kant, antecipou intuitivamente o que só Hollywood realizou conscientemente: as imagens já são pré-fabricadas por ocasião de sua própria produção segundo os padrões do entendimento que decidirá depois como devem ser vistas”.¹⁹¹ As pessoas consomem os produtos da indústria cultural padronizados para satisfazerem suas necessidades pessoais, que são antecipadamente pesadas estrategicamente.

O pensamento *regride* e se torna órgão de instância permanente da racionalidade instrumental. O esclarecimento é totalmente vazio de humanidade e de significado ético moral¹⁹²: é “como uma torrente, um fluxo cego do procedimento calculador e do plano, arrastando a tudo e a todos, dominadores e dominado, sentimentos e emoções – que pode ser preenchido por qualquer conteúdo arbitrário”.¹⁹³

Segundo Adorno e Horkheimer, “os padrões teriam resultado originalmente das necessidades dos consumidores: eis por que são aceitos sem resistência”.¹⁹⁴ Necessidades criadas por meio de uma tecnologia de ponta, ou seja, uma racionalidade técnica que é própria da dominação capitalista que consegue ludibriar os indivíduos para adquirirem os produtos da indústria cultural.

¹⁹⁰ DUARTE, Rodrigo. **Adornos**: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano. Belo Horizonte: UFMG, 1997, p. 46.

¹⁹¹ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 73.

¹⁹² Nessa citação supracitada no corpo do texto, é possível perceber os motivos por que Adorno e Horkheimer na “*Dialética do Esclarecimento*” realizam uma crítica radical ao Marquês de Sade e a Nietzsche. Segundo Rodrigo Duarte, para os autores da *Dialética do Esclarecimento*, em ambos (Sade e Nietzsche), há “uma suposta liberdade do sujeito condicionada a existência de uma espécie de “lei moral” às avessas, segundo a qual o culto à força e a condenação da fraqueza são atitudes mais justas do que aquela consagrada pela moral cristã” (DUARTE, Rodrigo. **Adornos**: nove ensaios sobre o filósofo Frankfurtiano. Notas sobre a modernidade e o sujeito na Dialética do Esclarecimento. Belo Horizonte: UFMG, 1997, p. 56). De modo que o indivíduo perderia sua identidade e seu pensamento crítico, bem como seu agir ético, em vista de sua autoconservação: correlata do esclarecimento.

¹⁹³ FREITAS, Verlaïne. TERTIUM NON DATUR: a dicotomia espírito/natureza na moral esclarecida e em sua crítica. In: TIBURI, Marcia; DUARTE, Rodrigo (Orgs.). **Seis leituras sobre a Dialética do Esclarecimento**. Ijuí: UNIJUÍ, 2009, p. 51.

¹⁹⁴ Idem, p. 100.

O indivíduo perde a capacidade crítica e não consegue perceber a falsa projeção que a indústria cultural eficazmente produz na sua consciência. Ele se torna frágil e incapaz de refletir criticamente, pois ele é domesticado a viver de tal modo, mesmo em seu tempo livre. “Ao subordinar da mesma maneira todos os setores da produção espiritual a este fim único – ocupar os sentidos dos homens da saída da fábrica, à noitinha, até a chegada ao relógio do ponto, na manhã seguinte”,¹⁹⁵ consegue penetrar, influenciar e manter o indivíduo de modo sutil associado aos produtos da indústria cultural.

Ulisses e o iluminismo se entrelaçam com a mesma finalidade: a de dominar. A necessidade básica, tanto na mitologia quanto no esclarecimento moderno, está na “sobrevivência, autoconservação e medo”,¹⁹⁶ ou seja, nas palavras dos autores, “o programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver a imaginação pelo saber”¹⁹⁷ e torna os indivíduos iluminados e aptos para o domínio de si e da natureza. Portanto, o iluminismo se define por essa luta contra todo tipo de superstição através da razão. Uma luta entrelaçada com a noção de progresso, que culmina no movimento do iluminismo moderno.

3.3. RACIONALIDADE INSTRUMENTAL E RACIONALIDADE CRÍTICA

“Enquanto a história real se teceu a partir de um sofrimento real, que de modo algum diminuiu proporcionalmente ao crescimento dos meios para a sua eliminação, a concretização desta perspectiva depende do conceito”.¹⁹⁸

Nesta epígrafe, já se percebe o sentido da asserção de que a razão, que se tornou instrumental, é que dá sustentação. Ou em outras palavras, a razão instrumental desempenha seu papel como auxiliadora e protetora dos mecanismos que sustentam um modelo restritamente econômico. Em outras palavras, o caminho difundido pela racionalidade instrumental transfere-se de uma racionalidade crítica para uma “sociedade do espetáculo” e das imagens, vazia de um conteúdo crítico.

¹⁹⁵ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 108.

¹⁹⁶ MATOS, Olgária. **O iluminismo visionário**: Benjamin, leitor de Descartes e Kant. São Paulo: Brasiliense. 1993, p. 155.

¹⁹⁷ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 17.

¹⁹⁸ Idem, p. 44.

No entendimento humano, a razão potencialmente crítica está *danificada*, deslegitimada, e é assolada em todas as suas formas pela cultura de massa. Segundo Ricardo Timm de Souza, “tudo é estimulante e, de tão estimulante, tudo é igualmente válido; a validade pula de espaço cultural em espaço cultural como uma ave pula de galho em galho da árvore da floresta, à procura de pequenos vermes compensadores para tanto esforço”.¹⁹⁹ Desenvolveu-se uma cultura de consumo de um padrão bem-sucedido da qual se passou a dominar todas as esferas da sociedade moderna. Imprimiu-se um modelo, um signo no interior da cultura. Há uma colonização silenciosa por parte da indústria cultural no interior da cultura diagnosticada por Adorno e Horkheimer, que é administrada pelos dominadores do capital:

O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma.²⁰⁰

Portanto, a indústria cultural é algo bem pensado, e do mesmo modo, tem uma finalidade própria: apoiar e dar sustentação ao monopólio dos setores industriais. Os setores mais poderosos da indústria pesada, como: aço, petróleo, eletricidade, química, pertencem a grupos econômicos que vão ampliando seu poder (e poderíamos naturalmente ampliar para inúmeros outros tipos, como a indústria do entretenimento, a farmacêutica, a militar, etc.). Esses são beneficiados diretamente pela indústria cultural. Além do aumento do consumo dos bens produzidos, formam a consciência e a cultura do povo. O povo é manipulado e é induzido a consumir determinados bens de consumo, que provém da padronização e da produção em série.

Para todos algo está previsto; para que ninguém escape, as distinções são acentuadas e difundidas. O fornecimento ao público de uma hierarquia de qualidade serve apenas para uma quantificação ainda mais completa. Cada qual deve se comportar como que espontaneamente, em conformidade com seu *level* (nível), previamente caracterizado por certos sinais, e escolher a categoria dos produtos de massa fabricada para seu tipo. Reduzidos a um simples material estatístico, os consumidores são distribuídos nos mapas

¹⁹⁹ SOUZA, Ricardo Timm de. **Adorno & Kafka: paradoxos do singular**. Passo Fundo: IFIBE, 2010, p. 21.

²⁰⁰ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 100.

dos institutos de pesquisa (que não se distinguem mais dos de propaganda) em grupos de rendimentos assinalados por zonas vermelhas, verdes e azuis.²⁰¹

As pessoas são induzidas a usarem os produtos da indústria cultural. Não existe faixa etária deixada de fora, todas as pessoas estão incluídas. Sem opção ou escolha sob as influências sofridas pelo uso instrumental da razão, as pessoas são moldadas em sua subjetividade. A sociedade está administrada pelo poder da indústria cultural, que amolda o sujeito incapaz da auto reflexão crítica, ou seja, incapaz de se dar conta de seu real *lugar* nessa lógica. O indivíduo perde a consciência crítica e progressivamente, por meio da difusão da já abordada “semicultura”,²⁰² identifica inteiramente os interesses de seu espírito com os do capitalismo monopolista. Ele é portador do *espírito capitalista*. Segundo Rodrigo Duarte: “representa todo o sistema, não apenas economicamente, mas também – talvez principalmente – ideologicamente, e, nisso, ela consegue apresentar sempre grandes lucros nos seus balanços”.²⁰³

Pressupõem-se no processo produtivo da cultura contemporânea a existência de um procedimento altamente capaz e eficaz de criar uma falsa identidade nos produtos fabricados. O indivíduo não compra um produto somente pela sua condição de uso, de troca e de sua validade, mas ele o adquire para satisfazer um desejo de consumo. Quem define o que é um bem de consumo? Como os produtos da indústria cultural penetram no interior de uma cultura? A promessa é de uma felicidade contínua. Mas, para Adorno e Horkheimer,

A indústria cultural não cessa de lograr seus consumidores quanto àquilo que está continuamente a lhes prometer. A promissória sobre o prazer, emitida pelo enredo e pela encenação, é prorrogada indefinitivamente: maldosamente, a promessa a que afinal se reduz o espetáculo significa que jamais chegaremos à coisa mesma, que o convidado deve se contentar com a leitura do cardápio.²⁰⁴

²⁰¹ Idem, p. 101-102.

²⁰² O termo “semicultura” ou “semiformação” – *Halbbildung* –, como já apontamos anteriormente, provém de Adorno em seu texto “Teoria da semicultura”. Vejamos um pequeno trecho: “A semiformação é defensiva: exclui os contatos que poderiam trazer à luz algo de seu caráter suspeito. A semiformação, como consciência alienada, não sabe da relação imediata com nada, senão que fixa sempre as noções que ela mesma aporta às coisas (...). Como, você não sabe isso?” (ADORNO, Theodor W. Teoria da semicultura. **Revista Quadrimestral de Ciência da Educação**, Campinas, ano XVII, n. 56, p. 404, dez. 1996.

²⁰³ DUARTE, Rodrigo. **Mímesis e racionalidade**: a concepção de domínio da natureza em Theodor W. Adorno. São Paulo: Loyola, 1993, p. 111.

²⁰⁴ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 115.

Os meios de comunicação social, de massa, vendem uma imagem falsa dos produtos que influenciam na sensibilidade humana. Criam no cliente a *necessidade* de adquirir aquilo que lhe é oferecido pelas propagandas. E as propagandas são enganosas, porque usam de uma retórica comprometida com a indústria de consumo. Sua perversidade está na ideologia que ela difunde e seu objetivo é claro: “A linguagem que apela apenas à verdade desperta tão-somente a impaciência de chegar logo ao objetivo comercial que ela na realidade persegue”.²⁰⁵ No próprio lazer, na diversão, no descanso, as pessoas são socialmente condicionadas e direcionadas a se deixarem levar ao conforto dos produtos largamente oferecidos pela indústria cultural. Vinculado ao prazer, “divertir significa sempre: não ter que pensar nisso, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado”.²⁰⁶ A miséria, a fome, a prostituição, os assassinatos etc...., se tornam retórica de feira, e logo são esquecidos. Tudo está de antemão previsto e padronizado, para que cada indivíduo se sinta integrante do processo sem precisar pensar e se estressar. “O consumidor torna-se a ideologia da indústria da diversão, de cujas instituições não consegue escapar”.²⁰⁷

A indústria cultural provoca uma transformação no modo de viver dos indivíduos e na sua educação. O padrão unidimensional, que se define como produto social, direciona as condições materiais e subjetivas dos indivíduos. O fator principal, por mais que tente se afastar da relação econômica, está intrínseco nas esferas do cotidiano habitual dos indivíduos. Os conteúdos que os indivíduos socializam nos meios de comunicação de massa são ideológicos. As propagandas e produtos da indústria cultural predominam de forma devastadora. Mesmo as relações sociais e familiares são personificadas pela linguagem instrumental.

Todos são livres para dançar e se divertir, do mesmo modo que, desde a neutralização histórica da religião, são livres para entrar em qualquer uma das inúmeras seitas. Mas a liberdade de escolha da ideologia, que reflete sempre a coerção econômica, revela-se em todos os setores como a liberdade de escolher o que é sempre a mesma coisa. A maneira pela qual um jovem aceita e se desincumbe da *date* (encontro) obrigatório, a entonação no telefone e na mais familiar situação, a escolha das palavras na conversa, e até mesmo a vida interior organizada segundo os conceitos classificatórios da psicologia profunda vulgarizada, tudo isso atesta a

²⁰⁵ Idem, p. 121-122.

²⁰⁶ Idem, p. 119.

²⁰⁷ Idem, p. 131.

tentativa de fazer de si mesmo um aparelho eficiente e que corresponda, mesmo nos mais profundos impulsos instintivos, ao modelo apresentado pela indústria cultural.²⁰⁸

Depois dessa longa citação, e de posse do até aqui refletido, pergunta-se: o ser humano realmente tem liberdade? O capitalismo nos educa e forma nossa subjetividade psíquica e social para vivermos de acordo com a sociedade de consumo. Os indivíduos agem e reproduzem a manipulação e a produção subjetiva dos conteúdos que os produtos da indústria cultural estimulam de forma autoritária na personalidade. Os jovens, as crianças são os mais visados pelas propagandas e os que mais são influenciados e estimulados a comprarem os produtos da indústria cultural.

Não é por acaso que Adorno e Horkheimer interpretam no texto “Elementos do anti-semitismo: limites do Esclarecimento”, que a humanidade está se afirmando na barbárie, limite extremo da dominação. Fazemos nossas as palavras dos autores:

Eles (os judeus, O. P. M.) são estigmatizados pelo mal absoluto como o mal absoluto. Assim, eles são de fato o povo eleito. Ao mesmo tempo que se afirma que, economicamente, a dominação não seria mais necessária, os judeus são designados como o objeto absoluto de uma dominação pura e simples. Aos trabalhadores, que afinal são os visados, ninguém o diz na cara (e com razão); os negros, é preciso conservá-los em seu lugar; mas, quanto aos judeus, a terra precisa ser purificada deles, e o grito que conclama a exterminá-los como insetos encontra eco no coração de todos os fascistas em potencial de todos os países. Os racistas (*die Völkischen*) exprimem sua própria essência na imagem que projetam dos judeus. Sua ânsia é a posse exclusiva, a apropriação, o poder sem limites, a qualquer preço. O judeu, sobre o qual descarregam a própria culpa e que escarnecem como dominador, eles o pregam na cruz, repetindo interminavelmente o sacrifício em cuja eficácia não conseguem mais acreditar.²⁰⁹

Isto tudo mostra que o que prevalece sobre a realidade é a hegemonia de uma racionalidade instrumental, atrelada aos interesses do capital que compactua com a reprodução da barbárie. Constituir uma raça pura era o objetivo dos anti-semitas, e isso era pretensamente, a se crer no rol de razões aduzidas, necessário para preservar o mundo da violência e constituir uma humanidade realizada. É o *slogan* dos anti-semitas; a morte, a exterminação dos judeus deve acontecer para que a sociedade possa construir a paz e viver feliz. Naturalmente, os judeus são

²⁰⁸ Idem, p. 138.

²⁰⁹ Idem, p.139-140.

aqui um *proto-tipo*; cada tempo e lugar da modernidade e da contemporaneidade cria e recria seus próprios “judeus”, seus “outros”.

Ulisses permanece presente nas culturas modernas. O seu objetivo era voltar a Ítaca e ser reconhecido em função de suas façanhas, mostrando que seu poderio e suas forças estavam fortalecidas, renovadas. Mas o servo deve permanecer subjugado e retraído na aparência cíclica da história, pois sempre foi assim e assim deve permanecer. E o opressor se afirma na sua violência, porque precisa testemunhar e manifestar a sua brutalidade, sua supremacia, que é um fenômeno visado e paulatinamente comprovado desde os primórdios da civilização humana. É, portanto, “a desfiguração do humano. Existem infinitas formas de anti-semitismo; tanto quanto as justificativas e recordações que a sociedade da desfiguração humana arranja para sobreviver”.²¹⁰ Portanto, a violência se expressa, e mostra a sua cara, sua face, às vezes disfarçada na disciplina, na regra, na autoridade da lei; por outro lado, na mediocridade da lei e na injustiça social.

Os motivos da perseguição contra os Judeus e sua cultura são alegadamente para combater a desfiguração da ordem. Porém, segundo Adorno e Horkheimer, a ordem em vias de desfiguração a ser combatida “é a mesma ordem que não pode viver sem a desfiguração dos homens”,²¹¹ que se manifesta na tolice e na força de sua irracionalidade perversa. “O anti-semitismo é um esquema profundamente arraigado, um ritual da civilização, e os *pogroms* são os verdadeiros assassinatos rituais”.²¹² Os ataques, as prisões, os assassinatos revelam um ato em massa da violência escrupulosa e racista contra os judeus. Ou ainda, “neles fica demonstrada a impotência daquilo que poderia refreá-los, a impotência da reflexão, da significação e, por fim, da verdade”.²¹³ A operação de todos os esquemas que levou milhões de judeus à morte e ao aniquilamento da sua cultura estão fundamentados numa racionalidade instrumental e ancorados cegamente em sujeitos que reproduzem os limites do esclarecimento.

Para Marcia Tiburi, essa problemática pode ser colocada num rol maior em que a razão instrumentalizada “é a versão mais tardia do esclarecimento e os

²¹⁰ SOUZA, Ricardo Timm de. Por uma crítica da razão opaca: sobre os “Elementos do Anti-semitismo – limites do Esclarecimento”, da *Dialética do Esclarecimento* de Adorno e Horkheimer” In: TIBURI, Marcia; DUARTE, Rodrigo (Orgs.). **Seis leituras sobre a *Dialética do Esclarecimento***. Ijuí: UNIJUÍ, 2009, p. 85.

²¹¹ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 141.

²¹² Idem, p.141

²¹³ Idem, p.141-142.

campos de concentração são a forma absoluta da racionalidade instrumental; o próprio ideal iluminista do progresso – e um de seus mais caros baluartes – era um dos motes do movimento nazista”.²¹⁴ Portanto, a racionalidade subjacente, que está por detrás de toda a realidade, que provocou a sua instrumentalização em vista de promover os ideais iluministas, que provou a sua escuridão, sua ir-racionalidade, continua velando a verdade que precisa ser dita. Essa racionalidade perdeu a capacidade de pensar criticamente e responder à pergunta sobre as bases de sua dominação e as bases doentes que sustentam a sociedade.

A especificidade da racionalidade objetivada pelos interesses capitalistas é querer, segundo Marcia Tiburi, continuar mascarando as desgraças provocadas e as visivelmente existentes: “o anti-semitismo não existe mais, foi historicamente ultrapassado, assim outras cosmovisões preconceituosas contra negros, mulheres, deficientes mentais, deficientes físicos e outros ditos diferentes ou mesmo anormais”.²¹⁵ A realidade é permeada de conceitos e concepções preconceituosas que produzem relações de desigualdades entre as pessoas. As justificativas ideológicas que defendem os interesses do capital, manipulam as informações e forçam uma realidade que tem por objetivo manipular a verdade sobre a realidade. Por esta razão, segundo Adorno e Horkheimer, “as inúmeras agências da produção em massa e da cultura por ela criadas servem para inculcar no indivíduo os comportamentos normalizados como os únicos naturais, decentes e racionais”.²¹⁶ Os comportamentos e as ações dos indivíduos, que estão instrumentalizados pelo espírito onipresente, em conformidade aos interesses hegemônicos do capital, é que determinam o desenvolvimento da cultura de consumo.

Embora aparentemente o iluminismo acentue a liberdade de cada indivíduo, ele está condenado a reproduzir a lógica do capital. Para Ricardo Timm de Souza, “a racionalidade idealizada, a totalidade que acha justificativas para a injustiça e o horror, é a desrazão absoluta, porque sua única racionalidade, seu verdadeiro conteúdo, é opaco e violento”.²¹⁷ Mais do que um instrumento, a razão é que conduz

²¹⁴ TIBURI, Márcia. **Uma outra história da razão e outros ensaios**. São Leopoldo: UNISINO, 2003, p. 64.

²¹⁵ Idem, p. 67.

²¹⁶ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 35.

²¹⁷ SOUZA, Ricardo Timm de. *Por uma crítica da razão opaca: sobre os “elementos do anti-semitismo – limites do esclarecimento”*, da *Dialética do Esclarecimento* de Adorno e Horkheimer. In: TIBURI, Marcia; DUARTE, Rodrigo (Orgs.). **Seis leituras sobre a Dialética do Esclarecimento**. Ijuí: UNIJUÍ, 2009, p. 91.

o funcionamento de toda a engrenagem da racionalidade científica e o uso dos meios tecnológicos que estão a serviço de uma ideologia estritamente dominadora.

Nesta perspectiva, de modo enfático, o desenvolvimento histórico da relação entre a natureza e o ser humano compreende-se como uma luta constante e desesperadora à procura da cura. O ser humano, como partícipe da natureza e sujeito da própria condição histórica em que potencializa os efeitos provocados das situações limites da humanidade, vive a precariedade do esclarecimento como potencialidade e superação. Assimilados à natureza perversa, segundo Adorno e Horkheimer, os judeus sofrem de forma bárbara os impulsos doentios dos anti-semitas.

E quando todo o horror dos tempos primitivos abolidos pela civilização é reabilitado como um interesse racional pela projeção sobre os judeus, não há mais como parar. Ele pode, agora, ser posto em prática, e a realização do mal ainda supera o conteúdo maligno da projeção.²¹⁸

Por isso, desvendar o entrelaçamento entre a natureza e o homem é compreender as principais razões pelas quais a humanidade volta a reproduzir, à luz da racionalidade mítica, a sua desesperada volta à *ameaça mítica*. Trata-se de uma experiência vinculada ao desespero e ao retorno das práticas miméticas do sacrifício, em que os judeus não passam de bodes expiatórios. O indivíduo moderno está adoentado, e sua doença leva-o ao desespero. Desesperado, ele procura um rumo, um viés para minimizar o seu sofrimento. Porém, “com a enfermidade do indivíduo, o aparelho intelectual aguçado do homem atua de novo contra os homens como a arma cega da pré-história animal, que ele nunca deixou de ser para a espécie, ao se voltar contra o resto da natureza”.²¹⁹ Os narcóticos oferecidos para o sujeito seduzem-no a experienciar o sofrimento como algo “evitável” ou esquecê-lo para a superação de sua angústia e dor.

A relação estabelecida entre o sujeito e a natureza é de violência, pois, na tentativa da cura, envolve seu próprio corpo que está adoentado e fragilizado. Essa violência contra si mesmo compromete sua relação com o exterior, porque a realidade afeta diretamente o sujeito. Nefastos ao sujeito, “os medos e as idiosincrasias atuais, os traços do caráter escarnecidos e detestados, podem ser

²¹⁸ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p.153.

²¹⁹ Idem, p.156.

interpretados com marcas de progressos violentos ao longo do desenvolvimento humano”.²²⁰ Os nazistas reproduzem uma violência em seu íntimo e a projetam para fora de si com ações mais violentas contra os judeus. A partir dessa afirmação, é possível perceber, segundo Adorno e Horkheimer, que há uma proto-história da subjetividade, que se reproduz sob o signo da radicalidade da tecnologia moderna à *luz da razão esclarecida*. Por isso, “a autoconservação continua a ter, enquanto instinto natural e como os demais impulsos, uma má consciência”.²²¹ A racionalidade moderna, que é sistemática e objetiva, ideologiza as experiências míticas ao mesmo tempo em que as substitui para poder sobreviver.

Por fim, numa perspectiva crítica, de acordo com Adorno e Horkheimer, é possível considerar, que o esclarecimento precisa estabelecer condições para poder proporcionar uma análise de seus limites. Antes de tudo, ele deve se horrorizar consigo mesmo, de sua ignorância, de sua ilegitimidade e de sua degeneração para com seu esclarecimento. “Afim de contas, disso eu entendo, são os *statements* (declarações, enunciados) conclusivos que são falsos”²²² e perigosos que devem ser colocados ao crivo da crítica autêntica. “Os inteligentes sempre facilitaram as coisas para os bárbaros, porque são tão estúpidos”²²³ a fim de preservarem a sua superioridade racional como mentores dos projetos que conduzem a humanidade à barbárie.

Percebemos que a humanidade está doente; está num *estado constante de barbárie*. Pergunta-se: é possível pensar uma razão esclarecida crítica? É possível encontrar na *Dialética do Esclarecimento* uma racionalidade dialética que tenha um potencial tão radicalmente crítico que exponha as entranhas das lógicas que usa para se autojustificar continuamente?

A resposta advém da própria questão e de tudo o que foi até aqui proposto. A própria racionalidade deve passar pelo crivo de uma (auto) crítica. O método dialético-negativo possibilita transformar o pensamento em potencial crítico, que analisará a realidade na qual ele está inserido e a sua tarefa de refletir criticamente sobre ela. Portanto, a filosofia mantém-se em estado de alerta para poder averiguar sua tarefa de pensar os conceitos e o real –

²²⁰ Idem, p.79.

²²¹ Idem, p.79.

²²² Idem, p.173.

²²³ Idem, p.173.

... a função da Teoria Crítica torna-se clara se o teórico e a sua atividade específica são considerados em unidade dinâmica com a classe dominada, de tal modo que a exposição das contradições sociais não seja meramente uma expressão da situação histórica concreta, mas também um fator que estimula e que transforma.²²⁴

Evidencia-se então que a Teoria Crítica permanece não somente presente em Adorno e Horkheimer nos seus diversos escritos, mas se recria continuamente, pois a razão de seu existir perdura. Atual como nunca, ela é um contraponto à teoria da racionalidade instrumental e do aparato científico. Segundo Duarte, “os esforços de Horkheimer e Adorno para manter a discussão em um alto nível filosófico levam-nos, em primeiro lugar, a insistir na importância da teoria”,²²⁵ para descortinar o que ainda permite o pensamento crítico penetrar. O pensamento crítico, nas palavras de Adorno e Horkheimer, “que não se detém nem mesmo diante do progresso, exige hoje que se tome partido pelos últimos resíduos de liberdade, pelas tendências ainda existentes a uma humanidade real, ainda que pareçam impotentes em face da grande marcha da história”.²²⁶

²²⁴ HORKHEIMER, Max. **Filosofia e Teoria Crítica**. Trad. Edgar A. Malagodi e Ronaldo P. Cunha. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 136. (Os Pensadores).

²²⁵ DUARTE, Rodrigo. **Dizer o que não se deixa dizer: para uma filosofia da expressão**. Chapecó: Argos, 2008, p. 29.

²²⁶ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 9.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A racionalidade moderna possibilitou o avanço da tecnologia, a liberdade extrema do progresso da ciência justificada por esse mesmo progresso. Trouxe avanços que atingiram grandes populações, mas também, e principalmente, inúmeras transformações rápidas à humanidade, que possibilitaram transformações nas estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais em vista de interesses econômicos da burguesia capitalista. Para melhor entender este fato, a Teoria Crítica apontou alguns profundos questionamentos em relação ao uso inadequado, negativo dos recursos tecnológicos disponíveis. Os resultados são novas atrocidades contra a própria humanidade (guerras, campo de extermínio, imposição econômica e política aos países periféricos e emergentes dos centros econômicos, etc.) e as estruturas que dominam o próprio ser humano. O esclarecimento moderno, ao proclamar a liberdade como máxima indeclinável e desde sempre auto-justificada, o progresso da ciência e o desenvolvimento tecnológico, permanece preso a um sistema sociopolítico que tem sua fundamentação na “autodestruição do esclarecimento”, ou seja, no recalçamento de sua semente crítica. Está fundamentado numa ideologia hegemônica e opressora. Dessa forma, constitui-se a argumentação de que “na luta contra o mito, a razão fica, por assim dizer, contagiada pelas forças às quais se opõe e cairá no seu desenvolvimento ulterior, nos mesmos mecanismos de ofuscamento que criticava originariamente no mito”.²²⁷ Ou, nas palavras dos autores, “os mitos, como os encontraram os poetas trágicos, já se encontram sob o signo daquela disciplina e poder que Bacon enaltece como o objetivo a se alcançar”.²²⁸ Portanto, infere-se que desde essa abordagem o conceito de esclarecimento tout court é totalitário e existiu, de algum modo, desde os primórdios da civilização humana – pois já estava presente nos mitos por ele lidos como “irracionais”. Enfim, o esclarecimento desde o início da história da humanidade é progressivo, exerce seu poder sobre a natureza externa por causa do medo da natureza e da busca da sobrevivência pelo processo crescente da abstração da natureza. Por isso, a tese principal do conceito de esclarecimento desenvolvida por Adorno e Horkheimer: “o mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por

²²⁷ GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete aulas sobre a linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p.107

²²⁸ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 20.

reverter à mitologia”, - para perceber o eixo central da Teoria Crítica, a saber, uma crítica à racionalidade instrumental e a aplicabilidade do progresso tecnológico que resultou em novas catástrofes contra a humanidade.

Na busca pela sobrevivência, ocorreu, na concepção de Adorno e Horkheimer, uma espécie de *quebra de relação entre a humanidade e a natureza*. Na modernidade, o domínio sob a natureza exterior se fortalece ainda mais por causa da ciência matematizada. Mas há também a luta do ser humano consigo mesmo, denominado por Adorno e Horkheimer de “natureza interna”. O homem luta consigo mesmo para poder exercitar seu destino tenebroso e regressivo. Ulisses, como protótipo do homem burguês, origem da subjetividade moderna, segundo Adorno e Horkheimer, procura instrumentos para equilibrar as ideologias de resistência que se prolongam sem rupturas a fim de preservar a sua vida. Essas resistências se transformam em ideologias reprimidas que se manifestam no ser humano de forma violenta e agressiva.

Por conseguinte, ‘Auschwitz’ emerge no obscurantismo/ofuscamento frutos da racionalidade instrumental e do processo de desencantamento do mundo pelo qual os indivíduos submersos em ideologias de recalque dos elementos míticos presentes na racionalidade reforçam o prognóstico de que o esclarecimento é avassalador. Este esclarecimento encontra-se estritamente ligado à ‘infatigável autodestruição’ de sua consciência e de uma racionalidade que seja crítica. ‘Auschwitz’ resulta da aplicabilidade *prática e efetiva* da racionalidade instrumental. Foi um “programa do esclarecimento” para expandir seu domínio ou sua dominação, ligado às catástrofes permanentes, para poder se firmar mediante uma racionalidade unilateral. A perseguição contra os judeus e os intelectuais críticos, entre outros grupos de “outros”, é produto da racionalidade instrumental que prevalece violentamente, em todos os sentidos desse termo, sobre um pensamento crítico.

O entrelaçamento entre mito e esclarecimento é identificado pelos autores como fonte de angústia, reação ao medo e de um impulso crescente para o progresso e ao domínio da natureza. No entanto, o homem contemporâneo se reveste de antigas ideologias e aquém delas, prolonga a sua sobrevivência pelo exercício do poder, sendo que os indivíduos são marcados sob o signo do desencantamento, da desmitologização das experiências históricas temporais da relação do homem com a natureza em vista de sua sobrevivência. A especificidade da dominação esclarecida segundo Rodrigo Duarte,

Inicia-se, portanto, em função da necessidade de garantir sua sobrevivência material, para o que ele desenvolve sua racionalidade tanto no sentido da obtenção de meios imediatos de subsistência, quanto no de estabelecer uma organização social visando prolongar a possibilidade dessa subsistência. Mas o primeiro objetivo – o mais imediato – parece absorver totalmente o segundo, instaurando uma espécie de ditadura da autoconservação, na qual, o despertar do sujeito é comprado com o reconhecimento do poder como princípio de todas as relações.²²⁹

No mito, se dá o início do processo da formação de pensamento abstrato, pois há uma separação entre os deuses (sujeito) e natureza (objeto) para poder justificar a intervenção e a ação divina na história. Ao separarem-se, a natureza passa a perder sua autonomia e sua força por meio da coerção racionalizada do natural. Para Ulisses, a questão não é somente sua luta interior e nem mesmo o sacrifício relativamente aos deuses, mas há um terceiro elemento: a luta com o *outro* sujeito que pode tomar o seu lugar, caso não consiga retornar a sua terra no devido tempo.

Outro elemento fundamental é a crítica que Adorno e Horkheimer fazem à razão instrumental em si. A razão perdeu a sua capacidade de ser reflexiva e o pensar filosófico dialético está atrelado a uma teoria tradicional que se corrompeu ao se deixar orientar pela concepção filosófica do positivismo lógico e de uma racionalidade abstrata. A razão instrumental provocou a derrota do pensamento reflexivo, crítico; todavia, este não está aniquilado, mas recalcado sob aparências de razão sadia. Por isso, cabe à filosofia despertar um pensamento nos indivíduos que seja reflexivo-crítico a fim de ser resistência à racionalidade instrumental.

Sobre a atualidade do pensamento filosófico de Adorno e Horkheimer, Albrecht Wellmer afirma que, “a crítica não era algo externo ao pensar e ao filosofar, porém a própria essência do pensar”.²³⁰ Pelo viés da Teoria Crítica, Adorno e Horkheimer argumentam e justificam a possibilidade de construir uma linguagem e uma racionalidade para além da estrutura instrumental hegemônica, mesmo que seja aparentemente “muda”, como contraponto à racionalidade instrumental.

Por fim, faz-se necessário não deixar de considerar que o exercício da reflexão e do discernimento é um processo exigente e de *inconformação* com as

²²⁹ DUARTE, Rodrigo. **Adornos**: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano. Belo Horizonte: UFMG, 1997. p. 51.

²³⁰ WELLMER, Albrecht. Acerca da negatividade e autonomia da arte. Sobre a atualidade da estética de Adorno. In: **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 155. p. 27-54, out./dez, 2003. p. 27.

teorias tradicionais que permanecem petrificadas na sua visão de mundo e no seu universo filosófico fechado. Tal exercício é um fazer contínuo, significativo e sobretudo corajoso daqueles que buscaram e buscam refletir de forma crítica contra as injustiças e as monstruosidades praticadas contra a humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de Theodor Adorno e Max Horkheimer

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

ADORNO, Theodor W. **Dialética Negativa**. Trad: Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

_____. **Mínima Moralía**. 2. ed. Trad. Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 1992.

_____. **Teoria Estética**. (Trad: Arthur Morão). Lisboa: Ed.70, 1988.

_____. Teoria da semicultura. **Revista Quadrimestral de Ciência da Educação**. Campinas, ano XVII, n. 56. p. 338-41, dez. 1996.

_____. **O fetichismo na musica e a regressão da audição**. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores). p. 166-191.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Centauro, 2003.

_____. **Teoria Crítica I**. Observações sobre Ciência e Crise. Trad. Hilde Cohn. São Paulo: Perspectiva, 1990.

_____. **Filosofia e Teoria Crítica**. Trad. Edgar A. Malagodi e Ronaldo P. Cunha. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores). p. 154-161.

_____. **Teoria Tradicional e Teoria Crítica**. Trad. Zeljko Loparic e Andréia Maria A. C. Loparic. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores). p. 117-154.

Obras sobre Theodor Adorno e Max Horkheimer

ASSOUN, Paul-Laurent. **A Escola de Frankfurt**. Trad. Elena Cardoso). São Paulo: Ed. Ática S.A, 1991.

BAHIA, Ricardo. **Das luzes à desilusão**: o conceito de indústria cultural em Adorno e Horkheimer. Belo Horizonte: Autêntica/FCH-FUMEC, 2004.

DALBOSCO, Cláudio. Racionalidade, esclarecimento e emancipação na perspectiva de Adorno e Horkheimer. In: CENCI Ângelo (Org.). **Ética, racionalidade e modernidade**. Passo Fundo: EDIUPF 1996.

DUARTE, Rodrigo A. de Paiva. **Adorno/Horkheimer & a Dialética do Esclarecimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

_____. **Adornos:** nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

_____. **Mímesis e racionalidade:** a concepção de domínio da natureza em Theodor W. Adorno. São Paulo: Loyola, 1993.

_____. **Dizer o que não se deixa dizer:** para uma filosofia da expressão. Chapecó: Argos, 2008.

_____. Sobre o conceito dialético de esclarecimento. In: TIBURI, Marcia; DUARTE, Rodrigo (Orgs.). **Seis leituras sobre a *Dialética do Esclarecimento***. Ijuí: UNIJUÍ, 2009. p. 13-26.

FREITAG, Barbara. **A teoria crítica ontem e hoje.** 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

FREITAS, Verlaine. **Para uma dialética da alteridade:** a constituição mimética do sujeito, da razão e do tempo em Theodor. Adorno. 2001. Tese (Doutorado em Filosofia e Ciências Humanas). Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2001. Edição revista em 2006.

_____. TERTIUM NON DATUR: a dicotomia espírito/natureza na moral esclarecida e em sua Crítica. In: TIBURI, Marcia; DUARTE, Rodrigo (Orgs.). **Seis leituras sobre a *Dialética do Esclarecimento***. Ijuí: UNIJUÍ, 2009. p. 43-68.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Lembrar, escrever, esquecer.** 2. ed. São Paulo: 34, 2009.

_____. **Sete aulas sobre linguagem, memória e História.** Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GEYER, Carl Friedrich. **Teoría Crítica:** Max Horkheimer y Theodor Adorno. Barcelona/Caracas: Ed. Alfa, 1985.

HERMANN, Nadja. A indústria cultural. In: TIBURI, Marcia; DUARTE, Rodrigo (Orgs.). **Seis leituras sobre a *Dialética do Esclarecimento***. Ijuí: UNIJUÍ, 2009.

JAMESON, Fredric. **O marxismo tardio:** Adorno, ou a persistência da dialética. Trad: Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Boitempo, 1997.

JAY, Martins. **As idéias de Adorno.** Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 1988.

_____. **A imaginação dialética: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de pesquisa social, 1929-1950.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

JIMENEZ, Marc. **Para ler Adorno.** Trad. Roberto Ventura. Rio de Janeiro: Francisco. Alves, 1977.

MATOS, Olgária. **Os arcanos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução.** São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. **O Iluminismo Visionário: Benjamin, leitor de Descartes e Kant.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. Introdução à obra. In: HORKHEIMER, Max. **Teoria Crítica I.** Trad. Hilde Cohn. São Paulo: Perspectiva, 1990. p. 12-22.

MÜHL, Eldon Henrique. Modernidade, racionalidade e educação: a reconstrução da Teoria Crítica por Habermas. In: PUCCI, Bruno; OLIVEIRA Newton Ramos; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **A educação danificada: contribuições à Teoria Crítica da educação.** Petrópolis: Vozes; São Carlos: EFScar, 1997. p. 242-263.

_____. Crítica à racionalidade instrumental: as contribuições de Adorno e Horkheimer. In: CENCI Ângelo (Org.). **Ética, racionalidade e modernidade.** Passo Fundo: UPF 1996. p. 61-80.

NOBRE, Marcos. **A Teoria Crítica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. A crise da racionalidade moderna: uma crise de esperança. In: _____. **Ética e racionalidade moderna.** São Paulo: Loyola, 1993. Cap. 4, p. 68-94.

_____. Crítica do capitalismo a partir das vítimas. **Revista Eclesiástica Brasileira.** Rio de Janeiro: Vozes, v. 52. p. 14-28, mar. 1992.

PERIUS, Oneide. **Esclarecimento e Dialética Negativa.** Sobre a negatividade do conceito em Theodor W. Adorno. Passo Fundo: IFIBE 2008.

PUCCI, Bruno; OLIVEIRA Newton Ramos; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Adorno: o poder educativo do pensamento crítico.** Petrópolis: Vozes, 2000.

RABAÇA, Silvio Roberto. **Variantes críticas: a Dialética do Esclarecimento e o legado da Escola da Frankfurt.** São Paulo: Annablume, 2004.

ROSIN, Nilva. **Arte e racionalidade: estudo sobre a superação da racionalidade crítica em Adorno e Horkheimer.** Passo Fundo: IFIBE, 2007.

ROUANET, Sergio Paulo. **As Razões do Iluminismo.** 2. ed. São Paulo: Companhia. das Letras, 2009.

RÜDIGER, Francisco. **Theodor Adorno e a crítica à indústria cultural: Comunicação e teoria crítica da sociedade.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SANTOS, Marcelo Leandro dos. **Constelação Vital: da vida excitada à vida incitada, um ensaio sobre o pensamento de Theodor W. Adorno.** 2010. 175 f. Tese (Doutorado em Filosofia). Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2909>.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Adorno**. São Paulo: Publifolha, 2003.

SOARES, Jorge Coelho. A imaginação dialética de Rolf Wiggershaus. In: WIGGERSHAUS, Rolf. **A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política**. Trad. Lilyane Deroche-Gurgel. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2006.

SOUZA, Ricardo Timm de. **Adorno & Kafka: paradoxos do singular**. Passo Fundo: IFIBE, 2010.

_____. **Razões plurais - itinerários da racionalidade ética no século XX: Adorno, Bergson, Derrida, Levinas, Rosenzweig**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. Por uma crítica da razão opaca - sobre os “elementos do anti-semitismo – limites do esclarecimento”, da *Dialética do Esclarecimento* de Adorno e Horkheimer” In: TIBURI, Marcia; DUARTE, Rodrigo (Orgs.). **Seis Leituras sobre a Dialética do Esclarecimento**. Ijuí: UNIJUÍ, 2009. p. 79-96.

TIBURI, Marcia. **Crítica da razão e mimesis no pensamento de Theodor Adorno**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

_____. **Uma outra história da razão e outros ensaios**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

_____. Sobre a burrice ou luzes últimas da Dialética do Esclarecimento. TIBURI, Marcia; DUARTE, Rodrigo (Orgs.). **Seis leituras sobre a Dialética do Esclarecimento**. Ijuí: UNIJUÍ, 2009. p. 97-114.

THOMSON, Alex. **Compreender Adorno**. Trad. Rogério Bettoni. Petrópolis: Vozes, 2010.

VAZ, Alexandre Fernandez. Da Teoria Crítica e a sua recepção: Adorno e Horkheimer revisitados. In: RABAÇA, Silvio Roberto. **Variante críticas: a Dialética do Esclarecimento e o legado da Escola da Frankfurt**. São Paulo: Annablume, 2004.

VALLS, Alvaro. Adorno e “Ulisses ou Mito e Esclarecimento”. In: TIBURI, Marcia; DUARTE, Rodrigo (Orgs.). **Seis leituras sobre a Dialética do Esclarecimento**. Ijuí: UNIJUÍ, 2009. p. 27-42.

WELLMER, Albrecht. Acerca da negatividade e autonomia da arte. Sobre a atualidade da estética de Adorno. In: **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 155, p. 27-54, out.-dez. 2003.

WERLANG, Júlio César. **Educação, cultura e emancipação: estudo em Theodor Adorno**. Passo Fundo: IFIBE, 2005.

WIGGERSHAUS, Rolf. **A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política**. Trad. Lilyane Deroche-Gurgel. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2006.

ZAMORA, José Antonio. **Th. W. Adorno - pensar contra a barbárie**. Trad. Antonio Sidekum. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2008.

Outras obras

BACON, Francis. **Novum Organum**. Trad. José Aluysio Reis de Andrade. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BICCA, Luiz. O alcance da crítica da racionalidade instrumental. In: _____. **Racionalidade moderna e subjetividade**. São Paulo: Loyola, 1997. Cap. 9, p. 209-217.

COSTA, José A. da. **Dialética: Um acerto de contas de Marx com Hegel**. Passo Fundo: Berthier.

FLICKINGER, Hans Georg. **Marx e Hegel: o porão de uma filosofia social**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

FREDERICO, Celso. **O jovem Marx (1843-1844): as origens da ontologia do ser social**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. O esquematismo kantiano e a crítica à indústria cultural. **Revistas Studia Kantiana**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1. p. 85 -105, nov. 2003.

FROMM, Erich. **Análise do Homem**. Trad. Octavio Alves Velho. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

GRAYEFF, Felix. **Exposição e interpretação da filosofia teórica de Kant: um comentário às partes fundamentais da Crítica da Razão Pura**. Trad. Antônio Fidalgo. Lisboa: 70, 1987.

GIROUX, Henry. **Teoria Crítica e resistência em educação: para além das teorias de reprodução**. Trad. Ângela Maria B. Biaggio. Petrópolis: Vozes, 1986.

HOMERO. **Odisséia**. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Trad: Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. Resposta à pergunta: que é esclarecimento (Aufklärung)? In: _____. **Textos Seletos**. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1974.

LUCKÁCS, G. **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. Trad. Rodinei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Trad de Reginaldo Sant'Anna. Livro I. São Paulo: Difel, 1985.

PUCCI, Bruno; OLIVEIRA Newton Ramos; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **A educação danificada**: contribuições à Teoria Crítica da educação. Petrópolis: Vozes; São Carlos: EFScar, 1997

SOUZA, Ricardo Timm de. **Justiça em seus termos**: dignidade humana, dignidade do mundo. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

_____. **Totalidade & Desagregação** – sobre as fronteiras do pensamento e suas alternativas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

_____. **O tempo e a máquina do tempo** – Estudos de Filosofia e pós-modernidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

TÜRCKE, Christoph. O nascimento mítico do logos. In: DE BONI, Luis. (Org.). **Finitude e Transcendência**: Festschrift em homenagem a Ernildo J. Stein. Petrópolis: Vozes, 1995.

ZIZEK, Slavoj (Org.). **Um mapa da ideologia**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.